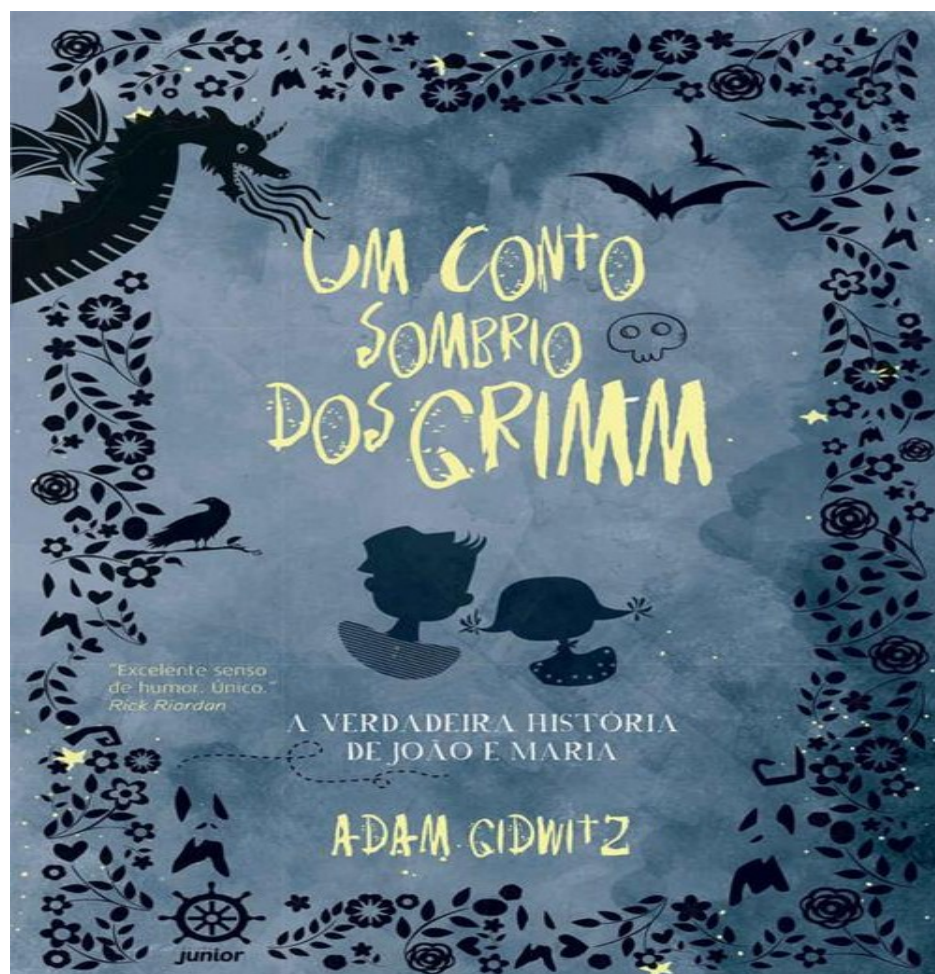




dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

UM CONTO SOMBRIO DOS GRIMM

A VERDADEIRA HISTÓRIA
DE JOÃO E MARIA

ADAM GIDWITZ

Tradução de
RODRIGO ABREU

1ª edição

GALERA
junior

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G385c

Gidwitz, Adam

Um conto sombrio dos Grimm [recurso eletrônico] : a verdadeira história de João e Maria / Adam Gidwitz ; tradução Rodrigo Abreu. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.

recurso digital

Tradução de: A tale dark and grim

Continua com: Outro conto sombrio dos Grimm

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-09013-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Rodrigo. II. Título.

16-33161

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

A tale dark and Grimm

Copyright © Adam Gidwitz, 2010

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Design de capa: Marília Bruno Rocha e Silva

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09013-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.
Atendimento e venda direta ao
leitor:
mdireto@record.com.br ou (21)
2585-2002.



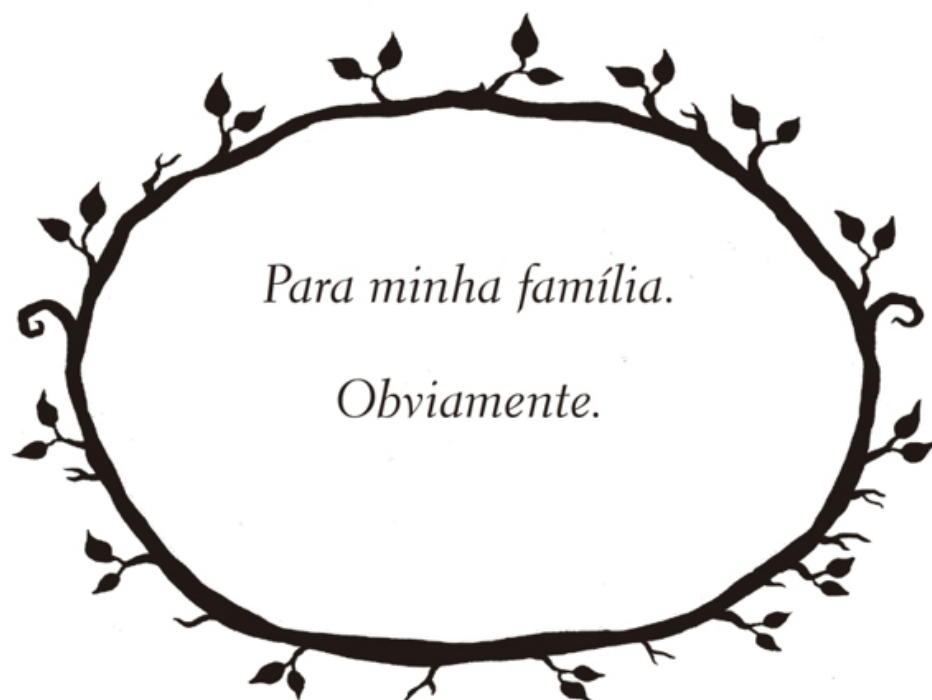
Continue lendo se tiver coragem...

Essa próxima história é realmente sinistra. Coisas terríveis acontecem. Vocês podem ficar um tanto assustados — estou me dirigindo às crianças maiores nesse momento.

Quanto às menores, se ainda estiverem por perto, devo advertir, devo *implorar*: faça com que desistam. Não deixem que escutem essa história. Elas podem ter pesadelos depois. Não, elas *vão* ter pesadelos depois.

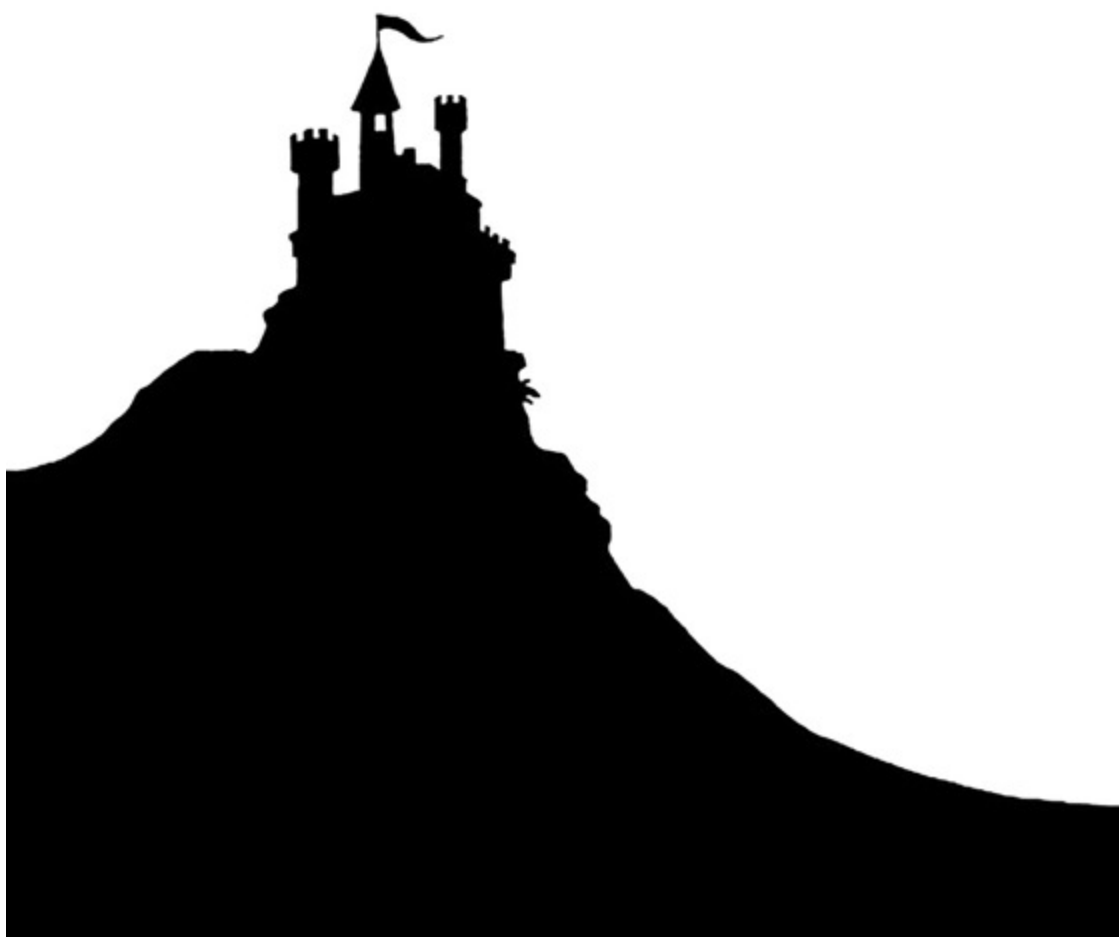
Pelo menos, leiam antes, em silêncio. Então, se acharem que elas conseguirão aguentar, talvez, *quem sabe*, vocês possam ler para elas em voz alta. Daí a culpa será toda sua se elas não dormirem direito por uma semana.





Para minha família.

Obviamente.



SUMÁRIO

O FIEL JOHANNES

JOÃO E MARIA

AS SETE ANDORINHAS

IRMÃO E IRMÃ

UM SORRISO VERMELHO COMO SANGUE

OS TRÊS FIOS DE CABELO DOURADO

JOÃO E MARIA E O REINO DESTRUÍDO

JOÃO E MARIA E O DRAGÃO

JOÃO E MARIA E SEUS PAIS

Houve um tempo em que contos de fadas eram incríveis.

Eu sei, eu sei. Vocês não acreditam em mim. Não me surpreendo. Até pouco tempo atrás, eu mesmo não teria acreditado. Meninas com capuzes vermelhos saltitando pela floresta? Incrível? Duvido.

Até que me debrucei sobre os livros. Os verdadeiros contos de Grimm. Nesses quase não há menininha de capuz vermelho alguma.

Bom, na verdade, tem uma. Mas ela é devorada.

— Certo — você provavelmente está se perguntando —, se contos de fadas são tão legais, por que a maioria dos que ouço parece um tédio infinito?

Vocês sabem como funciona esse negócio de história. Alguém começa a contar. Um outro repete mudando um pouquinho. O próximo modifica ainda mais. Logo, logo, alguém está tirando todas as cenas assustadoras e sangrentas — em outras palavras, as partes mais legais — ao contar para o filho e, quando você menos espera, virou um conto de fadas sobre uma garotinha adorável com um capuz vermelho, saltitando pela floresta para levar

biscoitos para a vovozinha. E você está tão entediado que desmaiou no chão.

As verdadeiras histórias dos irmãos Grimm não são assim.

Observem *João e Maria*, por exemplo. Duas crianças gulosas tentam comer a casa de uma bruxa, então ela decide cozinhá-los para o jantar em vez disso — o que me parece justo. Mas antes que ela consiga colocar seu plano (perfeitamente razoável) em prática, eles a trancam num forno para que seja assada até a morte.

E isso é muito legal, vocês precisam admitir.

Mas talvez não seja incrível.

Exceto que — e aqui está a questão — essa não é a verdadeira história de João e Maria.

Pois vejam bem, existe outra história escondida nos *Contos de Grimm*. Uma saga que se desenrola ao longo de toda aquela premissa obscura e misteriosa — como uma trilha de migalhas de pão despejada ao longo de uma floresta. Ela aparece em narrativas que talvez você nunca tenha ouvido falar, como *O fiel Johannes* e *Irmão e Irmã*. E também em algumas que você já conhece — *João e Maria*, por exemplo.

É a história de duas crianças — uma menina chamada Maria e um menino chamado João — viajando por um mundo mágico e nefasto. É a história de duas crianças batalhando e

fracassando e depois não fracassando mais. É a história de duas crianças descobrindo o significado das coisas.

Antes de continuar, um aviso: as histórias dos *Contos de Grimm* — aquelas que não foram alteradas para poupar crianças menores — costumam ser violentas e bastante sangrentas. E o relato que se segue, o único realmente verdadeiro dentre todos, é o mais violento e sangrento que você poderia imaginar.

Sério.

Então, se você não curte esse tipo de coisa, talvez seja melhor parar nesse momento.

Vejam bem, o mundo dos Grimm pode ser um lugar bem angustiante. Mas vale a pena ser explorado. Afinal de contas, é nas zonas mais escuras da vida que se encontra a beleza mais iluminada e a sabedoria mais profunda.

E, claro, a maior quantidade de sangue.





Era uma vez um reino chamado Grimm, onde um velho rei estava deitado em seu leito de morte. Ele era o avô de João e Maria — mas não sabia disso, pois nem João nem Maria haviam nascido ainda.

Agora calma.

Sei o que vocês devem estar pensando.

Tenho total consciência de que ninguém quer ouvir uma história que acontece antes dos personagens principais aparecerem. Essas são muito chatas, porque sempre acabam exatamente da mesma forma. Com os personagens principais aparecendo.

Mas não se preocupe. Essa história é bem diferente de todas que vocês já ouviram.

Vejam bem, João e Maria não simplesmente *aparecem* no final.

Eles aparecem.

E são decapitados.

Um pequeno detalhe.

O velho rei, sabendo que estava prestes a bater as botas, solicitou a presença de seu criado mais leal e antigo. O nome dele era Johannes; mas como tinha servido o pai do rei, e o pai de seu pai, e o pai do pai de seu pai tão lealmente, todos o chamavam de O Fiel Johannes.

Johannes entrou cambaleando com as pernas arqueadas, apoiando as costas tortas a cada passo e olhando de relance com seu único olho bom. Seu nariz comprido farejava o ar. A boca se fechava em volta de dois dentes apodrecidos. Mas, apesar daquela aparência grotesca, o velho rei exclamou, sorrindo “Ah, Johannes!” assim que o avistou, e pediu para que se aproximasse.

A voz do rei estava fraca quando anunciou:

— Logo estarei dormindo o sono dos justos. Porém, antes que chegue a hora da minha partida, você deve me prometer duas coisas. Em primeiro lugar, prometa que será tão fiel ao meu jovem filho quanto foi a mim.

Sem hesitar, Johannes prometeu.

O velho rei continuou:

— Em segundo lugar, prometa que você lhe mostrará toda sua herança... o castelo, os tesouros, todo esse reino maravilhoso... *menos* um aposento. Não permita que ele entre na sala onde fica o retrato da princesa dourada. Um simples olhar bastará para que ele se apaixone perdidamente por ela. Receio que isso venha a lhe custar a própria vida.

O rei segurou com firmeza a mão de Johannes:

— Prometa.

Novamente Johannes prometeu. Nesse momento, as rugas de preocupação na testa do rei se desfizeram, e seus olhos fecharam num último suspiro.

Não tardou para que o príncipe fosse coroado o novo rei. Desfiles, festejos e banquetes celebraram o acontecimento por todo o reino. Quando a poeira das comemorações finalmente assentou, Johannes o convocou para uma conversa em particular.

Primeiro, o criado descreveu para ele todas as responsabilidades do trono. O jovem rei tentou não pegar no sono.

Em seguida, explicou que o velho monarca tinha lhe pedido que mostrasse ao novo rei toda a herança — o castelo, os tesouros, todo aquele reino maravilhoso. Ao ouvir a palavra *tesouros*, o rosto do rapaz se iluminou. Não que ele fosse ganancioso. Mas ficou instigado com a existência de um tesouro.

Finalmente, Johannes tentou explicar seu próprio papel ao jovem rei.

— Servi seu pai, e o pai de seu pai, e o pai do pai de seu pai — disse Johannes. O jovem rei começou a calcular em seus dedos como aquilo podia ao menos ser possível, mas, antes que ele pudesse terminar a conta, Johannes interrompeu. — Sou chamado de O Fiel Johannes porque devotei minha vida aos Reis de Grimm. A ajudá-los. A aconselhá-los. A atendê-los.

— Entendê-los? — perguntou o jovem rei.

— Não. Atendê-los. No sentido arcaico da palavra. O sentido de me portar debaixo deles. Apoiá-los. Carregar seus problemas e suas dores em meus ombros.

O jovem rei refletiu sobre aquilo.

— Então você me atenderá também? — perguntou ele.

— Sim.

— Não importa o que aconteça?

— Sob quaisquer circunstâncias. Esse é o significado de ser fiel.

— Bem, eu já não estou entendendo mais nada desse assunto chato e gostaria de ver os tesouros agora —

concluiu, se levantando.

O Fiel Johannes balançou a cabeça e suspirou.

Começaram explorando cada centímetro do castelo — as criptas onde guardavam o tesouro, as torres e cada um dos aposentos. Todos, menos um, claro. Um dos cômodos permanecia trancado, mesmo depois de passarem diversas vezes em frente à porta.

O jovem rei não era bobo e logo percebeu a exceção. Então perguntou:

— Por que motivo, Johannes, você insiste em me mostrar todos os aposentos do palácio, mas nunca *essa* sala?

O criado semicerrou seu olho bom e encrespou a boca amarrotada com apenas dois dentes. E falou:

— Seu pai me pediu para que não lhe mostrasse aquele aposento, Vossa Majestade. Ele temia que isso pudesse custar sua própria vida.

Desculpe, mas tenho de parar um minutinho. Não sei o que vocês estão pensando nesse momento, mas quando ouvi essa parte da história pela primeira vez, pensei: “Como assim? Ele pirou?”.

Talvez vocês saibam alguma coisa sobre jovens rapazes, e talvez não saibam. Eu, por já ter sido jovem um dia, tenho algum conhecimento de causa. Uma das coisas que sei é que, se vocês não

querem que um jovem faça algo — por exemplo, entrar numa sala onde está o retrato de uma princesa absurdamente bela — , anunciar que “Isso poderia lhe custar a vida” é possivelmente a pior coisa que poderia ser dita. Porque, a partir daquele instante, nada mais parecerá tão importante quanto aquilo para ele.

Quero dizer, por que Johannes não simplesmente desconversou? Como, por exemplo, respondendo: “É um armário para guardar vassouras. Por quê? Você quer ver um armário para guardar vassouras?”. Ou ainda: “É uma porta falsa, tolinho. Meramente decorativa”. Ou até mesmo: “É o banheiro feminino, Alteza. Melhor nem pensar em dar uma espiada!”

Qualquer uma dessas opções seria perfeitamente aceitável, até onde sei.

Mas ele não falou nenhuma dessas coisas. Se tivesse falado, os terríveis acontecimentos devastadores que viriam em seguida nunca teriam ocorrido.

(Bem, nesse caso, talvez tenha sido melhor ele ter dito a verdade.)

— Custar minha vida? — proclamou o jovem rei, balançando a cabeça. — Mas que bobagem!

E insistiu que o criado permitisse sua entrada no tal cômodo. Primeiro ele exigiu. Mas Johannes recusou. Depois ele ordenou. Ainda assim Johannes recusou. Então ele se jogou no chão e deu um chilique, o que era bastante descabido para um rapaz daquela idade. Finalmente, o Fiel Johannes percebeu que não poderia impedi-lo para sempre. Então, franzindo o rosto gasto e carrancudo, destrancou a porta.

O rei entrou correndo na sala. Imediatamente, deparou-se com o mais belo retrato da mais bela mulher que ele já tinha visto em toda sua vida. O cabelo parecia ter sido fiado com uma trama de ouro puro. Os olhos cintilavam como o oceano num dia ensolarado. E, ainda assim, em volta dos lábios, havia uma ponta de melancolia, de solidão.

O jovem rei encarou uma única vez o quadro e caiu desmaiado.

Mais tarde, em seus aposentos, ele recobrou os sentidos. Johannes se reclinou sobre sua cama.

— Quem era aquela criatura radiante? — quis saber o rei.

— Aquela, Alteza, é a princesa dourada — respondeu Johannes.

— Ela é a mulher mais deslumbrante do mundo — suspirou o jovem rei.

E Johannes concordou:

— Sim, é mesmo.

— E, ainda assim, parece tão triste. Como é possível?

Johannes respirou fundo e proclamou:

— Porque, meu caro rei, ela é amaldiçoada. Todas as vezes em que tentou se casar, o marido faleceu; e dizem que uma tragédia pior que a própria morte está destinada a seus filhos se ela um dia decidir engravidar. Ela vive num palácio de mármore preto, coberto com um teto de ouro, totalmente sozinha. E, como Vossa Alteza pode imaginar, leva uma vida extremamente solitária e extremamente deprimida.

O rei sentou na cama e puxou o Fiel Johannes pela parte da frente da túnica. Apesar de estar olhando fixamente para o rosto enrugado do criado, ele enxergava apenas os olhos da princesa, cristalinos como o mar, e seus lábios dilacerados pela tristeza.

— Ela precisa ser minha — declarou. — Casarei com ela. Eu a salvarei.

— Vossa Alteza pode não sobreviver — advertiu Johannes.

— Sobreviverei se você me ajudar. Se você é fiel a mim, se me atende, você me auxiliará.

Johannes temia pela vida do jovem rei. Mas tinha atendido o pai do jovem rei, e o pai de seu pai, e o pai do pai de seu pai antes dele. O que mais poderia responder?

Johannes suspirou:

— Estou à disposição.

Era de conhecimento geral que, em todos os dias de solidão da princesa dourada, a única coisa capaz de lhe proporcionar um mínimo de felicidade era ouro. Então Johannes aconselhou ao rei que juntasse todo o ouro do reino e ordenasse que seus ourives confeccionassem os mais primorosos objetos existentes no mundo. O que foi imediatamente providenciado.

Então o criado e o rei se disfarçaram de mercadores, carregaram um navio com todo o precioso estoque e zarparam para a terra da princesa dourada.

Enquanto a proa do barco cortava as ondas, Johannes instruía o rei sobre o papel que interpretaria:

— Vossa Alteza se apresentará como um mercador de ouro. A princesa sempre teve um fascínio por esse elemento, mas ultimamente é a única coisa que lhe traz qualquer alegria. Então, quando eu a trouxer para o navio, use não apenas as boas maneiras e sua bela aparência, mas também o ouro, para conquistá-la. Talvez, desse jeito, ela concordará em ser sua esposa.

Quando eles aportaram, o rei preparou o navio e vestiu a fantasia de mercador enquanto Johannes, carregando alguns dos objetos de ouro em sua bolsa, seguiu na direção das enormes muralhas de mármore preto atrás das quais a princesa se escondia. Ele entrou no pátio e encontrou uma criada enchendo um balde feito de ouro com a água de um poço.

— Formosa camareira — cortejou, dando seu sorriso bondoso, porém nada atraente —, você acha que sua

senhora estaria interessada em algumas peças de ouro insignificantes como estas?

Ele então mostrou-lhe duas das mais lindas e primorosas estatuetas que a mão de um homem já produziu.

A moça ficou estarrecida diante de tanta perfeição. Ela tomou as peças das mãos de Johannes e correu para o interior do castelo. Nem dez minutos tinham se passado quando a própria princesa dourada apareceu do lado de fora do castelo, portando as estatuetas. Ela era tão estonteante quanto seu retrato — mais ainda, pra falar a verdade —, e, enquanto cumprimentava Johannes, seu cabelo dourado resplandecia na luz e seus olhos azuis dançavam em êxtase como as ondas. Ainda assim, seus lábios não escondiam a melancolia.

— Diga-me, velho homem — indagou —, essas peças realmente estão à venda? Nunca vi algo tão majestoso, tão delicado.

O Fiel Johannes se curvou:

— E ainda há mais como essas, bela princesa, muito mais. O navio de meu amo está abarrotado de maravilhas semelhantes. E podem ser suas se Vossa Alteza me acompanhar até o porto.

A princesa hesitou por um momento — desde que seu último pretendente tinha convalidado, ela nunca mais tinha colocado os pés para fora do palácio. Mas a sedução do ouro era irresistível. Então, jogou um manto

brilhante sobre os ombros e seguiu Johannes na direção do barco.

O jovem rei, disfarçado de mercador, cumprimentou a princesa. Sua beleza era tão atordoante, sua tristeza tão aparente e tão delicada, que ele quase desmaiou outra vez. Mas, de alguma forma, conseguiu ficar firme, e ela sorriu para ele pedindo que lhe mostrasse todos os tesouros que tinha trazido àquela terra espetacular.

Assim que eles desceram do convés, Johannes correu até o capitão do navio e, com uma voz sussurrada, o instruiu a se afastar da costa e navegar de volta para casa imediatamente.

Agora, meus jovens leitores, sei o que vocês estão pensando. Vocês estão pensando: Hmmm. Sequestrar uma princesa. Essa é certamente uma forma **interessante** de conquistar alguém. **Gostaria que me permitissem uma advertência nesse momento: sob quaisquer outras circunstâncias, sequestrar uma pessoa é basicamente a pior forma de conquistá-la.**

Mas, como aconteceu há muito, muito tempo, numa terra bem distante, parece ter dado certo.

Pois a princesa dourada retornou ao convés e percebeu que estavam bem distante da margem. A princípio, ela

protestou bastante, inclusive um tanto revoltada por estar sendo levada embora por mercadores plebeus. Mas, quando um dos “mercadores” revelou que era um rei e estava perdidamente apaixonado por ela e, além disso, quando Johannes lhe assegurou que se *realmente* quisesse, ela poderia voltar para casa, mas teria que devolver todo o ouro, a princesa percebeu que na verdade o jovem rei era exatamente o tipo de homem com o qual ela adoraria se casar e decidiu que tentaria dar uma última chance pra esse negócio de matrimônio.

E todos viveram felizes para sempre.

Fim

Tem alguma criança pequena por perto? Se tiver, acho melhor deixar pensarem que esse é realmente o fim da história e mandá-las correndo para a cama. Porque é aqui que as coisas começam a ficar, bem... muito incríveis.

Mas de uma forma terrivelmente sangrenta.

Enquanto o navio cortava o mar de cor púrpura, os novos amantes se admiravam, apaixonados, junto à proa. O Fiel Johannes estava sentado no fundo do navio, orgulhoso com o sucesso de seu plano, quando notou três corvos pousarem numa trave do mastro.

O primeiro corvo apontou com o bico para o rei e a princesa:

— Aqueles dois formam um lindo casal — contemplou ele.

E o segundo retrucou:

— Sim. Uma pena que não continuarão assim por muito tempo.

O primeiro perguntou:

— Como assim?

— Bem — esclareceu o segundo —, quando o navio aportar, um belo alazão galopará até junto do cais, e o rei decidirá retornar ao castelo montando nele. Mas, se fizer mesmo isso, será derrubado pelo cavalo e morrerá.

— Meu Deus do céu, que coisa mais terrível! — exclamou o primeiro corvo. — Não existe nada que alguém possa fazer?

— Oh, existe — respondeu o segundo corvo. — Alguém poderia matar o cavalo antes que o rei tivesse a chance de montá-lo. Mas de que adianta? Pois, se alguém fizer mesmo isso, e contar *por que* fez, ele será transformado em pedra, desde as pontas dos dedos dos pés até as dobras dos joelhos.

— Em pedra? — repetiu o primeiro corvo.

— Em pedra — confirmou o segundo.

O terceiro corvo, que estava escutando tudo em silêncio, interrompeu nesse momento.

— E ainda pode piorar — declarou. — Se, por algum acaso, os dois amantes escaparem dessa tragédia, um perigo mais grave ainda os aguarda. Pois, quando chegarem aos portões do castelo, um magnífico vestido de noiva confeccionado com o ouro mais precioso do mundo estará posicionado sobre um canteiro de flores roxas. A princesa vai querer usá-lo imediatamente. No entanto, se sequer encostar nele, será consumida por uma bola de fogo e queimará até se tornar um mero monte de cinzas.

— Meu Deus do céu, que coisa mais cruel! — bradou o primeiro corvo. — Não existe nada que alguém possa fazer?

— Oh, existe — respondeu o terceiro corvo. — Se alguém pegasse o vestido antes dela e o jogasse no fogo,

a princesa sobreviveria. Mas de que adianta? Pois, se alguém fizer isso e contar *por que* fez, será transformado em pedra, desde as dobras dos joelhos até o fundo do coração.

— Em pedra? — repetiu o primeiro corvo.

— Em pedra — confirmou o terceiro.

— E isso não é tudo — proferiu o segundo corvo, de forma um tanto solene. — Pois, se os dois amantes evitarem essa tragédia, uma última os aguarda. Quando estiverem no meio da primeira dança em seu casamento, a nova rainha desabarará desmaiada no chão e morrerá.

— Meu Deus do céu, essa é a pior de todas! — exclamou o primeiro corvo. — Não existe nada que alguém possa fazer?

— Oh, existe — respondeu o terceiro corvo. — Se alguém morder o lábio da nova rainha e sugar três gotas de seu sangue com a boca, ela sobreviverá. Mas de que adianta? Pois, se alguém fizer isso e contar *por que* fez, será transformado em pedra do fundo do coração até topo da cabeça.

— Em pedra? — perguntou o primeiro.

— Em pedra — respondeu o segundo.

— Em pedra — ecoou o terceiro.

E com isso os três corvos sacudiram os bicos negros, suspiraram desconsolados e voaram para longe.

O Fiel Johannes afundou a cabeça nas mãos, pois tinha escutado toda a conversa. Ele sabia o que tinha de fazer e que não teria como ficar tudo bem no final.

Exatamente como os corvos previram, depois que o navio aportou e o rei e sua futura esposa foram saudados por todos os criados e cortesãos do castelo, um belo alazão galopou na direção do grupo. O rei, conquistado pela imponência do bicho, anunciou que o cavalaria triunfante até o castelo. Mas, antes que pudesse montar, Johannes pulou em suas costas, sacou sua espada e degolou o cavalo, encharcando o pelo sedoso de um líquido sanguinolento e espesso. O cavalo desabou no chão imediatamente, sem vida.

A multidão ficou em polvorosa. Os outros criados, que nunca tinham gostado do deformado Johannes, dispararam:

— Matar o novo alazão do rei! Traição! Traição!

O rei intercalava o olhar entre seu leal companheiro e o cavalo morto. Johannes permanecia inexpressivo. Finalmente, o jovem rei pronunciou:

— Johannes foi fiel ao meu pai, e ao pai do meu pai, e ao pai do pai do meu pai. Ele sempre nos atendeu. Então eu o atenderei. Se ele decidiu agir assim, deve ter um bom motivo.

Sem mais um pio sobre o assunto, prosseguiram a pé até o palácio.

Quando chegaram ao portão, avistaram um estonteante vestido de noiva dourado, posicionado sobre um canteiro de rosas roxas.

— Oh! Ele é perfeito para nossa cerimônia de casamento! — exclamou a futura rainha, correndo para

se apoderar da maravilhosa vestimenta.

Mas, antes que pudesse alcançar o vestido, Johannes o arrancou do canteiro de flores e caminhou a passos largos até o salão principal, atirando-o na lareira em chamas.

Novamente, o grupo definiu-se em gritos de choque e consternação. Os criados unidos mais uma vez alegaram:

— Traição! Traição!

Mas o rei fez com que se calassem:

— Johannes sempre foi fiel a mim e a minha família. Então serei fiel a ele. Se ele agiu assim, deve ter um bom motivo.

O jovem rei e a princesa dourada se casaram no dia seguinte. A princesa estava magnificamente deslumbrante, os olhos azuis da cor do mar embevecidos de felicidade. Mas Johannes observava seus movimentos ansiosamente.

Ao adentrarem o salão de festas, a música começou a tocar. No entanto, não haviam avançado nem dois passos quando a noiva repentinamente empalideceu e desabou no chão, desmaiada. Antes que qualquer um pudesse ter alguma reação, Johannes se aproximou, a pegou no colo e a carregou para fora dali.

Ele seguiu em disparada pelos corredores vazios, levando a nova rainha nos braços até chegar numa escadaria estreita e sinuosa que levava à torre mais alta

do castelo — seus aposentos particulares. Quando finalmente chegaram, ele posicionou a rainha cuidadosamente no chão, se ajoelhando sobre ela e, com os dois dentes podres, mordeu-lhe o lábio até fazê-lo sangrar. Então, muito delicadamente, o velho grotesco sugou três gotas de sangue de seus lábios com a boca.

A rainha parecia estar começando a recobrar os sentidos. No entanto, naquele exato momento, o rei entrou correndo no quarto. Ele tinha seguido Johannes por todo palácio e observado por uma fresta na porta enquanto Johannes — seu fiel Johannes de outrora — cometia um ato inconcebível com sua amada esposa.

— Traição! — vociferou, com toda intensidade. — Traição!

Os outros criados rapidamente apareceram para socorrer seu rei.

— Rei! — suplicou Johannes. — Por favor! Confie em mim!

— Levem-no à masmorra! — gritou o jovem rei. — Amanhã, ele morre!

No dia seguinte, Johannes foi arrastado da masmorra até o topo de uma pira funerária, onde foi amarrado enquanto uma tocha era preparada para acender uma imensa fogueira de palha e gravetos.

O rei observava com sua nova rainha ao lado. Ela havia se recuperado totalmente do dia anterior. Mas os

dois estavam vestidos de preto, e seus rostos pareciam sombrios.

— Ele era como um pai para mim — desabafou o jovem rei.

A rainha segurou sua mão.

O carrasco acendeu a tocha e a levou até a pira, suas faíscas se movendo ansiosamente na direção dos gravetos secos. Atrás do rei, criados invejosos murmuravam e sorriam entre si.

Mas, antes que o carrasco pudesse dar início à execução, Johannes implorou aos berros:

— Rei! Fui fiel a Vossa Majestade, e a vosso pai, e ao pai de vosso pai, e ao pai do pai de vosso pai antes dele. Vossa Majestade permite que eu pronuncie algumas palavras antes de morrer?

O jovem rei inclinou a cabeça, desiludido, e concordou:

— Pois não.

Então Johannes começou a falar. Contou sobre os três corvos no navio, explicando a conversa que tinha testemunhado. Narrou a profecia do alazão.

E, assim que terminou de contar essa parte, se transformou em pedra, das pontas dos dedos dos pés até a dobra dos joelhos.

Todos os presentes prenderam a respiração. Mas Johannes prosseguiu.

Ele narrou a profecia dos corvos sobre o vestido de noiva.

E, assim que terminou essa parte, se transformou em pedra, das dobras dos joelhos até o fundo do coração.

Na multidão, queixos caíram.

Finalmente, ele narrou a profecia dos corvos à respeito da primeira dança.

E, quando terminou, se transformou completamente numa estátua de pedra, do fundo do coração até o topo da cabeça.

E assim morreu.

Um escandaloso pranto se alastrou entre os presentes, pois tinham descoberto, tarde demais, que Johannes tinha sido fiel até o último momento e tinha oferecido a própria vida por seu adorado rei.

O rei e a rainha, num esforço para honrar sua memória, levaram o Fiel Johannes, grotesco mesmo petrificado, e o posicionaram ao lado da cama para que, todas as manhãs quando acordassem e todas as noites quando dormissem, pudessem se lembrar de sua lealdade e da grande dívida que tinham com ele.

Fim.

Bem, não exatamente.

É mais como: Começo. Pois é aqui que a narrativa de João e Maria se inicia.

O rei e a rainha logo deram à luz um lindo par de gêmeos, uma menina e um menino. Escolheram os nomes João, para o menino, e Maria, para a menina. Eles representavam tudo que havia de mais sagrado para os pais. João tinha a pele morena como o rei, com cabelos pretos encaracolados e olhos cor de carvão. Maria era branca como a mãe, com cabelos que pareciam verdadeiros fios de ouro e os mesmos olhos cintilantes do azul mais intenso. Eram crianças felizes que adoravam brincar, se divertir e aprontar muito. Elas eram tão felizes, na verdade, que quase conseguiram fazer com que os pais se esquecessem do fiel criado que havia salvado suas vidas e de como eles o haviam tratado com tanta desonra.

Quase. Mas não totalmente.

Um dia, enquanto o rei brincava com João e Maria em seus aposentos e a rainha estava na capela rezando, ele desatou a chorar.

— Ele me atendia — lamentou o rei —, mas eu não o atendi.

Ele caiu de joelhos em prantos ao pé da estátua. Quando suas lágrimas tocaram a pedra, um milagre

aconteceu. Johannes falou.

— Existe um jeito — proferiu o Johannes de pedra — para me resgatar deste estado petrificado, caso você realmente deseje isso, meu caro rei.

— Oh, como eu quero! — bradou o rei. — Farei qualquer coisa! Qualquer coisa de verdade!

Então o velho Johannes revelou...

Não há nenhuma criança pequena por perto, certo? Vocês têm certeza? Tá bom...

Então o velho Johannes revelou:

— Vossa Majestade deve cortar a cabeça de seus filhos e espalhar o sangue em minha estátua. Assim, e apenas assim, poderei voltar a viver.

Vocês se lembram do que eu disse que aconteceria quando João e Maria finalmente aparecessem?

O rei desabou sobre a cama, soluçando ainda mais. Mas percebeu que não havia escolha.

— Você me atendeu sempre, independentemente do que fosse — concluiu. — Então eu o atenderei.

Então se levantou, chamou João e Maria para perto de si, sacou uma espada que estava pendurada na parede e

decepoa suas cabeças. Os corpos despencaram sem vida
no chão.

Não falei?

O rei juntou o sangue das crianças nas mãos e espalhou por toda a estátua. Exatamente como tinha anunciado, Johannes voltou à vida, coberto com o sangue das crianças. E o rei, apesar do sangue e das lágrimas que derramava pela morte dos próprios filhos, jogou os braços em volta do fiel criado.

Fim.

Por pouco.

Johannes deu seu típico sorriso torto e carinhoso declarou:

— Vossa Majestade me atendeu, na pior das circunstâncias.

Em seguida, posicionou a pequena cabeça de João de volta sobre seu corpo e a pequena cabeça de Maria sobre o dela, e instantaneamente eles começaram a pular e brincar como se nada tivesse acontecido, como se não estivessem cobertos de sangue. E o rei os abraçou e então abraçou Johannes mais uma vez e todos riram alegremente.

Fim.

Quase.

Pois, naquele exato momento, o rei ouviu os passos da rainha ecoando no corredor. Ele olhou para Johannes ressuscitado e para suas crianças, cobertas de sangue.

— Rápido! — ordenou, empurrando todos para dentro de um guarda-roupa.

Quando a rainha entrou no quarto, ele perguntou como tinham sido suas preces. Ela respondeu:

— Mal consigo rezar. Penso apenas em Johannes e na péssima forma com que conduzimos tudo aquilo.

Foi a deixa para que o rei insinuasse:

— E se eu lhe dissesse, querida rainha, que haveria uma forma de compensar nossa dívida com Johannes e trazê-lo de volta à vida, mas que seria um ato terrível que exigira que sacrificássemos o que há de mais sagrado para nós. O que você responderia?

— Qualquer coisa! — bradou a rainha. — Qualquer coisa que esteja ao nosso alcance precisa ser feita! Nós devemos isso a ele!

— Mesmo se isso significasse matar nossos dois filhos? — perguntou o rei.

A rainha engasgou e caiu no chão, num pranto amargurado. Por fim, declarou:

— Eu nunca faria isso. Nunca seria capaz. Mas sei que é nossa obrigação. Nós devemos nossas vidas a ele.

— Graças a Deus você disse isso! — exclamou o rei.
— E é por isso que...

Ao pronunciar essas palavras, ele abriu as portas do guarda-roupa, do qual saíram seus dois filhos amados, totalmente cobertos de sangue, seguidos por um Johannes vivíssimo e respirando. A rainha deu um berro e desmaiou. O rei jogou uma bacia cheia de água fria em seu rosto, e ela acordou e gritou novamente. Então o rei explicou tudo que havia acontecido para ela, que chorou e riu e jogou os braços em volta de seus filhos e depois em volta de Johannes e então abraçou todos juntos e chorou e riu um pouco mais.

Fim.

Mais ou menos.

Vejam bem, da forma como os irmãos Grimm contam a história, ela termina aqui. Mas, na verdade, não termina. Não mesmo.

Pois, quando o rei relatou o que tinha acontecido à esposa, João e Maria ouviram tudo. E compreenderam tudo.

Naquela madrugada, eles estavam deitados em suas camas, sem conseguir dormir.

— João — falou Maria.

— Que foi, Maria?

— Você escutou o que papai disse?

— Aham.

— Ele cortou nossas cabeças para salvar aquele homem velho e horroroso.

João ficou em silêncio.

— E mamãe ficou feliz por ele ter feito isso. Você acha que eles nos odeiam?

João permaneceu em silêncio.

— Acho que deveríamos fugir — falou Maria. — Para o caso de decidirem fazer isso de novo.

— Era exatamente o que eu estava pensando — respondeu João. — Exatamente o que eu estava pensando...





Era uma vez duas crianças que deixaram sua casa para trás e adentraram o mundo selvagem que havia fora dela.

Tudo estava escuro ao redor da planície real quando João e Maria percorreram o gramado nivelado dos jardins do castelo até atravessarem o fosso na entrada. Eles nunca tinham saído do palácio sozinhos e sabiam pouca coisa sobre o vasto universo para além de seus muros. Mas estavam assustados com a atitude do pai. E

acreditavam do fundo de seus pequenos corações que pais não deveriam matar seus filhos, e por isso acreditavam que encontrar uma nova família, com ótimas qualidades como uma família deve ter, seria o pior castigo para puni-los.

Mas como encontrar uma família assim? Não tinham nenhuma opção a não ser andar, e andar, andar até que alguma aparecesse pelo caminho.

Então eles andaram, andaram e andaram, até o solo firme amolecer debaixo dos seus pés. Logo perceberam que tinham entrado num pântano coberto de lama, onde espectros de fogo-tolo se agitavam e rãs-touro coaxavam. Não parecia muito confiável. Mas seguiram em frente.

Quando o sol nasceu na manhã seguinte e o pântano ainda parecia interminável, Maria começou a se preocupar.

— Acho que ficaremos perdidos para sempre! — exclamou a menina.

João acrescentou:

— E não há comida em lugar nenhum.

Mas João estava errado. Pois, exatamente naquele momento, ambos avistaram uma coisa sensacional: uma casa, bem no meio do pântano. Suas paredes tinham cor de bolo de chocolate, e seu teto de glacê cintilava sob o sol. Bem devagar, os dois viajantes famintos se aproximaram.

— Estou morrendo de fome — confessou João.

— Eu também — concordou Maria.

— Isso aqui tem cara de bolo — comentou João.

— E tem cheiro de bolo — concordou Maria.

— Vamos comer! — bradou João.

— *Mmmggrgmmm!* — Tentou concordar a menina, mas sua boca já estava entupida do macio bolo de chocolate coberto por uma calda deliciosa.

Naquele exato momento, a porta se abriu e uma mulher com um avental de confeitadeira apareceu na entrada da casa.

— Quem está comendo minha casa?! — berrou ela.

João escondeu a mão cheia de bolo atrás das costas. O rosto de Maria estava coberto de chocolate.

— Ninguém — respondeu João.

Maria concordou com a cabeça, engolindo.

A confeitadeira se acalmou quando viu que eram duas crianças:

— Vocês devem estar perdidos se estão aqui no meio do pântano totalmente sozinhos! Estão com fome?

Maria assentiu e tentou pegar outro punhado de bolo da parede sem ser vista.

— Bem, não comam minha casa! — disse a confeitadeira, rindo. — Vamos entrando que eu preparo um café da manhã de verdade para vocês!

Eles aceitaram o convite, e ela preparou ovos de ganso com bacon de javali selvagem e uma linda fatia grossa de pão alemão com muita manteiga. Eles estavam tão entupidos depois do café da manhã e tão

exaustos depois de viajarem a noite toda, que a gentil confeitadeira arrumou uma cama para os dois e deixou que descansassem o dia inteiro.

Quando acordaram, uma maravilhosa refeição de salsichas, batatas e leite gelado esperava por eles.

— Obrigado, mas não estou com fome — agradeceu João.

— Ah, mas você precisa se alimentar para recuperar sua força! — argumentou a confeitadeira.

Então as crianças comeram. Tudo estava delicioso.

A confeitadeira aproveitou para perguntar quais eram seus nomes.

— Essa é Maria — respondeu João enquanto enfiava uma colherada grotescamente transbordando de batatas em sua boca. — E eu sou o irmão dela, João.

Então a confeitadeira quis saber como eles tinham chegado até ali. Eles tomaram cuidado para não revelar que eram da realeza, caso a senhorinha cismasse em levá-los volta ao castelo para os pais assassinos. Mas contaram que suas cabeças tinham sido decepadas (o que ela achou difícil de acreditar) e que estavam procurando uma família carinhosa em que esse tipo de coisa não acontecesse.

— E que nos deixe comer bolos infinitamente? — acrescentou Maria, de forma esperançosa.

A velha sorriu e trouxe um enorme bolo de chocolate.

— Oba! — gritou João.

Maria enfiou um pedaço na boca.

As duas crianças se hospedaram na casa da confeitadeira por várias semanas. Todos os dias elas faziam três refeições enormes, além de um lanche entre o almoço e o jantar e outro antes de dormir. Podiam comer o quanto quisessem, e tiravam o máximo proveito disso. Maria se empanzinava de bolo de chocolate sem parar, lambuzando as bochechas rosadas com a cobertura como se fosse uma pintura de guerra. João não deixava por menos.

Certa noite, enquanto estavam deitados na cama com horríveis dores de barriga, João perguntou à irmã:

— Você acha que aqui é o Paraíso? A confeitadeira faz todo o trabalho, nós podemos comer o quanto queremos e nunca temos de fazer nada.

— Deve ser o Paraíso — contemplou Maria.

Então João fez mais uma pergunta:

— Maria, você sente saudades de nossos pais?

Maria tentou refletir sobre o assunto. Mas não conseguiu se concentrar. Estava muito ocupada degustando a parede.

Estava longe de ser o Paraíso, obviamente. Pois, como vocês bem sabem, a confeitadeira estava planejando devorá-los.

Mas ela não era uma bruxa. Os Irmãos Grimm a classificam como bruxa, mas isso está longe de ser verdade. Era apenas uma mulher qualquer que

tinha descoberto, logo após o nascimento de seu segundo filho, que, apesar de gostar de frango e de gostar de carne vermelha e de gostar de porco, o que ela realmente, mas realmente adorava era criança.

Vocês podem imaginar como essa descoberta aconteceu.

Quando eu era pequeno, minha mãe costumava dizer:

— Oh, você é tão fofinho! Esses bracinhos! Essas perninhas! Esse bumzito!

(Essa era a palavra que minha mãe usava para meu bumbum.)

Então completava:

— Dá vontade de morder!

E parecia que ia mesmo.

Seus pais alguma vez já disseram algo parecido? A maioria dos pais adora fazer esse tipo de declaração, vocês sabem. É totalmente normal. Apenas tenham cuidado para não deixar que eles realmente experimentem vocês.

Bem, a confeitadeira achou os filhos tão deliciosos que decidiu passar o resto da vida tentando encontrar outras crianças para degustar. Ela preferia que fossem bem rechonchudas, então sempre fazia questão de engordá-las antes de partir para o abate. E era justamente por isso que

estava tratando João e Maria com toda aquela regalia.

O que mais seria motivo para deixar que os dois ficassem de papo para o ar o dia inteiro, sem nenhuma tarefa, sem trabalhar, sem aprender nada? Por que mais iria prendê-los dentro de uma casa de bolo de chocolate e deixar que se entupissem o quanto quisessem, sem nenhuma advertência sobre acabarem virando gordos e preguiçosos como porcos num chiqueiro?

Pais devem criar seus filhos para crescerem fortes, saudáveis e inteligentes. A confeitadeira estava fazendo justamente o contrário, empanturrando tanto as crianças e oferecendo tão poucas atividades que o único resultado era ficarem mesmo cada vez mais fracas, gordas e lerdas.

Suficientemente lerdas para que Maria nem questionasse quando a velha pediu para ela limpar a imensa gaiola misteriosa nos fundos da casa e então trancasse a porta com ela do lado de dentro. Suficientemente gordas para que João nem tivesse vontade de sair de casa para procurar a irmã. Suficientemente fracas para, quando a confeitadeira explicou para João que eles engordariam Maria por mais uma semana para só então comê-la, João não conseguir sequer reagir.

Até que chegou o dia de comer Maria.

— Ela vai dar um belo assado — especulou a confeitadeira. — Um pouco de alecrim, uma pitada de sal, depois deixamos no forno por três ou quatro horas. Desse jeito, a carne soltará todinha dos ossos.

Ela arrastou o gorducho João até o porão da casa, onde havia um forno enorme.

— Preciso que você cheque a temperatura, querido — pediu a confeitadeira. — Vou ligar o termostato, e você entra pra conferir. Quando sua pele estiver com aquele cheirinho de tostada, estará no ponto ideal para colocarmos sua irmã.

Então empurrou João para dentro e lacrou a porta.

O forno foi ficando cada vez mais quente, e João começou a suar. Então um cheiro delicioso flutuou até suas narinas.

Oh, não!, pensou. *Estou assando!* Ele deu uma fungada no ar à volta. *E o cheiro está uma delícia!*

Mas ele não estava. Era apenas o resto de uma coxa de ganso que ele tinha escondido no bolso da calça durante o jantar no dia anterior e esquecido de comer antes de dormir. Estava tão quente lá dentro que sua pele estava enrugando. A confeitadeira também sentiu o cheiro e desceu para conferir.

— Você já está no ponto? — perguntou ela.

Mas João balançou a cabeça e deu outra mordida na coxa de ganso. A mulher franziu a testa e fechou a porta do forno.

Eu provavelmente deveria ter dito que sim, refletiu o menino. *Que droga!*

Ele terminou a coxa de ganso e continuou a suar. Logo outro cheiro delicioso chegou até suas narinas.

Oh, não!, ele pensou. *Agora estou assando com certeza!* Ele deu uma fungada no ar à volta. *E o cheiro está uma delícia!*

Mas ele não estava. Eram três fatias de bacon que ele havia enfiado nas meias durante o café da manhã. Estava tão quente lá dentro que a gordura estava chiando e espocando. A confeitadeira também sentiu o cheiro e desceu para conferir.

— Você já está no ponto? — perguntou ela.

Mas João balançou a cabeça e devorou a segunda fatia de bacon. A mulher franziu a testa e fechou a porta.

Eu provavelmente deveria ter dito que sim, refletiu o menino. *Que droga!*

João acabou com o bacon e continuou a suar. Logo, logo, mais outro cheiro delicioso chegou até suas narinas.

Oh, não!, ele pensou. *Não tem como eu não estar assando agora!* *E o cheiro está uma delícia! Parece bolo de chocolate!*

Dessa vez ele estava certo. Ele *estava* assando. E *realmente* estava cheirando a bolo de chocolate, de tanto que tinha se entupido daquilo desde que tinha chegado à casa da confeitadeira. A mulher sentiu pelo aroma que agora era pra valer e desceu a escada pra conferir.

— Você já está no ponto? — perguntou ela.

Mas João balançou a cabeça:

— Acho que não está quente o suficiente aqui. — Ele deu de ombros. — Esse cheiro não passa de um pouco de bolo de chocolate que guardei na minha cueca.

— Como pode não estar quente o suficiente aí?! — bufou ela. — Deixe-me verificar! — Então rastejou para dentro do forno, afastando João do caminho. — Ele me parece bem quente! — retrucou.

João tinha aproveitado o descuido para escapar para fora dali. Olhou para trás e viu a velha — corada, maléfica e suando —, sentada dentro do forno incandescente.

— Ei! — gritou para João. — O que você pensa que está fazendo?

Um pensamento escapuliu pelo seu cérebro, confuso por tanta comida.

— Estou resgatando minha irmã e eu — retrucou, esperto — de mais um adulto terrível.

Então bateu e lacrou a porta do forno.

— Ei! Deixe-me sair! — gritou a confeitadeira. — Ei, seu garotinho idiota, deixe-me sair!

João olhou fixamente para ela pela grade da porta.

A confeitadeira começou a suar ainda mais. Seu rosto estava queimando.

— Desculpe! — rugiu a confeitadeira. — Sinto muito pelo que fiz. Não quero morrer! Apenas deixe-me sair. Deixe-me sair!

O rosto de João parecia sereno.

— Por favor? Por favor! Eu posso morrer aqui. Posso morrer!

João esboçou um pouco de pena dela. Mas certamente não a deixaria sair.

Então subiu a escada e escapou da casa pela porta dos fundos, encontrando Maria sentada naquela gaiola imunda.

— Você está com fome? — perguntou.

Ela olhou para cima.

— O jantar está no forno — acrescentou ele.

Mas Maria não estava com fome.

E, além disso, ele estava apenas brincando.

Fim.

Bem, essa não é uma história ruim. Mas é um crime, um crime, que seja a única parte da história de João e Maria que as pessoas conheçam.

Sim, sim, quase ser devorado por uma confeitira psicopata é ruim. Mas nem de perto tão ruim quanto o que vem pela frente.

E, por falar nisso, as crianças menores podem ter gostado desta. Ou, pelo menos, provavelmente conseguiram escutar até o final sem gritar até que as cabeças explodissem.

Na verdade, se alguma criança menor acabou escutando esta história, não tem problema. Olá, crianças pequenas. Mas as coisas ficam muito piores daqui em diante. Então por que vocês não contratam uma babá para ficar com eles enquanto isso e depois continuamos?





Era uma vez um homem que vivia com a esposa e os sete filhos numa pequena cabana confortável no meio de um pequeno vilarejo. Os filhos eram fortes e obedientes, a esposa era gentil e carinhosa; dava pra imaginar que eles eram uma família muito feliz. E, na maior parte do tempo, eram mesmo. Mas o pai não estava tão contente quanto parecia. Vejam bem, ele queria ter uma filha mais que qualquer coisa no mundo. Mas, como ele e sua esposa haviam tentado sete vezes e fracassado em

todas elas, ele agora estava resignado com a ideia de que esse desejo nunca se realizaria.

Imaginem sua surpresa, então, quando numa certa noite, um menino e uma menina bateram à porta perguntando se podiam entrar e passar um tempo morando ali. Eles explicaram que tinham fugido juntos de dois lares diferentes; um em que tinham sido decapitados pelos próprios pais e outro em que uma mulher tenebrosa tinha tentado devorá-los. O homem balançou a cabeça para eles como se balançasse a cabeça conversando com pessoas malucas.

Mas, ao ver essa casinha aconchegante no centro do vilarejo, com a luz de velas cintilando em todas as janelas, as crianças tinham chegado à conclusão de que aquela seria uma casa digna de uma boa família, muito mais que um palácio ou uma casa de bolo, e que seus habitantes provavelmente cuidariam delas com muito amor e não tentariam machucá-las. Então, tinham decidido que talvez não fosse má ideia passar o resto da vida morando ali se o homem e sua esposa não se importassem.

Obviamente, o homem ficou encantado (talvez suas cabeças realmente tivessem sido decepadas. E daí? Quem se importava?). Todo esbaforido, ele acompanhou João e Maria — pois eram eles as duas crianças, claro — e pediu à esposa que preparasse o jantar. Em seguida, correu e mandou seus sete filhos irem até o poço da cidade buscar água para o banho.

— Quem vai tomar banho? — perguntou o mais velho.

— Seu novo irmão e sua nova irmã! — gritou o pai, feliz. — Agora vão, depressa!

Os rapazes ficaram bastante intrigados com a novidade. Mas eles sabiam muito bem que o pai costumava perder a cabeça quando ficava com raiva e tinham medo de desagradá-lo, então levantaram juntos a grande banheira de madeira sobre os ombros e dispararam na direção do poço.

Enquanto isso, a mãe colocava um prato fumegante de carne e batatas ensopadas diante das crianças.

Maria hesitou:

— Nós teremos de fazer tarefas se passarmos a morar aqui com vocês? — perguntou ela.

A mulher foi delicada, porém assertiva quando declarou:

— Sim.

— E teremos de ir à escola?

— Claro — respondeu a mulher, séria.

— Excelente.

Maria agradeceu o jantar, e ela e João começaram a comer, lentamente e de forma nada ansiosa.

Enquanto isso, o pai se perguntava onde estaria a banheira de suas novas crianças. Pois os sete irmãos, na pressa para não desagradar o pai, tinham deixado a banheira escorregar e cair dentro do poço.

— Ele vai ficar uma fera! — exclamou o mais velho.

O mais jovem antecipou:

— Certamente vamos levar uma surra!

Então se reuniram em volta do poço, tentando encontrar uma solução.

Em casa, o pai parecia mais impaciente a cada minuto que passava.

— Onde estão aqueles garotos idiotas? — sussurrou para a esposa enquanto ela arrumava a cozinha. — Nossos novos filhos vão querer tomar banho a qualquer momento!

Depois de alguns minutos, ao perceber que os garotos ainda não tinham retornado, o homem praguejou:

— São mesmo uns inúteis! Seria ótimo se simplesmente se transformassem em pássaros e voassem para bem longe!

Naquele exato momento, os sete garotos se transformaram em sete andorinhas e debandaram pelo céu da noite. Eles passaram em revoada pela janela da cozinha de sua antiga casa antes de desaparecerem na floresta próxima dali. A mulher viu a cena e confrontou o marido, furiosa. Mas ele argumentou que talvez fosse melhor assim, pois sempre tinham desejado ter uma filha mais que todos os outros filhos, e fez a esposa prometer jamais confessar às novas crianças o que tinha acontecido. Afinal de contas, concluiu, nada de bom poderia resultar da revelação. Com lágrimas relutantes nos olhos, a mãe concordou.

A princípio, tudo correu tranquilamente naquela pequenina casa tão aconchegante. Os novos pais de João e Maria eram muito carinhosos e sempre cuidavam especialmente bem de Maria. Mas as crianças logo começaram a se preocupar. Seu novo pai estava feliz, mas a mãe parecia carregar uma tristeza descomunal dentro de si para onde quer que fosse. Maria, em particular, amava muito a nova mãe. Não conseguia suportar vê-la assim tão desolada.

— Conta, Mãe! — suplicava ela. — Conta pra mim porque você está desse jeito!

Mas ela sempre disfarçava com uma risada e mandava a menina ir fazer outra coisa.

João e Maria também começaram a perceber outras coisas esquisitas. Seu quarto tinha sete camas, então sempre perguntavam aos pais para que serviam. Eles explicavam que aquele tinha sido um quarto de hóspedes antes dos irmãos terem se mudado pra lá, mas Maria não acreditava nessa história.

— Quem recebe sete hóspedes ao mesmo tempo e coloca todos pra dormir no mesmo quarto? — refletia em voz alta.

João estava menos preocupado. Certo dia, ele flagrou o pai contemplando as sete camas vazias com uma lágrima pendurada na ponta do nariz. Mas não soube quais conclusões tirar daquele gesto. Além disso, estava feliz por estar num lugar onde seu pai não cortaria sua cabeça e sua mãe não tentaria assá-lo para o jantar.

Mas Maria estava ficando cada vez mais desconfortável vivendo ali. Ela ouvia boatos pela cidade:

— Oh, são ótimas crianças, sim. Mas que sacrifício! Todos os sete filhos de uma vez!

E se preocupava cada vez mais com a melancolia da nova mãe.

Algun tempo depois, uma das crianças da cidade contou a Maria toda a história, e algumas outras, com olhos arregalados e sérios, a confirmaram. Todo mundo numa cidade pequena sabe de tudo da vida de todos.

— Não podemos mais morar aqui! — implorou ela ao irmão naquela mesma noite. — É nossa culpa os meninos terem se transformado em andorinhas! Precisamos fazer algo a respeito disso!

João estava devastado.

— Não existem bons pais em nenhum lugar do mundo? — resmungou ele.

— É minha culpa — declarou Maria, pois as crianças tinham lhe contado o quanto o pai queria uma filha. — Ele fez isso por minha causa. — Ela se virou para João. — Temos de encontrá-los.

— O quê? Quem?

— As andorinhas.

— Como vamos encontrar sete passarinhos lá fora? — perguntou ele, e apontou para a janela do quarto dos dois.

O gesto foi tão fraco e insignificante que fez o “lá fora” parecer completamente inconquistável.

Maria não tinha ideia. Mas sabia que precisavam fazer alguma coisa, ou seu coração se despedaçaria de culpa. João não nutria grandes esperanças de conseguir encontrá-los — mas tinha começado a se preocupar com a possibilidade do novo pai desejar que *e/e* também se transformasse numa andorinha. Então concordou em tentar.

Quando a noite estava em seu auge e os novos pais estavam dormindo, João e Maria fugiram escuridão adentro em busca das sete andorinhas. Caminharam a madrugada inteira e o dia seguinte inteiro e a noite seguinte também.

— Ainda não sei como vamos fazer para encontrá-los — suspirou João.

Maria balançou a cabeça. Porém, quando o sol nasceu na manhã seguinte cegando seus olhos, Maria exclamou:

— Já sei! O sol! Ele pode nos ver aonde quer que estejamos. Ele deve saber o que aconteceu aos sete meninos-andorinhas! Vamos perguntar a ele!

João achou que ela havia enlouquecido. Por outro lado, não tinha nenhuma ideia melhor.

Então João e Maria escalaram a árvore mais alta da floresta, até estarem bem no topo, perto do sol. Tentaram conversar com ele, mas era muito quente e cruel. Eles

tiveram de esconder os rostos. João puxou Maria pela camisa.

— Acho que ele come crianças — falou João, baixinho.

Maria considerou que ele provavelmente estava certo. Então desceram da árvore e retomaram a caminhada.

Naquela noite, enquanto a lua se erguia sobre as árvores, Maria disse:

— A lua nos vê tanto quanto o sol. E ela não é tão quente e cruel. Vamos perguntar a ela!

Então eles escalaram a árvore mais alta e chegaram o mais perto possível da lua. Ela não era quente e cruel. Mas era gelada e assustadora.

— Fi-fá-fô-fança, acho que sinto cheiro de carne de criança! — cantarolou.

João e Maria desceram em disparada da árvore.

Sim, a lua realmente cantarolou aquilo. Não, eu também não achava que a lua comia crianças. Mas é o que está escrito, de verdade, no original dos irmãos Grimm. E eu pesquisei. É verdade.

Apavorados e abatidos, João e Maria seguiram viagem até chegarem a um belo lago que cintilava com o brilho das estrelas.

— Nós estamos andando há uma eternidade — reclamou João. — Nunca os encontraremos! Não

podemos simplesmente desistir?

Mas a culpa de Maria estava borbulhando como uma panela de pressão dentro dela.

— É minha culpa que os filhos da nossa nova mãe desapareceram — gemeu Maria.

Ela começou a chorar, e suas lágrimas caíram no lago reluzente. Quando pousaram, acabaram sacudindo o reflexo das estrelas na água, fazendo com que elas acordassem de seu sono resplandecente.

— De quem seriam estas lágrimas que nos acordam? — perguntaram as estrelas.

A princípio, João e Maria se ressabiaram. Será que estrelas brilhantes também comiam crianças? Mas elas pareciam ser bem mais simpáticas que o sol escaldante ou a lua assustadora. Então Maria contou às estrelas todos os seus problemas.

— Nós vimos as sete andorinhas voando — confirmaram as estrelas. — Elas vivem na Montanha de Cristal. Vocês podem salvá-las, mas isso exigirá muita coragem e sacrifício. Serão meses de uma jornada bastante turbulenta até lá. Se decidirem prosseguir, levem esse osso de galinha com vocês. Ele abrirá a porta da Montanha de Cristal, que permitirá que as sete andorinhas sejam soltas.

Naquele exato momento, as crianças notaram um osso de galinha debaixo da superfície da água, na beira do lago.

João não queria ir.

— Meses — choramingou ele.

Mas Maria suplicou:

— Por favor, João!

Ela segurou seu braço e o apertou. A princípio João resistiu, mas, ao perceber que a irmã não mudaria de ideia (e que seu braço estava ficando dormente), concordou relutantemente em acompanhá-la.

Então, Maria guardou o osso de galinha em seu bolso e as duas crianças viajaram por um mês e um dia, e então mais um, e então mais outro. Passaram por florestas sombrias e campos ensolarados, desertos escaldantes e pântanos cobertos de lama. Cresceram muito durante suas viagens, ficando com o corpo forte e robusto pelas dificuldades e a perseverança. Maria carregava sua culpa ardente sempre consigo, mas conseguia suportá-la com a certeza de que estava no caminho de solucionar a dor.

Finalmente, os irmãos chegaram a uma enorme cadeia de montanhas e seguiram em meio à neve e ao vento impiedosos. O pico das montanhas se erguiam em volta deles, brancos e pontudos como dentes afiados de uma fera de mármore. Acima, o céu estava pálido e translúcido, mas muito, muito frio. Suas bochechas ficaram vermelhas de tão ressecadas, e seus lábios azuis de congelados. João quis voltar. Mas Maria não deixou.

Depois de dias e dias de escalada, eles finalmente chegaram à Montanha de Cristal. Ela era enorme — a coisa mais maravilhosa que eles já tinham visto. Seus

penhascos cristalinos se erguiam diretamente do gelo e da neve que estavam na base. Francelhos e esmerilhões giravam em volta de seus cumes, guinchando para os céus.

— É lindo — murmurou João, e Maria balançou a cabeça, sem palavras. — Finalmente — disse, aliviado. — Eu não conseguiria dar mais um passo.

Diante deles estava uma enorme porta feita de gelo com o buraco da fechadura do tamanho exato de um dedo — ou um osso de galinha. Maria enfiou a mão no bolso.

Mas não encontrou nada. Então enfiou a mão mais fundo, e mais fundo, e mais fundo, até sentir o ar frio dos alpes soprando em volta de seus dedos. Seu bolso estava furado.

Ela havia perdido o osso.

Eles procuraram em volta.

— Quando foi a última vez que você lembra de ter mexido nele? — perguntou João. — Ontem à noite? Na noite anterior?

Mas Maria não conseguia se lembrar e foi se apavorando cada vez mais. Logo estava caída no chão, chorando até seu pequeno corpo quase se despedaçar.

— Todos esses meses — lamentou, aos prantos — para nada! As coisas pelas quais te obriguei a passar! E decepcionei nossa nova mãe!

João envolveu Maria com seu casaco pesado e, quando a noite se aproximou, se deitou ao seu lado para

dormir.

Mas Maria não conseguia dormir. Depois de muitas horas, suas lágrimas secaram. Mas ela ainda só conseguia pensar em seu fracasso. Sua culpa queimava como o vento cortante. Então as estrelas apareceram, trazendo a memória do fracasso à tona e fazendo Maria se sentir tão culpada, tão boba, tão imprestável que não conseguia nem mesmo olhar para elas.

Quase ao nascer do sol, contemplou a longa trilha que ela e João tinham percorrido. Teriam de fazer o mesmo caminho para voltar, sem ter conquistado nada. Mais meses e meses de sofrimento. E durante todo esse tempo, uma culpa latejante pulsaria dentro dela.

De repente, Maria correu até a porta da Montanha de Cristal e começou a bater com toda a força, implorando para que a deixassem entrar. Ela bateu tão forte, na verdade, que se cortou num caco de gelo. Acabou acordando o irmão adormecido, que se ofereceu para cuidar do ferimento. Mas ela recusou.

— Prefiro que piore ainda mais — declarou.

Nesse momento, apanhou uma lasca de gelo, tão afiada quanto uma faca, e apertou contra seu dedo médio, arrancando-o de sua mão. João olhou, embasbacado. O rosto de Maria estava branco, e sua voz tremeu, aliviada:

— Agora posso consertar tudo.

Mesmo com o buraco onde o dedo costumava ficar sangrando sem parar, ela se levantou e caminhou, séria

e determinada, para a porta da montanha. Enfiou o dedo decepado na fechadura e girou.

A porta abriu.

Desculpe. Eu gostaria que tivesse sido possível pular essa parte. Sinceramente. Maria decepando o próprio dedo? E depois enfiando num buraco de fechadura?

Se houvesse alguma dúvida sobre a veracidade dessa parte da história, eu não teria sequer mencionado nada disso. Talvez ela pudesse ter encontrado outro osso de galinha. Ou talvez, se tivesse feito um desejo com toda força e pronunciado uma palavra mágica, a porta pudesse ter aberto sozinha.

Mas não restam dúvidas quanto ao que aconteceu com seu dedo. Além disso, se eu tivesse pulado essa parte, vocês estariam se perguntando por que Maria tinha apenas nove dedos no final do livro. E isso me lembra outra pergunta que vocês provavelmente estão fazendo.

Como a porta abriu?

Não sei. Porque um dedo humano é suficientemente parecido com um osso de galinha, imagino. E por que mesmo um osso de galinha, pra começo de conversa? De novo, não sei. Não faço a menor ideia como um osso de galinha ou um dedo

humano possam abrir o portão da Montanha de Cristal. (Quanto à localização da Montanha de Cristal, ela é bem precisa e, se vocês estiverem mesmo interessados, eu acharia ótimo compartilhar essa informação. É só escrever para mim perguntando.)

Agora, preciso advertir sobre algumas coisas a respeito de cortar o próprio dedo, para o caso de alguma criança pequena estar lendo ou ouvindo esta história — o que seria quase inacreditável, devido a todas as coisas tenebrosas que já aconteceram. Cortar o próprio dedo, meus caros amigos, é provavelmente a coisa mais estúpida que você poderia fazer. Nem pensem em tentar. Vocês não serão capazes de abrir nada com seu dedo. Maria foi a única.

Por quê?

Já disse. Não sei.

Embora possivelmente tenha algo a ver com sacrifício.

No instante em que a porta se abriu, uma revoada de asas pretas derrubou as crianças sobre a neve, e sete andorinhas saíram de dentro da montanha. Elas aterrissaram no chão, seus olhos negros estudando João e Maria curiosamente.

— Não funcionou — lamentou Maria, decepcionada, reparando que a ferida em sua mão começava a doer de verdade.

João observou as andorinhas avançarem em silêncio pela neve branca. Não sabia o que dizer. Os rapazes ainda eram pássaros. Ele queria chorar.

Depois de alguns momentos de silêncio doloroso e confuso, Maria se abaixou ao lado da andorinha menor.

— Está na hora de voltar para casa, passarinho — acalentou a menina. — Sua mãe está com saudades de vocês.

A andorinha continuou a olhar fixamente para ela.

João pensou novamente no pai dos meninos e lembrou daquela imagem da lágrima discreta pendurada na ponta do nariz dele.

— Seu pai também está com saudades de vocês — completou.

De repente, as garras nos pés das andorinhas ficaram mais macias e suas perninhas pretas começaram a se esticar e a engrossar. Suas asas se abriram até pequenos dedos aparecerem nas pontas, seguidos dos punhos, cotovelos e todo o resto. Os olhos negros empalideceram, e as penas deram lugar a roupas e cabelos quando, finalmente, num círculo em volta de João e Maria, materializaram-se os sete irmãos.

— Ele estão com saudades da gente? — perguntou o menor de todos.

João e Maria, atônitos com a transformação, confirmaram mudos balançando a cabeça.

Os meninos começaram a comemorar, e, depois de algum tempo se abraçando e rindo, o mais velho se voltou para João e Maria e os convidou a entrar na Montanha de Cristal, onde todos beberam leite quente, comeram biscoitos Floresta Negra e conversaram até a madrugada.

No dia seguinte, os irmãos convidaram João e Maria a voltarem para casa com eles.

João e Maria disseram que precisavam discutir o assunto. Quando conseguiram um momento sozinhos, João declarou:

— Não quero, Maria. Não quero ir com eles. — Maria assentiu, concordando solenemente. João sentou, sisudo, no chão. — Não quero viver com um pai que seria capaz de agir dessa forma com os próprios filhos.

Ele então refletiu sobre os outros pais e mães que tinha conhecido. O próprio pai tinha cortado sua cabeça. A confeitadeira tinha tentado devorar Maria. E agora esse novo pai tinha amaldiçoado seus filhos, transformando todos em pássaros.

Maria estava pensando a mesma coisa. Ela passou a mão pelo buraco em sua mão onde antes havia um dedo. Então olhou para João. Ele estava mais alto e mais robusto do que ela já tinha visto. Os dois tinham crescido muito ao longo da dura jornada até a Montanha de Cristal.

— Talvez a gente não precise de pais — argumentou ela. — Talvez conseguíssemos tomar conta de nós mesmos.

— Sim! — bradou João, se levantando com um salto. — Vamos viver totalmente sem nenhum daqueles adultos terríveis!

E, então, as duas crianças corajosas, agora um pouco mais velhas e muito mais sábias, e com apenas dezenove dedos em suas quatro mãos, decidiram se aventurar pelo mundo para descobrir uma vida que pudessem chamar de sua.

Nem vou me dar mais ao trabalho de dizer “Fim”. Vocês já estão carecas de saber que não é.

Quanto à próxima história, ela é realmente sinistra. Coisas terríveis acontecem. Vocês podem ficar um tanto assustados — estou me dirigindo às crianças maiores nesse momento.

Quanto às menores, se ainda estiverem por perto, devo advertir, devo implorar: mandem elas embora. Não deixem que escutem o que vem a seguir. Elas podem ter pesadelos depois. Não, elas vão ter pesadelos depois.

Pelo menos, leiam antes, em silêncio. Então, se acharem que elas conseguirão aguentar, talvez, quem sabe, vocês possam ler em voz alta para

**elas. Daí a culpa será toda sua se elas não
dormirem direito por uma semana.**





Um belo dia, um irmão e uma irmã deram as mãos (sendo que uma delas tinha um dedo a menos) e desceram pelas montanhas brancas de neve, atravessaram montes de relva esverdeada e chegaram a uma floresta deslumbrante.

Árvores se agigantavam sobre eles como os pilares do Paraíso — retilíneas e colossais, esticadas até céu. Pássaros pairavam, cantando junto aos seus rostos. Pequenos roedores — târnias, esquilos, camundongos —

corriam para dentro e para fora dos arbustos. Um cervo apareceu com olhos atentos atrás de um canteiro de samambaias, para logo em seguida fugir apressado atrás de sua mãe. Tudo parecia mais colorido e mais cheio de vida que em todos os outros lugares pelos quais João e Maria haviam passado.

A força contagiante daquele espaço começou a dominar as crianças. João disparou na frente da irmã, saltitando entre as samambaias e voltando no maior pique, como um cachorro quando consegue se soltar da coleira. Maria ria, cantarolava e colhia marianinhas, margaridas e outras flores silvestres.

— Podemos construir uma vida aqui! — exclamou para o menino.

João gritou de volta, empolgado, correndo atrás de um melro que voava baixo.

Logo os dois alcançaram uma clareira onde havia uma árvore imponente. Ela se estendia até uma altura tão imensurável que mal dava para distinguir onde os galhos mais baixos começavam, embora pudesse ser vista, se reparassem com muita atenção, uma coroa verde bem acima deles. Maria se assustou quando discerniu, na madeira da árvore, o que parecia ser o rosto de uma mulher. Ele era talhado na madeira da casca, com cabelos castanhos envolvendo uma face delicada de olhos arregalados. Maria se aproximou, hipnotizada.

— Que árvore magnífica — elogiou.

— Obrigada — respondeu a árvore.

Agora talvez você tenha estranhado Maria não ter dado um pulo de susto, ou João tropeçando num pedaço de tronco convenientemente posicionado logo atrás de onde estavam, mas nada disso aconteceu. A voz da árvore era tão gentil que nenhuma das crianças se assustou nem um pouco.

— Bem-vindos a minha floresta — continuou ela. — Ela se chama Lebenwald, a Floresta da Vida.

O nome da floresta se fala Lê-ben-vald. Vamos lá, digam em voz alta. Alemão é muito divertido.

— Plante alguma coisa — prosseguiu a árvore — e a veja brotar diante de seus olhos. Espie as feras selvagens e observe enquanto elas saltam, correm e crescem. Vocês também crescerão aqui e viverão e serão felizes. — Seus olhos amadeirados vagavam sobre as crianças, então ela perguntou, de forma convidativa: — Vocês planejam ficar?

João olhou para Maria. Ela assentiu e falou:

— Se você não se importar.

— Não me importo. — A árvore sorriu e então acrescentou. — Mas tenho um pedido a fazer. Por favor, não peguem nada além do necessário. A vida ao nosso redor existe dentro de um delicado equilíbrio. Não perturbem esse equilíbrio.

Em seguida, ela explicou que, a menos de uma légua dali, encontrariam uma planície onde poderiam construir seu lar. Os irmãos agradeceram à árvore, porque é sempre melhor agradecer a árvores falantes. Então se despediram e partiram em direção ao local indicado.

Não demorou para que se deparassem com outra pequena clareira. Algumas pedras graúdas estavam parcialmente enterradas ao redor, e um córrego borbulhava e gorgolejava sobre pedras lisas logo adiante. O sol brilhava através de milhares de folhas. João e Maria concordaram que esse deveria ser o lugar mencionado pela árvore. Decidiram, então, juntar alguns galhos caídos e cachos de trepadeiras e posicioná-los contra as grandes pedras para formar uma pequena cabana, metade verde, metade cinza. Em seguida, juntaram mais plantas, musgo e folhas para confeccionar duas pequenas camas, uma ao lado da outra. Finalmente, Maria apanhou sementes para começar um jardim, e João colheu castanhas e frutinhas para o jantar. Naquela noite, eles fizeram um banquete.

Maria jurava que jamais tinha sido tão feliz, e João concordou. Eles decidiram que não precisavam de mais nada — certamente não de pais — e que seriam capazes de viver alegremente, exatamente dessa forma, pelo resto de suas vidas.

Até parece.

(Ops, eu disse isso em voz alta?)

No dia seguinte, João estava procurando alimento para o jantar enquanto Maria cuidava do jardim. Ele caminhava debaixo das árvores gigantescas e escutava os pássaros assoviarem enquanto planavam perto da mata, então pensou: *Que vida! Que euforia! Quero fazer parte de tudo isso!* Naquele exato momento, um coelho marrom cruzou bem rápido seu caminho. João sentiu suas pernas contraírem. Antes que pudesse perceber, estava perseguindo o coelho pelos arbustos.

Quando o sol se pôs, ele retornou à clareira, exausto, porém tão contente quanto os pássaros que chilravam. Ele trazia o coelho em sua mão. Morto. João largou o coelho no chão em frente a Maria.

— Agora precisamos fazer uma fogueira — examinou ele — para assar.

Mas Maria estava uma fera.

— Por que você fez uma coisa dessas? — brigou ela.
— Não precisamos disso! — João imediatamente se arrependeu de ter matado o pequeno animal, apesar de ter se divertido tanto durante a caçada. Ambos decidiram, então, montar uma fogueira para assar o coelho e o comeram inteiro para que não houvesse desperdício. Mas Maria fez o irmão prometer que não mataria mais nenhuma criatura. — Temos tudo de que

precisamos bem aqui — disse ela. — Lembre-se do que a árvore pediu.

Cheio de remorso, ele prometeu.

Porém, no dia seguinte, enquanto caminhava pela floresta atrás de castanhas e frutinhas, ele avistou um pequeno filhote de cervo farejando um xaxim. Suas pernas novamente sofreu espargos, e seu coração disparou. Ele se lembrou da promessa para a irmã. Disse a si mesmo para dar meia-volta. Mas parecia que tinha alguma coisa na atmosfera daquele lugar, na intensidade do verde, no cheiro bolorento da madeira, que tinha o poder de causar abalos sísmicos dentro dele enquanto observava o pequeno cervo escondido entre os cachos da planta. Ele sabia que não conseguiria se conter. Em seguida, como um raio, partiu atrás da criatura amedrontada.

Quando o sol se pôs, ele retornou à clareira, exausto, porém tão contente quanto os pequenos animais brincando pela mata. Carregava o cedro pendurado no ombro. Ele despejou o cadáver no chão em frente a Maria.

— O que você fez?! — exclamou, exaltada.

Ele tentou acalmá-la.

— Agora podemos comer carne durante um mês inteiro! — argumentou ele. — E não terei de matar outro animal por muito, muito tempo!

Ela encarou João, incrédula, e caiu num choro profundo debruçada sobre o cervo morto.

— Por que você fez uma coisa dessas? — esbravejou.
— Temos tudo de que precisamos bem aqui. Lembre-se do que a árvore pediu.

Subitamente, João se lembrou da promessa e o remorso tomou conta dele.

Naquela noite, ele não conseguiu dormir. Estava uma fera consigo mesmo. Ela não tinha pedido? As duas não tinham pedido? Não peguem mais do que vocês precisam. Ele e Maria tinham se empanturrado com a carne do cervo a noite inteira e parecia que nem tinham encostado nele. Agora a carcaça estava estirada do lado de fora da cabana atraindo moscas, o fedor se espalhando sobre a suntuosa clareira. Enquanto João observava aquela cena grotesca, prometeu para si mesmo que, a partir de então, seria dono de suas próprias vontades e não deixaria que seus impulsos tomassem conta de seu bom senso mais uma vez.

No dia seguinte, antes de sair para procurar frutas, Maria fez o irmão jurar pela própria vida que não mataria mais nada. João jurou e a abraçou e a beijou por ser tão boa e misericordiosa, prometendo que nunca mais faria nada de tão violento enquanto vivessem na floresta. Ela deu um beijo em sua testa, como se ele fosse muito mais novo que ela, e permitiu que saísse para colher castanhas e frutas silvestres.

Ele passou o dia inteiro admirando a vistosa folhagem das plantas, colhendo frutinhas e armazenando o resto em sua camisa esfarrapada, que tinha amarrado em

volta da cintura como um avental. A paz e a tranquilidade da floresta inundavam seu corpo enquanto ele tentava entender porque ainda não havia conseguido viver essa plenitude serena, por que tinha sido tomado de forma tão incontrolável por aquela cobiça animal dos últimos dois dias.

Nesse momento, João avistou uma pomba branca empoleirada sobre um galho próximo. Uma sensação estranha invadiu suas pernas e seus braços.

— Não — repetiu para si mesmo. — Isso não está certo. — Ele começou a tremer. — Vá para casa. Dê meia-volta e vá para casa.

Mas logo percebeu que se dirigia furtivamente para onde a pomba estava. As frutinhas rolaram pela grama.

Quando o sol se pôs, ele voltou à clareira, exausto, porém tão contente quanto um lobo saciado. Com seu rosto e braços cobertos de sangue, ele carregava nas mãos a carcaça espatifada e desentranhada da pomba branca. Maria gritou quando se deparou com aquilo.

— O que você fez? — gritou ela. — João, o que está acontecendo com você?

João hesitou. Encarou o pássaro morto. Nesse momento, percebeu que os braços estavam completamente ensanguentados e a camisa manchada com uma mistura de sangue e suco de frutas. Ele se perguntou onde estariam as frutinhas. Maria desandou a

chorar. João, confuso e perturbado, colocou a pomba morta aos pés da irmã. Ela se afastou imediatamente, cobrindo o rosto. Ele olhou para ela e se sentiu péssimo. Mas não tanto quanto havia se sentido na noite anterior. Em seguida, deu meia-volta e regressou para a floresta.

Maria encontrava João raramente depois desse episódio. De vez em quando, enquanto colhia alimentos em volta da clareira, ela o avistava caçando pela floresta, correndo atrás de um animal ou outro. No começo, ele ainda parava para conversar com ela — cada vez usando menos palavras. Mas não demorou para que ela percebesse que as palavras não saíam de sua boca tão naturalmente quanto antes. Além disso, ele parecia estar sempre à espreita, piscando os olhos atento por cima de seu ombro, ou seguindo o voo de pássaros com movimentos bruscos da cabeça. Não demorou para que sequer parasse para se dirigir à irmã.

Ela encontrava carcaças de animais espalhadas por toda a floresta. Algumas estavam parcialmente comidas, outras mal tinham sido tocadas. Num certo dia, ela encontrou um javali, maior que João, com o pescoço quebrado. Ela não conseguia entender como João tinha desenvolvido força suficiente para isso. Nem como ele tinha a coragem de cometer tantas atrocidades.

Suas aparições haviam se tornado meros lampejos. Um corpo borrado através das árvores. O grito de um animal morrendo, e, então, um uivo de satisfação.

Também percebia que sua fisionomia estava diferente. Alguns pelos pareciam crescer em seu rosto e em suas costas.

Ela sentia medo de ficar na floresta sozinha, principalmente à noite. Muitos uivos cortavam o ar na escuridão — uivos que ela não ouvia quando eles descobriram Lebenwald. Ela se perguntava se aquele podia ser João.

Maria quase não saía mais de perto da cabana receando encontrá-lo. Até que um dia ele entrou na clareira. Maria encarou seus olhos fixamente. Sua estatura estava totalmente curvada. Havia pelos sobre todo o corpo — braços, rosto, até no peito. Sem pronunciar uma palavra, ela lhe ofereceu um punhado de frutinhas e castanhas. Ele rosnou para ela. Maria largou tudo no chão e disparou para dentro da cabana. Ele rugiu enquanto circulava pelo perímetro por alguns minutos. Maria ponderou se iria matá-la. Mas ele acabou indo embora.

Quase não havia mais bichos por perto agora. Maria não escutava mais nenhum pássaro cantar. Não via nenhum pequeno roedor entrando e saindo em disparada dos arbustos. Nenhum cervo farejava os canteiros de samambaias.

Então, numa certa manhã, um grupo de caçadores — um duque e seus companheiros — adentrou a floresta. Eles sopravam suas cornetas enquanto seus cães latiam.

Maria temeu por si mesma. Porém, mais que tudo, temeu por João. Ela entrou escondida na cabana e permaneceu lá o dia todo, esperando que ele viesse até ela.

Os cães e caçadores exploraram toda a planície em busca de algum sinal de vida animal. Para sua surpresa, não encontraram nada. Eles procuraram o dia inteiro, e o dia inteiro não encontraram nada. O duque estava irritado e impaciente. E então, ao anoitecer, ele avistou uma criatura estranha, peluda e curvada espiando por detrás de uma imensa árvore.

— Lá! — berrou ele, e instantaneamente os cães começaram a perseguição.

João fugiu pelo mato, empolgado com o terror da perseguição. Os cães uivavam em seu encalço, as cornetas bradavam a sua volta. Ele se esquivava para um lado e para o outro, ofegante, rosnando, rindo, uivando. *Que diversão!*, ele pensou. *Que tremenda e assustadora diversão!*

Finalmente, ele alcançou a margem de um córrego. Do outro lado, o duque encontrava-se sentado sobre seu cavalo, a corda do arco esticada, uma flecha posicionada e apontada para João. O menino-animal observava curiosamente aquele homem suado e corado segurando um pedaço de pau encurvado e esquisito. Então houve um estalo e o chiado como o de uma cobra. Uma flecha voou pelo ar — um mensageiro reto e simples da morte. Os olhos de João seguiram todo o percurso até seu peito, até exatamente onde seu coração estava. Ela se enterrou

ali. Ele sentiu uma pontada escaldante de dor e desabou sobre a relva da floresta.

Os caçadores amarraram aquele estranho animal morto a uma vara e o carregaram em triunfo no trajeto de volta à mansão do duque.

Na manhã seguinte, Maria percorreu toda a floresta procurando pelo irmão. Durante muito tempo, não conseguiu encontrar nada além de galhos quebrados e pegadas pelo chão. Finalmente, decidiu seguir até o córrego e percebeu que a terra estava manchada de vermelho-ferrugem, e que as pedras à margem da água estavam respingadas de sangue.

Ela correu até a árvore com a mulher esculpida.

— Meu irmão está morto! — gritou ela. — Alguém matou meu irmão!

Mas a árvore se recusou a responder. Maria caiu no chão e chorou e chorou. Estava sozinha, numa floresta imensa, presa num conto cruel. Seu pai tinha tentado matá-la. Ela quase tinha sido devorada pela confeitadeira e depois precisou decepar o próprio dedo. E agora seu irmão, João, estava morto.

Ela não permaneceria naquele lugar, não mais.

— Preciso voltar para perto de seres humanos — concluiu, limpando lágrimas do rosto. — Para perto de adultos.

Enquanto se despedia da Floresta da Vida, ela viu um pássaro pousando numa árvore próxima. Não demoraria

até que pudesse ouvir o canto dos pássaros novamente. Mas aquilo só causava mais sofrimento. Eles só tinham regressado, tinha certeza, porque João estava morto.

Estamos em um daqueles pontos da história — que existem em quase todas as histórias, de qualquer tipo — no qual tudo parece estar realmente, mas realmente péssimo. Quando parece que, se as coisas piorarem, não vai dar pra continuar ouvindo o resto.

Quando eu era pequeno, costumava chamar essa parte de “a parte triste”. Tinha certeza de que ela chegaria em todas as histórias, mas também tinha certeza de que não duraria para sempre, então ficava repetindo: “Essa é a parte triste, essa é a parte triste”, sem parar até que passasse.

Então, quando estava montando essas narrativas, cheguei nessa parte. E percebi que essa era “a parte triste”. Repeti isso para mim mesmo sem parar, tentando fingir que não era tão ruim assim.

Mas não adiantou. Nunca adianta. Ainda dói muito quando um personagem que você ama morre e outro fica sozinho no mundo.

No entanto, asseguro a vocês, como sempre assegurei a mim mesmo, que as coisas vão

**melhorar. Vão melhorar muito, mas muito mesmo.
Eu prometo.**

Só que não agora.



Um Sorriso
Vermelho como
Sangue



Era uma vez uma garotinha chamada Maria, percorrendo uma longa estrada deserta totalmente sozinha. Sua tristeza não poderia ser mais profunda, pois a pessoa que ela mais amava em todo o mundo estava morta.

Depois de algum tempo, encontrou uma pequena aldeia à sombra de outra grande floresta. Essa era tão majestosa quanto a última, mas não podia ser mais diferente. Enquanto a Floresta da Vida era iluminada,

convidativa e resplandecente, essa era sombria, ameaçadora e nefasta. Tão ameaçadora que quase ninguém entrava. E absolutamente ninguém saía.

Ela era chamada de Schwarzwald — A Floresta da Escuridão.

É XI-VARTS-vald. Para o caso de vocês estarem se perguntando.

Mas a pequena aldeia que ficava perto da Schwarzwald não era nem um pouco sombria. Nem um pouco: ela era cercada por árvores que, na época em que Maria apareceu, tinham acabado de receber sua roupagem dourada de outono. Risadas fluíam pelo ar, assim como o cheiro de madeira queimando em lareiras e sidra de maçã espumando com canela.

Maria caminhou pela única rua da cidade, olhando para dentro das janelas aconchegantes das pequenas casas, desejando que alguém a convidasse para entrar e lhe oferecesse comida, sidra e um pouco de carinho humano.

Mas todas as portas permaneceram fechadas para Maria. A menina estava exausta, muito, muito solitária e prestes a desistir. Ao sentar um pouco para descansar,

todos os seus problemas a invadiram. Ela caiu em prantos.

Naquele momento, a porta de uma das casas se abriu e uma mulher de cabelos prateados saiu. Ela andou na direção da garotinha chorando na beira da estrada e lhe perguntou o nome e por que não tinha ninguém para acompanhá-la. Maria lhe contou que ela e seu irmão tinham fugido de casa há muito tempo, mas que recentemente seu irmão havia morrido e ela não sabia para onde ir ou o que fazer. A mulher esticou o braço para abraçá-la, e Maria caiu em seus braços, enterrando o rosto no pescoço da mulher. Ela levou Maria até sua casa, lhe deu um banho, desembaraçou seu cabelo e ofereceu algumas roupas velhas, porém limpas, para vestir.

Algumas semanas passaram. Maria não pensava mais em aonde deveria ir ou o que deveria fazer dali em diante. Pois qual era o propósito de fazer qualquer coisa agora que João não estava mais com ela?

E foi assim que Maria passou a morar com a viúva de cabelos prateados na aldeia.

Não demorou para que Maria se enturmasse com o resto das crianças e, apesar de carregar uma enorme tristeza consigo, mantinha uma aparência corajosa. Estava na época da colheita, e todos trabalhavam o dia inteiro, incluindo a menina. À noite, quando o frescor do outono invadia o ar, os aldeões se juntavam nas imediações da taberna da cidade para beber, rir e

confraternizar, enquanto as crianças corriam brincando por todos os lados. Mas Maria não conseguia se divertir. Então, em vez disso, costumava sentar com os adultos e escutar enquanto conversavam.

Dentre eles, Maria adorava as histórias de um em particular. Era um homem jovem, alegre e gentil. E muito bonito. Tinha longos cabelos pretos e olhos verdes salpicados de uma cor dourada que pareciam reluzir. E Maria tinha a impressão de que o rapaz retribuía seu afeto, pois toda vez que olhava em sua direção, ele sorria com os lábios de um vermelho intenso antes que ela virasse o rosto, envergonhada.

Então ela procurava se sentar sempre próxima dele para apreciar suas piadas fáceis, a risada despreocupada e os olhos radiantes. De vez em quando, ele se afastava dos adultos na taberna e saía para ficar entre as crianças. Ele as provocava carinhosamente, brincando de levantar algumas pelo braço. Todas elas, principalmente as meninas, o adoravam.

Às vezes uma criança aparecia com um brinquedo quebrado para lhe entregar. Podia ser uma boneca de porcelana com um dedo quebrado, ou um rei de madeira que havia perdido a cabeça. O belo rapaz tirava do bolso um pedaço esfarrapado de barbante. Em seguida, segurava o brinquedo entre os joelhos e amarrava o barbante em volta da parte quebrada. Quando desamarrava, o brinquedo parecia novo. As crianças

gritavam e aplaudiam, e o jovem sorria. Então, retornava à taberna para confraternizar com os adultos.

Todo dia, enquanto o céu transitava de um azul pálido para um tom intenso de violeta e preto, Maria observava o belo rapaz se despedir, sair pela porta da taberna e desaparecer na escuridão. Pra fora da aldeia. Totalmente sozinho. Ela imaginava aonde ele estaria indo.

Num certo dia de tardinha, quando o resto da cevada tinha sido trazida dos campos, Maria se sentou à porta da taberna e assistia aos homens praticarem seu jogo predileto. As regras eram as seguintes: um homem equilibrava uma caneca no queixo enquanto os outros tentavam acertar moedas dentro dela. Se a caneca não caísse, o homem ganhava todas as moedas. Do contrário, tinha de pagar uma rodada de bebida para todos.

Era a vez do rapaz simpático colocar a caneca no queixo, e Maria observava atenta enquanto ele se contorcia como uma cobra encantada, tentando evitar que a caneca caísse. Naquele momento, um dos amigos dele chegou perto de Maria.

— Você deveria chamá-lo — sussurrou ele. — Para ver se ele consegue manter o equilíbrio.

Maria achou a ideia engraçada. Assim, gritou o nome do rapaz.

Ele se assustou, pois Maria nunca havia falado com ele. Ao se virar em sua direção, a caneca despencou, se

espatifando no chão. Os homens comemoraram, e o sujeito que a tinha convencido a fazer aquilo jogou a cabeça para trás, rindo de ficar roxo do pescoço até a careca.

Mas os olhos verde-dourados do rapaz estavam arregalados e, de repente, ele correu na direção de Maria. Suas mãos estavam esticadas como garras. Maria gritou quando ele a segurou com força pela cintura.

Num segundo, ela estava sendo levantada no ar, os longos cabelos louros fluindo às costas e os braços fortes do rapaz mantendo seu equilíbrio pela cintura. E ele estava rindo — uma risada linda e alegre, com a cabeça jogada para trás e os olhos reluzindo.

Ele a colocou de volta no chão, sorrindo, e Maria perdeu o fôlego. Ele acariciou a cabeça da menina como se ela fosse um cachorrinho, e se virou para acompanhar os outros homens até a taberna.

Até esse momento, Maria era fascinada pelo rapaz. Porém, desde o instante em que foi erguida no ar por aqueles seus olhos verde-dourados cintilantes, com aqueles lábios vermelhos se curvando naquela risada encantadora — para ela e mais ninguém —, bem, desde esse momento, Maria ultrapassou o fascínio. Naquele momento, Maria se apaixonou.

Não era amor verdadeiro, talvez vocês estejam pensando. Apenas uma paixão de criança.

Vocês poderiam achar isso. Mas, se achassem mesmo, seria a prova de que estão velhos e não se lembram nem um pouco de como é ser criança.

Todos os dias depois daquilo, Maria fazia questão de estar perto do belo rapaz de olhos verdes, cabelos pretos e lábios vermelhos. Ele conversava com ela, contava piadas e roubava maçãs dos barris da colheita para lhe dar de presente. E ela se perguntava como poderia ter tanta sorte assim para receber toda essa atenção.

Um dia, logo antes do grande Banquete da Colheita, quando o expediente nos pomares estava terminando e as escadas estavam sendo guardadas, Maria notou uma maçã grande e bonita ainda pendurada no galho de uma árvore bem acima de sua cabeça. Ela tentou pular para alcançá-la e depositá-la em um dos barris antes que um pássaro pudesse vê-la e esburacá-la com bicadas. Mas a altura era demais para que ela conseguisse alcançar. Então resolveu chamar o belo rapaz, pedindo que viesse colher a fruta. Ele concordou com um sorriso, mas percebeu que também não alcançaria. Então, ele a segurou pela cintura, levantando-a no ar enquanto ela perdia o fôlego — como ela sempre perdia o fôlego quando encostava nele —, e conseguiram finalmente alcançar a maçã.

Em seguida, em vez de colocá-la no chão, ele a jogou para o alto. Maria gritou — mas não por medo. Então ele

repetiu o movimento e a lançou no ar mais uma vez enquanto ela não parava de rir. Depois repetiu o movimento uma terceira vez, mas dessa vez a força era tanta que ela acabou esbarrando em um galho mais baixo. Maria levantou os braços para tentar proteger sua cabeça, mas era tarde demais e ela gritou de dor. Quando ele a colocou de volta no chão, seu rosto estava coberto de sangue. O galho atingiu sua testa, abrindo um corte profundo logo acima da sobrancelha. Ela não conseguia enxergar quase nada com o olho esquerdo por causa do fluxo constante de sangue. O rapaz se ajoelhou diante dela, observando o ferimento. Com a maior delicadeza, bem devagar, ele encostou seus lábios na ferida e sugou o sangue. Maria ficou sem reação. Em seguida, ele tirou de seu bolso o pedaço de barbante maltrapilho que usava para consertar os brinquedos das crianças e o amarrou em volta da cabeça dela, de forma que passasse em cima do corte. Ele sorriu para a menina. E, quando tirou o barbante e limpou o sangue do rosto, ela viu que o sangramento tinha parado e a dor na cabeça havia completamente desaparecido.

Agora, caros leitores, acho que estou detectando em vocês uma apreensão crescente em relação a esse belo rapaz. Devo dizer que acho que vocês estão sendo muito injustos.

Vocês suspeitam de uma flor apenas porque ela é bonita?

Ou de um médico, por causa de seu poder de cura?

Ou do carteiro, porque vocês não sabem onde fica a casa dele?

Isso é uma tremenda injustiça.

Ah, e enquanto estou pensando nisso, vocês deveriam aproveitar para recontratar aquela babá que veio para a última história. Peça para ela levar os pequenos para ver um filme dessa vez. Um filme infantil. Ou até mesmo um filme para adultos. Qualquer que seja o filme, provavelmente não será tão ruim quanto o que vocês estão prestes a ler.

Eu sei, vocês não acreditam em mim.

— Mas como ainda pode piorar? — perguntam vocês.

Confiem em mim. Pode piorar muito mais.

Enquanto Maria e o belo rapaz regressavam do pomar naquela noite, conversavam sobre várias coisas — o tempo, a plantação de maçãs, o Banquete da Colheita que se aproximava — até que, de repente, ele perguntou se ela não ficava curiosa sobre onde ele morava. Maria, bastante tímida, admitiu que já tinha pensado nisso algumas vezes. Ele perguntou então se ela gostaria de conhecer sua casa. O coração da menina disparou, e ela

confessou que gostaria muito, agradecendo o convite. Em seguida perguntou ao belo rapaz onde era a localização.

— Um pouco dentro da floresta — respondeu ele.

— Dentro da floresta?

Ele riu:

— Você não tem medo daquela velha floresta, tem?

— Não — mentiu ela.

— Deixarei uma trilha de cinzas para você seguir. Que tal?

O coração de Maria quase foi parar em sua boca.

— Está ótimo — disse ela.

Mas, naquela noite, quando ela voltou para casa e contou à viúva que ela entraria na Schwarzwald para visitar o belo rapaz, uma briga feroz aconteceu. A viúva a proibiu de ir. Em primeiro lugar, não era certo uma criança visitar a casa de um homem, esbravejou. E o fato de ser na Schwarzwald? Maria não estava careca de saber o quão perigosa era a floresta? Seria Maria tão ingênua assim?

Maria ficou furiosa. Esperneou e chorou a noite toda. No dia seguinte, com o rosto vermelho e inchado, ela contou ao belo rapaz que não poderia ir, que a viúva não havia permitido. Ele sorriu e disse para ela não se preocupar, pois ainda eram amigos. Mas deu-lhe menos

atenção naquele dia. Ela o observava à distância. Raramente seus olhares se cruzaram.

Ele está se esquecendo de mim, ela pensou.

Ao final do dia, o belo rapaz se virou na direção da taberna sem nem mesmo olhar para Maria — como se ela nem existisse mais.

Logo antes de ele desaparecer pelo outro lado da porta, Maria correu e o segurou pelo braço.

— Eu vou — afirmou ela ansiosamente, com certa urgência. — Amanhã eu vou.

O jovem hesitou e então sorriu, entrando na taberna.

Maria voltou para casa mais determinada que nunca. Ela contou à viúva que faria o percurso pela manhã e que não havia nada que pudesse ser feito para impedi-la. Elas brigaram ainda mais naquela noite, mas Maria estava implacável. Na manhã seguinte, bem cedo, ela se levantou e se preparou para sair.

Mas logo encontrou a viúva com os braços cruzados severamente, parada diante da porta. Maria avançou em sua direção, passando por debaixo dos braços e saindo desembestada numa carreira assim que passou pela porta.

— Maria! — gritou a viúva. — Maria!

Mas a menina a ignorou e disparou pelo jardim, seguindo pela estrada de terra.

Então, da porta, a viúva gritou:

— Leve isso!

Maria freou e olhou para trás. A viúva tinha um saco de lentilhas nas mãos. Cautelosamente, desconfiando de algum truque, Maria regressou ao jardim.

— Jogue-as sobre o caminho de cinzas — falou a viúva pesarosamente. — Para o caso de chover.

Maria caminhou até a beira da Schwarzwald e olhou para dentro. Sentiu um calafrio percorrer a espinha. Na beira da floresta, as árvores eram coloridas com os tons vermelhos e amarelos do outono. Porém, logo adiante, Maria percebeu que os galhos não tinham praticamente nenhuma folha. O caminho de cinzas se contorcia para dentro da floresta até desaparecer.

Por um momento, ela hesitou. A floresta era um lugar nefasto. Todos sabiam disso. E se simplesmente desse meia-volta e desistisse? O que aconteceria? Ela se tornaria uma covarde aos olhos do belo rapaz. Ou pior — ele pensaria que ela não se importava com ele. Não, isso estava fora de cogitação. Então respirou fundo. Em seguida, mergulhou na escuridão, espalhando as lentilhas enquanto seguia.

Enquanto caminhava, o ar começou a esfriar e, poucos minutos depois, a luz do sol tinha sido quase totalmente bloqueada pelas árvores. Maria começou a se assustar. Os galhos pareciam pendurados como garras de zumbis. Uma grossa névoa cinza permeava toda a

paisagem, como vestígios de almas perdidas. As árvores à volta eram retorcidas, deformadas e mutiladas pelo tempo. Nenhum pássaro sequer cantava.

Os longos dedos dos galhos se esticavam cada vez mais longos pelo caminho de Maria e logo pareciam estar tentando pegar seu cabelo e suas bochechas, arranhando e rasgando sua pele macia. Ela tropeçou nas raízes contorcidas que subiam do solo como cadáveres que tinham saído das covas em um cemitério. Então começou a chover, uma chuva gelada e afiada como se fossem agulhas caindo do céu. A água batia na madeira das árvores, criando barulhos horripilantes que quase soavam como palavras. Maria prestou atenção. As palavras pareciam dizer:

*Vá para casa, menininha, vá embora;
Pois o lar de um assassino não demora.*

Por um instante ela hesitou e cogitou seguir o conselho da chuva. Mas logo desistiu.

— Você está sendo tola — reafirmou a si mesma. — A chuva não sabe falar.

Não, é claro que não sabe. A lua pode comer crianças e dedos podem abrir portas e as cabeças de pessoas podem ser recolocadas em seus corpos depois de mortas.

Mas a chuva? Falar? Não seja ridícula.

Bem pensado, minha querida Maria. Bem pensado.

Ela seguiu pela escuridão, abaixando para evitar que esbarrasse nos galhos que arranhavam seu rosto, e continuou a espalhar as lentilhas por onde passava. Finalmente, avistou uma clareira.

No centro dela estava uma casa alta e dilapidada. Parecia ter sido pintada de preto havia muito tempo, mas agora a tinta estava descascando, revelando a madeira podre por baixo — que também era preta. O telhado de pedra era alto e bem inclinado, com uma longa fileira de janelas apagadas logo abaixo.

Em frente às janelas, nas calhas do telhado, gaiolas estavam penduradas. Em quase todas empoleirava-se um pássaro branco como uma pomba — mas eram pássaros imundos, cobertos de manchas escuras e penas novas. Enquanto Maria entrava na clareira, um deles piou com uma voz que soava mais como a de um corvo que de uma pomba:

*Vá para casa, menininha, vá embora;
Pois o lar de um assassino não demora.*

Em seguida, mais uma repetiu a frase e então mais outra, suas vozes estridentes alertando em uníssono num

terrível refrão:

*Vá para casa, menininha, vá embora;
Pois o lar de um assassino não demora.*

Pssst!

Maria!

MARIA!

O que você está fazendo? Dê meia-volta. Vá para casa! Vá embora!

Vocês voltariam para casa, não voltariam, caros leitores? Vocês não seriam enfeitiçados por um homem assim. Vocês dariam meia-volta e iriam embora.

Claro que desistiriam. Claro que desistiriam.

Mas, não, vocês não fariam nada disso.

Não com seu objeto de idolatria e adoração logo ali esperando por vocês — por vocês e mais ninguém.

Vocês nunca tiveram aquele amigo especial — o garoto mais bacana, a menina mais velha — que parecia ter uma conexão diferente com você? Entre todas as pessoas, você?

Imaginem que ele ou ela está nessa casa. Esperando por você. Por ninguém mais além de você.

O que vocês fariam?

O que vocês não fariam?

Maria seguiu a trilha de cinzas até a escada. A porta pesada de ébano estava entreaberta.

— Olá? — chamou para dentro da casa.

Lentamente e com bastante receio, ela empurrou a porta e seguiu até o hall de entrada. Tudo estava escuro a não ser por um brilho tímido de uma escadaria que descia até o porão. Ela seguiu aquela luz fraca até o subsolo, cuidadosamente colocando um pé na frente do outro nos degraus que rangiam.

Percebeu que havia chegado numa antiga cozinha imunda. Panelas e frigideiras sujas formavam pilhas no chão de pedra. Cadeiras estavam reviradas. No meio do aposento havia uma mesa simples de carvalho, com uma grande mancha cor de ferrugem. Maria pensou que aquilo parecia ser sangue. Em um dos cantos, um enorme caldeirão fervia e, curvada sobre ele, estava uma velha decrépita com um grilhão de ferro na perna.

— Olá? — cumprimentou Maria, desconfiada.

A mulher virou para ela. O rosto parecia feito de couro velho; os dentes estavam apodrecendo em suas gengivas. Ela olhou, assustada, para os degraus que levavam ao andar de cima.

— Quem é você? — esbravejou a velha mulher. — O que está fazendo aqui?

— Estou aqui para encontrar meu amigo — respondeu Maria, com a voz tremida.

A mulher olhou fixamente para ela.

— Você atravessou a floresta? — perguntou ela. — Sozinha?

Maria assentiu.

— Oh, pobre menina — murmurou a velha mulher enquanto se aproximava. — Você é corajosa para vir até tão longe. Mas deve fugir.

Os olhos de Maria se arregalaram, mas ela não se moveu.

— Eu quero vê-lo — afirmou Maria.

A velha suspirou e tocou no rosto da menina, que estava sangrando por causa dos arranhões dos galhos:

— Oh, minha querida, seu amigo tem cabelos negros compridos, olhos verdes que dançam com flocos de ouro e lábios tão vermelhos quanto sangue?

Maria balançou a cabeça afirmativamente.

— Então, minha querida, a morte não demora a lhe visitar.

A velha mulher parou por um instante e depois continuou:

— Ele é meu filho, embora eu não imagine que tipo de filho manteria sua mãe trancafiada como uma prisioneira. Ele é uma criatura cruel, um mágico do mal, um feiticeiro. Ele convida meninas para sua casa e...

Nenhuma criança pequena por perto, certo? Como eu pedi. Vocês têm certeza? Chequem debaixo da cama. A essa altura elas geralmente estão escondidas debaixo da cama.

Não? Combinado, contanto que vocês tenham certeza.

— Ele convida meninas para virem até aqui, então enfia as mãos em suas goelas e arranca as almas de dentro do corpo delas, e, em seguida, aprisiona as almas em forma de pombas em gaiolas, para que apodreçam debaixo das calhas do telhado. Depois ele esquarteja o que sobrou das meninas para nosso jantar.

A velha mulher sorriu tristemente e esticou o braço para encostar num cacho do cabelo dourado de Maria:

— Uma menina tão corajosa e linda. Mas tão ingênua.

De repente, um estrondo soou no andar de cima. Os olhos da mulher ficaram arregalados e, sem dizer outra palavra, ela empurrou Maria para trás de uma enorme pilha de panelas sujas e voltou rapidamente para perto de seu caldeirão. Naquele exato momento, o belo rapaz de olhos verdes e sorriso tão vermelho quanto sangue apareceu junto ao pé da escada.

Ele estava segurando uma menina pelo cabelo.

Caros leitores:

Sinto muito pelos próximos acontecimentos.

Ele jogou a menina sobre a mesa de carvalho e, de um armário próximo, tirou uma gaiola de ferro imunda. Então enfiou a mão na boca da menina até seu braço estar afundado na garganta dela. Lentamente, dolorosamente e apesar da resistência da menina, ele tirou dali uma linda pomba branca. A pomba tentou se soltar enquanto o rapaz a enfiava na gaiola imunda e batia a porta com força.

A menina não se mexia mais.

Talvez vocês queiram fechar os olhos nessa parte.

Ele ergueu um machado que estava pendurado na parede, e Maria, espiando por uma fresta entre uma panela imunda e uma frigideira ainda mais nojenta, observou enquanto seu amigo lindo, maravilhoso e engraçado esquartejava o corpo da menina e jogava cada talha no caldeirão borbulhante. Sua faca de açougueiro cega subia e descia, subia e descia. Ele lambia o sangue das mãos e atirava cada pedaço na panela.

Cada pedaço, na verdade, menos um.

Na mão esquerda da menina estava um adorável anel de ouro, incrustado de rubis inacreditavelmente vermelhos. Ele tentou remover o anel para que não estragasse o ensopado, mas o anel não queria sair. Finalmente, num ímpeto de raiva, ele arrancou o dedo do resto com a faca e o arremessou para o outro lado do aposento. Maria observou, boquiaberta, enquanto o dedo girava no ar, por cima da enorme pilha de panelas e frigideiras atrás da qual ela estava escondida, e caía exatamente em seu colo, com anel e tudo.

De algum jeito, ela conseguiu não gritar.

O rapaz pegou a gaiola e seguiu na direção da escada.

— Volto logo, mãe — declarou. — Acho bom que meu ensopado esteja pronto!

Assim que ele saiu, a velha mulher se abaixou atrás da pilha de panelas e frigideiras.

— Vá, minha querida! — sussurrou para Maria. — Fuja e não volte nunca mais!

A menininha não precisou de nenhum incentivo. Subiu a escada apressadamente e atravessou a porta. Mas logo em seguida parou nos degraus que levavam ao portão de entrada. A chuva desabava em pingos firmes e grossos, e o caminho de cinzas estava totalmente apagado. Até mesmo as lentilhas estariam enterradas na lama causada pela chuva torrencial. Maria não teria como voltar para casa.

Mas, nesse momento, Maria percebeu algo incrível. As lentilhas tinham brotado. No pouco tempo em que ela ficara na casa, brotos verdes tinham saído da terra molhada e agora uma pálida trilha verde marcava seu caminho de volta pela floresta. Ela disparou na velocidade mais rápida que seus pés conseguiam correr.

Quando chegou à casa da viúva, foi direto até seu quarto e se trancou lá dentro.

A viúva foi até a porta e perguntou através dela se estava tudo bem. Maria não respondeu.

Ela estava com o rosto enterrado no travesseiro. Como se ainda estivesse naquele lugar terrível, ela parecia vislumbrar a lâmina reluzente da faca do rapaz cortando o ar na direção da menina inocente sobre a mesa. Mas não era a lâmina dele. Era a lâmina da espada do seu pai e a menina inocente era Maria, seu pescoço branco exposto ao aço frio e lampejante. O rosto do jovem homem e o de seu pai convergiam em um só.

— Será que não existe nenhum adulto bom em lugar nenhum? — gritou ela.

Ela desejou ter o irmão ao seu lado. Mas ele não estava mais lá. Estava morto.

E é culpa minha, lamentou-se, repentinamente percebendo que nunca tinha deixado de pensar nisso. Tudo culpa minha. Não devíamos ter fugido de casa. Não devíamos ter comido as paredes daquela casa. E eu não devia ter deixado João entrar na floresta sozinho — não

da primeira vez, nem da segunda, e certamente não da terceira vez! Seu corpo inteiro se retorcia. *Todos os adultos querem me matar! E com razão! O que há de errado comigo?* Seu pequeno corpo estremeceu. *Por que sou tão ruim?*

— Oh, não seja estúpida — retrucou uma voz.

Maria levantou os olhos, assustada.

Ela estava sozinha no quarto. Então quem tinha dito aquilo? Ela olhou por debaixo da porta. A viúva tinha ido embora. Ela se virou e olhou para a janela.

Ali, sentado na armação da janela, estava um corvo preto. Ela o observou curiosamente.

Ele bateu com o bico preto contra o vidro. Então se convidou:

— Você se importa de nós entrarmos?

Maria limpou o rosto e foi até a janela:

— Nós?

— Sim, meus irmãos e eu.

Maria abriu a janela e três corvos entraram, pretos como só corvos conseguiam ser.

— Você não deveria dizer que ela é estúpida — reclamou o segundo corvo para o primeiro. — Isso é falta de educação.

— Mesmo que seja verdade — esclareceu o terceiro.

O primeiro corvo limpou a garganta:

— Calhou de estarmos voando aqui por perto, querida menina, quando percebemos que você estava transtornada. Nos sentimos mal por isso.

— Pessoalmente responsáveis — acrescentou o segundo.

— Acidentalmente cúmplices — disse o terceiro.

Maria, cansada de um dia que já tinha sido pra lá de cansativo, sentou-se para escutá-los.

— Veja bem — continuou o primeiro corvo —, todo o infortúnio pelo qual você e seu pobre irmão passaram é, na verdade, o resultado de uma... bem, acho que você chamaria de uma conversa *indiscreta* que nós três tivemos.

Ele inclinou a cabeça como se quisesse se desculpar.

Maria continuou encarando os três pássaros.

— Indiscreta — repetiu o segundo.

— O que é que tem? — retrucou o primeiro.

O terceiro fez uma cara impaciente:

— *Indiscreta*, minha querida, quer dizer que não deveríamos estar conversando sobre o que estávamos conversando onde estávamos conversando.

— Ah, agora sim esclareceu tudo — debochou o segundo. — Por que não simplesmente explicamos tudo pra ela de uma vez?

Então, depois de ajeitarem suas penas e encontrarem uma posição confortável no parapeito, os três corvos relataram toda a história para Maria, desde o começo. Revelaram o desejo do seu avô no leito de morte, e como seu pai tinha encontrado o retrato mesmo assim, e como ele tinha sequestrado sua mãe...

— Ele fez *o quê?* — interrompeu Maria.

— Prosseguindo... — continuou o segundo corvo.

Enfim chegou a parte da tal conversa indiscreta e como o Fiel Johannes, criado de confiança da família, tinha ouvido tudo e usado as informações para salvar seus pais.

— Veja bem — esclareceu o primeiro corvo —, qualquer casamento entre seus pais estava destinado a ser amaldiçoado.

— Nós três sabemos *tudo* sobre destino — interrompeu o segundo.

— Nossa vida basicamente se resume a isso — comentou o terceiro.

— Eles estavam predestinados a serem amaldiçoados — continuou o primeiro —, embora as coisas que fizeram com você e seu irmão...

— Ultrapassem um pouco o âmbito da maldição, eu diria — concluiu o segundo.

O terceiro corvo acrescentou rapidamente:

— Mas isso certamente não é *sua* culpa.

— É provavelmente nossa — lamentou o primeiro, humildemente. — Se tivéssemos ficado de bico fechado, nada disso teria acontecido.

Maria fez uma careta:

— Porque daí meus pais teriam morrido antes de João e eu nascermos?

— Exatamente!

— Isso não me parece uma alternativa muito melhor — ressaltou Maria.

— Hmm — refletiu o primeiro. — Acho que talvez esteja certa.

— Não — respondeu Maria. — A culpa é minha. Se João e eu não tivéssemos fugido de casa, ele não teria morrido. E nunca teríamos matado a confeitadeira e aquele pai nunca teria desejado que seus filhos se transformassem em andorinhas e...

O terceiro corvo a interrompeu:

— Você se lembra por que você fugiu, Maria?

Ela olhou para seus grandes olhos pretos e negou, balançando a cabeça.

Ele falou:

— Isso me parece um motivo e tanto.

O olhar de Maria atravessou a janela por detrás dos três corvos, observando as folhas vermelhas e alaranjadas que se equilibravam nas pontas de galhos como lágrimas. Depois de um tempo, o terceiro corvo falou:

— Bem, já está na nossa hora. Temos muito trabalho pela frente, voando por aí e desvendando o destino das pessoas.

— Alguma pergunta antes de irmos? — perguntou o segundo corvo.

— Realmente a culpa não é minha — desabafou Maria.

— Somos naturalmente incapazes de mentir — respondeu o primeiro corvo. — Então não deve ser mesmo.

E, com isso, os três corvos bateram as asas negras e saíram em revoada pela janela aberta.

Maria desabou novamente na cama.

Não era culpa sua.

Teve o impulso repentino de pegar toda a tristeza que pesava sobre ela há tanto tempo e arremessá-la para cima dos verdadeiros culpados, fazendo com que sentissem sua dor, conhecessem seu sofrimento e compreendessem como era. Como ela era.

Lentamente, ela enfiou a mão em seu bolso e deixou os dedos envolverem uma coisa pequena, gelada e que estava ficando azul.

No dia seguinte, a aldeia era só alegria. Mesas tinham sido decoradas com pão, cerveja e sidra, assim como abóboras da colheita, folhas alaranjadas e outros símbolos característicos da estação festiva. Vizinhos conversavam animadamente sobre o tempo límpido e mais ameno, soltando um pequeno vaporzinho pela boca ao falarem, típico do clima mais frio. A fumaça saindo das chaminés e o cheiro de salsicha sendo assada, combinado com o aroma das maçãs, se espalhavam por toda a parte.

O belo rapaz estava parado ao lado de outros homens, bebendo cerveja com uma enorme caneca e dando risada. Crianças corriam por todos os lados. Logo as salsichas estavam prontas e transbordando em bandejas a caminho das mesas. Maria saiu

silenciosamente da casa da velha mulher, com as mãos enfiadas nos bolsos do vestido.

Todos se encaminharam até os respectivos assentos enquanto o chefe da cidade se levantava para fazer um discurso caprichado. Alguns dos homens mais velhos seguiram o exemplo. Então o belo rapaz se levantou, ergueu o copo para as mulheres e disse que elas eram as mais lindas do mundo inteiro. Todos os homens concordaram em voz alta, e as mulheres ficaram sorrindo, lisonjeadas.

Nesse momento, para a surpresa de todos, Maria se levantou.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou ela, timidamente.

Mesmo de pé ela era menor que a maioria dos adultos sentados.

— Suba na cadeira, querida — recomendou um dos aldeões.

Ela subiu em sua cadeira.

— Quero contar para vocês... — começou a menina. Porém hesitou logo em seguida. Lançou um olhar para o belo rapaz. Ele estava sorrindo para ela. Mas então seu olhar encontrou aquelas mãos dele, mãos que podiam arrancar a alma de uma menina de seu corpo — ...um sonho — concluiu Maria. — Apenas um sonho que tive.

Os aldeões murmuraram em aprovação. Houve um tempo, como vocês sabem, em que as pessoas

acreditavam que os sonhos manifestavam nossas vontades escondidas.

— Sonhei que tinha entrado na Schwarzwald — prosseguiu. — Mas, enquanto atravessava a floresta, a chuva batia no meu rosto e as raízes me faziam tropeçar, então escutei as árvores sussurrarem: *Vá para casa, menininha, vá embora; pois o lar de um assassino não demora.*

Os aldeões pareciam consternados, e o belo rapaz encarou Maria com uma expressão um tanto esquisita. Maria olhou para aquelas mãos ameaçadoras e encantadas, acrescentando rápido:

— Foi apenas um sonho.

Depois prosseguiu:

— Cheguei a uma casa numa clareira. Nela havia uma porção de pássaros brancos dentro de gaiolas penduradas nas calhas do telhado. E todos eles cantavam em uníssono: *Vá para casa, menininha, vá embora; pois o lar de um assassino não demora.* Mas eu entrei na casa e segui uma luz até o porão, onde encontrei uma velha mulher presa por uma corrente de ferro. Ela me disse para fugir, pois o homem que morava ali era seu filho, um feiticeiro... e assassino.

O rapaz levantou num salto. Todos os aldeões se viraram em sua direção. Ele sentou de novo, envergonhado.

— Foi apenas um sonho — repetiu Maria, cautelosamente. — Apenas um sonho.

— Então o homem chegou em casa. E — acrescentou ela, baixando a voz — ele se parecia muito com você.

Então Maria apontou para o belo rapaz — que estava olhando fixamente para ela e tinha começado a morder as unhas como um louco.

— Ele estava arrastando uma menina pelos cabelos. Ele a jogou sobre uma mesa e arrancou uma límpida pomba branca de sua boca e a colocou numa gaiola. Foi apenas um sonho. E depois ele pegou um machado e cortou a menina em pedacinhos. Foi apenas um sonho. E ele lambeu o sangue dos dedos e jogou os pedaços da menina num caldeirão fervendo. Foi apenas um sonho!

Os aldeões ficaram em completo alvoroço, apontando primeiro para ela e então para o rapaz.

— Só que um pedaço não foi para o caldeirão — continuou ela. — O dedo da menina tinha um anel de ouro com rubis incrivelmente vermelhos. Ele arremessou raivosamente o dedo, que girou no ar e caiu bem no meu colo. — Ela fez uma pausa. Os aldeões agora estavam em silêncio, esperando pela conclusão da história de Maria. Os ombros do jovem homem bonito se mexiam pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo, e seus olhos estavam tomados de raiva. Maria, de pé sobre a cadeira, colocou a mão em seu bolso. — E aqui está! — disse ela.

Ela segurava o dedo azulado, com o anel ainda nele, em sua mão.

O jovem deu um pulo da cadeira e começou a entoar as palavras de uma maldição sombria, mas, antes que

pudesse terminar, alguém veio por trás e o derrubou, inconsciente, com uma bandeja de salsichas. Em seguida, começaram a preparar o óleo e um aldeão foi mandado para encontrar as cobras venenosas.

Porque a melhor forma de matar um feiticeiro é cozinhá-lo com cobras venenosas num caldeirão de óleo fervente.

Obviamente.

Mas, antes que o belo rapaz pudesse ser jogado no caldeirão, Maria se aproximou de seu corpo desacordado e enfiou a mão num de seus bolsos para tirar o pedaço de barbante maltrapilho, manchado de sangue. Ela o colocou no próprio bolso e acenou com a cabeça para os homens da aldeia, que ergueram aquele corpo mole e atiraram num barril com o óleo borbulhante e as cobras envenenadas.

Enquanto a vida do maléfico rapaz chegava ao fim, um grilhão mágico se partiu em algum lugar no coração da floresta, libertando uma velha mulher. Em seguida, em volta das calhas do telhado de uma casa apavorante, uma centena de pombas se soltou de suas gaiolas, caindo no chão em forma de lindas moças novamente.

Maria voltou à mesa do banquete com todos os outros aldeões. Eles a consolaram, maravilhados com sua

coragem. No fim da refeição, ela se aproximou da viúva e, depois de se desculpar por ter sido tão orgulhosa e desobediente, informou que estava de partida.

— Para onde você planeja ir? — perguntou a mulher.

Maria pensou um pouco sobre a pergunta. Finalmente, respondeu:

— Em frente.

Pronto, essa até que não acabou tão mal. Claro, teve aquela metade bem sanguinolenta, mas Maria não perdeu nenhuma parte do corpo e ninguém morreu — pelo menos nenhuma pessoa de quem ela realmente gostava.

Na verdade, as coisas começam a melhorar a partir daqui. Então, se vocês ainda estiverem meio desanimados — por causa do João ou de qualquer outra coisa —, não desistam agora. Na verdade, se vocês ainda estiverem desanimados, agora é o momento de seguir em frente.

(Por outro lado, se vocês estiverem enjoados por conta de tanto sangue, agora é uma ótima hora para desistir.)





Era uma vez um duque que tinha voltado para casa depois de uma caçada numa magnífica floresta.

Todos os lordes e damas o aguardavam ansiosamente no hall de entrada de seu casarão. A cada ano, o duque trazia uma enorme variedade de animais, e os lordes e damas soltavam “oohs” e “ahhs” e celebravam num grande banquete.

A animação dominou o salão quando o duque finalmente apareceu. Os lordes e damas aplaudiram, e

ele se curvou em reverência, acenando e cumprimentando a todos. Trompetes soaram, e os caçadores começaram a entrar em marcha.

Porém, o primeiro caçador não carregava nada. Os lordes e damas se entreolharam, mas o duque sorriu de forma serena. O segundo caçador não carregava nada. O duque ainda sorria. O terceiro, nada. O quarto, nada. Os lordes e damas começaram a se perguntar se podia ser alguma brincadeira. Um lorde se aventurou a rir, então o duque lançou sobre ele um olhar de desprezo tão devastador que a risada imediatamente cessou, e o lorde risonho acabou vendendo todos os seus pertences e se mudou para um reino vizinho.

Finalmente, havia quarenta caçadores no grande salão, e nenhum deles carregava nenhuma espécie de animal morto.

O duque virou para sua plateia.

— Senhoras e senhores! — bradou, e ele estava falando muito sério. — Eu lhes apresento a pior caçada, e a melhor, da qual já participei. O menor número de criaturas! Mas o prêmio mais raro!

Então mais dois caçadores se apresentaram. Carregavam entre si uma vara. Pendurada naquela vara estava a fera mais estranha e grotesca que qualquer um ali já tinha visto — ela se parecia com algo entre um lobo e um homem, um urso e um menino.

Damas soltaram berros. Lordes gritaram. Um criado caiu desmaiado.

Os caçadores cortaram as cordas que prendiam a criatura à vara. Mais dois caçadores se aproximaram dela com facas brilhantes enquanto o duque observava, orgulhoso. Eles tirariam o couro e a cabeça da fera e pendurariam a carcaça na parede do duque.

Aviso: a próxima parte é um pouco nojenta.

Os caçadores enfiaram suas facas na pele da besta logo abaixo do maxilar e começaram a passar suas lâminas entre os pelos e a carne. As facas de caçada brilhavam vermelhas enquanto nacos de carne e pelos de animal se prendiam às lâminas. Os lordes e damas observaram com um prazer enojado. O duque ria, empolgado. Quem mais teria o couro e a cabeça de um monstro como aquele?

Logo os caçadores que arrancavam a pele da besta começaram a se assustar. Um deles deu um salto para longe da criatura, murmurando:

— Isto não está certo! Isto não é de Deus!

Outro caçador ocupou seu lugar, mas logo se afastou também, clamando que havia algo “terrivelmente anormal” a respeito da fera. Finalmente, a tarefa foi deixada para apenas um caçador — um velho homem

grisalho que tinha uma expressão sofrida e terminou de arrancar a pele gradualmente com muito cuidado.

Ele se afastou da carcaça para que todos pudessem vê-la antes que cortasse sua cabeça. Arfadas ecoaram pelo salão.

Pois debaixo daquela pele de fera estava outra camada de pele — pele humana. E debaixo daquela forma bestial estava outra forma — uma forma humana. A forma de um menino coberto de sangue.

Cuidadosamente, o homem grisalho voltou para arrancar a cabeça da fera. Ele cortou a pele — mas, em vez de separar a cabeça do corpo, ele delicadamente separou a camada superior de couro e pelo. Depois de alguns minutos de trabalho, ele se afastou novamente.

No meio do chão do enorme salão do castelo estava deitado, nu e manchado de sangue, um menino.

— Não cortarei mais — declarou o caçador. — Ele está respirando.

Depois da comoção e o burburinho terminarem, e de um médico aparecer e ir embora, e de o duque se gabar para todos à sua volta que não apenas ele tinha sido o único caçador a matar um menino-besta, mas que também tinha sido o único caçador a não matar um (o que deixou várias pessoas um tanto confusas), surgiu a questão de quem levaria o menino ensanguentado e inconsciente para casa. Um lorde e uma dama que nunca tinham tido filhos logo se ofereceram, e o menino foi levado para sua

mansão e tratado tão bem quanto uma criança podia ser tratado.

Quando, depois de alguns dias, o menino finalmente acordou, ele os informou que seu nome era João.

João estava confortável na mansão ampla e abastada, com um lorde e uma dama como pais. Mas não estava feliz.

Nenhum instante se passava em que ele não pensasse sobre o que tinha acontecido com Maria. Sentia vergonha da forma como havia se comportado na Floresta da Vida. Ela havia sido tão bondosa com ele, e ele foi egoísta e irresponsável. Seu estômago embrulhava apenas com a lembrança daquilo tudo.

Ele não conseguia dormir de tanta humilhação. Cada noite agitada e calorenta o mantinha acordado, olhando para a escuridão. Então, pela manhã, ele se levantava e vagava pela mansão como um fantasma.

Onde estaria Maria? O que tinha acontecido com ela? Tinha medo de que fosse algo terrível. E, se fosse, era tudo culpa sua. Ele queria gritar. Como, como ela poderia perdoá-lo? Era como se seus pensamentos vivessem num inferno particular do qual não fazia ideia de como escapar.

Então, certa noite, enquanto estava deitado na cama, se revirando e suando, pensou: *nunca mais farei nada como aquilo. Encontrarei Maria e compensarei todo mal que causei. Serei responsável. Serei bom. Juro.*

E, porque desejou tão forte, ele conseguiu ser.
E se sentiu melhor.

Esperem, caros leitores, deixem eu adivinhar. Isso parece um tanto implausível para vocês.

É claro que parece. Sem ter tido esse tipo de experiência por conta própria, naturalmente parece ridículo. Ele desejou ser bom e então se tornou bom? Simples assim?

Exato. Simples assim. Existe um tipo de sofrimento capaz de transformar uma pessoa. Mesmo a espada mais firme, quando lançada num fogo profundo, se derrete, dobra e muda de forma. O mesmo aconteceu com João. O fogo da culpa e da vergonha era quente o suficiente.

Podem confiar em mim. Sei disso por experiência própria. Espero que vocês nunca tenham de passar por isso, mas como somos seres humanos e, por conta disso, suscetíveis a cometer erros terríveis que dilacerem nossas almas, é provável que uma experiência de culpa e vergonha como essa acabe acontecendo em algum momento. E, quando chegar esse momento, espero que vocês tenham a força que João teve para tirar proveito desse fogo e moldar a própria espada.

A partir do momento em que João prometeu ser bom, sua vida ficou bem mais fácil de suportar. O lorde e a dama eram bons pais: cuidavam de João, conversavam carinhosamente com ele e sempre ofereciam ótimas comidas. Tinham uma biblioteca maravilhosa, e João gostava de passar bastante tempo nela, lendo livros sobre cavaleiros e donzelas, dragões e gigantes. Ele sabia que não poderia permanecer naquela mansão para sempre, pois precisava encontrar Maria. Mas, até recuperar sua força, gostava de conviver com esses novos adultos. Não parecia haver nada de errado com eles.

Ah, fico triste só de falar isso. Será possível que não exista nada de errado com algum adulto? Certamente não nessas histórias.

Talvez na vida real existam pais perfeitos e adultos incríveis que nunca irão nos desapontar. Mas, na época do Era Uma Vez, nenhum adulto era perfeito. Vocês, meus caros leitores, certamente já sabem disso a essa altura.

O lorde e a dama também não eram perfeitos, obviamente. Às vezes, a dama tinha um temperamento

explosivo. Normalmente, o lorde tinha mau hálito.

Mas, pior que tudo isso era uma coisa que o lorde escondia — um segredo que ele guardava até mesmo da esposa. Não era um segredo terrível — nada cruel ou diabólico. Era uma fraqueza secreta, uma que, por mais que tentasse, ele não conseguia controlar. O lorde adorava apostas.

Ele passava o dia inteiro resistindo à fraqueza, mas à noite um suor frio tomava conta e ele não conseguia evitar abrir o baú com o ouro do casal e fugir para um quartinho escondido nos fundos de uma taberna na cidade para apostar no carteadado. Algumas vezes ganhava. Normalmente perdia. Mas, até aquele momento, nunca havia perdido tanto a ponto da esposa notar a diferença pela manhã.

No entanto, certa noite, um desconhecido sentou à mesa para jogar. Sua pele parecia ser de uma cor avermelhada na luz fraca do quartinho, e sua barba estava aparada num formato pontiagudo debaixo do queixo. Ele apostou com o lorde e venceu. Várias vezes seguidas. O lorde sabia que deveria ir embora, pois seu dinheiro tinha acabado. Ao mesmo tempo, tinha certeza de que sua esposa descobriria seu maldito segredo se voltasse para casa tendo perdido todo o ouro dos dois. Estava humilhado. Perguntou ao desconhecido barbado como ele poderia recuperar seu dinheiro. O desconhecido respondeu que bastaria ele apostar o que quer que estivesse diante da lareira em sua biblioteca naquela

noite. O homem não conseguia pensar em nada que pudesse estar diante da lareira em sua biblioteca a não ser um belo banco de mogno. Aquele era um preço pequeno a pagar pela chance de ganhar todo seu dinheiro de volta. Então concordou.

O lorde perdeu. Voltou para casa, desesperado. Entrou na biblioteca, onde o fogo ardia, se perguntando se havia alguma forma de esconder a perda de todo aquele ouro (e do banco) de sua esposa. Mas, quando olhou na direção da lareira, ele viu que João estava sentado ali, lendo um livro.

O lorde pensou novamente no desconhecido que tinha apostado com ele, em sua pele avermelhada, em sua barba pontuda e naquela aposta esquisita...

A consciência esbofeteou a cabeça do lorde como uma bandeja de salsichas. Ele tropeçou e caiu no chão. João correu em seu socorro.

— Apostando... — balbuciou o lorde.

— O senhor está bem? — perguntou João.

O rosto do lorde estava pálido, e seus olhos se fixaram no teto, sem expressão:

— Eu estava apostando com o Diabo.

Na manhã seguinte, eles esperaram o Diabo chegar para receber seu pagamento. O lorde contorcia as mãos e se desculpava com João sem parar, enquanto a dama

afundava o rosto em prantos num lenço. Mas João não conseguia se mover, nervoso e dormente. Era estranho demais, incrível demais. Ele tinha sido perdido numa aposta com o Diabo? O que isso significava? O que ele faria agora?

Ele não teria de *fazer* nada, obviamente. Se você é perdido numa aposta para o Diabo (e esse é um fato de conhecimento público — certamente não estou inventando), está fadado a enfrentar uma tortura insuportável por toda a eternidade e, independentemente do que faça, independentemente de quão bondoso você seja, ou de quantas vezes implore “Por favor, por todos os favores do mundo com cobertura de chantilly?”, o Diabo nunca, mas nunca mesmo, vai te libertar. É um sofrimento implacável do momento em que você chega ao Inferno até o momento após a eternidade.

Mas João não sabia de nada disso. Naquele momento, era melhor que não soubesse mesmo.

Depois de algum tempo, o Diabo chegou à mansão. Ele estava de sobretudo, carregando uma bengala e usava uns óculos minúsculos empoleirados sobre a ponta do

nariz. O cabelo parecia feito com cem mil fios de ouro brilhante. Ele se aproximou de João e franziu a testa.

— Quanta pureza, não? — comentou o Diabo, farejando o menino. — Ele tem um cheiro... *gostoso*.

João engoliu em seco.

— Oh, sim, ele é muito bom — afirmou o lorde. — Bom demais para ir para o Inferno.

— Será que *você* prefere ir no lugar dele? — perguntou rapidamente o Diabo.

— Oh, não, não — respondeu o lorde. — Não, pode levá-lo!

O Diabo sorriu e murmurou para si mesmo:

— Não demora pra chegar sua vez, de qualquer forma.

— O quê? — perguntou o lorde.

— Nada...

O Diabo se virou para João:

— Bem, você é tão bom e tão puro que me deixa um pouco enjoado. Não posso encostar em você e também nem quero. Levaria semanas para tirar seu fedor de mim. Então se apresente nos portões do Inferno daqui a três dias.

João juntou coragem e perguntou:

— O que acontecerá comigo no Inferno?

— Adoro quando perguntam isso. — O Diabo sorriu. — Será uma tortura insuportável por toda a eternidade e, independentemente do que faça, independentemente de quão bondoso você seja, ou de quantas vezes implore

“Por favor, por todos os favores do mundo com cobertura de chantilly?”, nunca, mas nunca mesmo, vou te libertar. Será um sofrimento implacável do momento em que você chegar ao Inferno até o momento após a eternidade.

Bom, acabou o mistério.

O Diabo então se aproximou a ponto de João ser capaz de sentir o calor de sua pele:

— E, se você não estiver nos portões do Inferno em três dias, inundarei todo esse vale com fogo e todos morrerão. E, em seguida, obviamente encontrarei sua alma e levarei o que é meu por direito.

Nesse momento, João quis chorar. Mas prendeu a respiração, levantou o queixo e falou com sua voz mais corajosa:

— Estarei lá.

E o Diabo garantiu:

— Eu sei.

Em seguida voltou para a porta, acenou com o dedo mindinho para o lorde e foi embora.

Em uma floresta perto do casarão do lorde, caminhava um homem bem idoso. Ele tinha um nariz comprido, as costas curvadas e lábios que se juntavam em volta de

uma boca sem dentes. Estava procurando duas crianças, um menino e uma menina, que tinham sumido havia muito tempo.

Ele estava prestes a se sentar e descansar os ossos doloridos debaixo dos galhos de uma árvore que parecia confortável quando, de longe, ouviu o som de alguém chorando. Seguiu o som até o pé de um ulmeiro gigante, onde encontrou um menino com a cabeça apoiada nas mãos. O velho sentiu pena do pobre menino, então ofereceu consolo perguntando se ele precisava de alguma ajuda.

— Ninguém pode me ajudar — lamuriou o menino. — Devo viajar até os portões do Inferno em três dias e me entregar ao Diabo... para sofrer insuportavelmente até o momento após a eternidade.

— João? — perguntou o senhor.

O menino levantou o rosto:

— Como sabe meu nome?

Por um momento o velho homem não disse nada — simplesmente olhou para aqueles cachos encaracolados do menino e para os olhos redondos, escuros como carvão. Então falou:

— Deixe para lá, achei que você fosse outra pessoa.

E sentou ao lado de João, franzindo a testa.

— Então — continuou —, você tem de ir para o Inferno?

João respirou fundo, limpou as lágrimas do rosto com a manga da camisa e começou a contar toda a história.

Quando terminou, o senhor estava olhando para ele atentamente.

— Não é uma causa perdida, meu menino. Quase. Mas não completamente.

Ele hesitou.

— Como assim? — perguntou João.

— Bem — prosseguiu o velho homem —, dizem que, no Inferno, o Diabo não tem poder sobre alguém que possua três fios do seu cabelo dourado.

João lembrou do Diabo, com os óculos e os fios finos de ouro em sua cabeça.

— Mas como eu conseguiria essa façanha? — perguntou João.

— Disso eu não faço a menor ideia. Mas posso levá-lo aos portões do Inferno. Sei onde ficam. E posso trazê-lo de volta se um dia você conseguir sair.

— Essa é uma oferta bem generosa — agradeceu João, encarando aquele rosto nada delicado. E finalmente perguntou. — Mas agora o senhor pode me dizer como sabia meu nome?

O velho não respondeu. Em vez disso, se levantou lentamente e começou a caminhar. Depois que tinha avançado um pouco, virou pra trás e viu que João ainda estava sentado debaixo do enorme ulmeiro.

— Bem — falou o homem —, você quer ir para o Inferno ou não?

Eles viajaram o dia inteiro, até que, quando o sol estava quase se pondo, chegaram a um pequeno povoado cercado por muros de pedra. O velho senhor perguntou ao guarda se ele e João poderiam passar a noite dentro dos muros da cidade.

— Ninguém fica nesta cidade — respondeu o guarda.
— Pois nossa fonte de vinho secou e estamos todos de luto. — Então o soldado contou que havia uma fonte mágica que fornecia vinho sem parar até que um dia parou. — Só o Diabo sabe! — falou o soldado, jogando as mãos para cima.

O velho estava prestes a se afastar do portão da cidade quando João disse:

— Estou indo encontrar o Diabo no Inferno. Talvez eu possa descobrir e voltar aqui com a resposta se um dia conseguir escapar.

O soldado coçou a cabeça:

— Não quis dizer que o Diabo *literalmente* sabe o que aconteceu... É uma expressão.

— É mesmo? — retrucou João. — Ah. O que ela quer dizer?

— Quer dizer que... — começou o soldado, mas hesitou. — Espere um minuto, você realmente está indo para o Inferno?

João confirmou com a cabeça, e o velho fez o mesmo.

O guarda deu uma olhada no pequeno menino:

— Deixa para lá. Podem entrar.

No dia seguinte, o velho homem e João caminharam até o sol estar quase se pondo, e novamente chegaram a um pequeno povoado cercado por muros de pedra. Novamente, o velho homem perguntou ao guarda se ele e João poderiam entrar.

Mas o guarda disse:

— Ninguém fica nesta cidade. Pois nossa árvore de maçãs de ouro parou de florescer e estamos todos de luto. — Então contou que havia uma árvore mágica que um dia tinha dado maçãs de ouro sem parar até um dia não dar mais. — Só o Diabo sabe! — falou o soldado, jogando as mãos para cima.

Então João disse:

— Estou indo encontrar o Diabo no Inferno. Talvez eu possa descobrir e voltar aqui com a resposta se um dia conseguir escapar.

O soldado coçou a cabeça:

— Não quis dizer que o Diabo *literalmente* sabe o que aconteceu... É uma expressão.

— Ouvi falar — respondeu João. — O que isso quer dizer?

— Quer dizer que... — começou o soldado, mas hesitou. — Peraí, você realmente está indo para o Inferno?

João confirmou com a cabeça, e o velho também.

O guarda olhou fixamente para o pequeno menino.

— Deixa para lá. Podem entrar.

No terceiro dia, o homem e João caminharam até o sol estar prestes a se pôr, quando chegaram a um rio que só poderia ser cruzado por uma balsa. Mas o condutor da balsa se recusou a levá-los até o outro lado.

— Estou nessa balsa há sete anos e não consigo sair!
— lamentou o condutor. — Não aguento mais! Meus braços estão exaustos, não durmo bem há séculos e prefiro nem *comentar* sobre idas ao banheiro.

— Por que não consegue sair? — perguntou o velho.

— Só o Diabo sabe! — respondeu o condutor da balsa, jogando as mãos para cima.

Então João falou:

— Estou indo encontrar o Diabo no Inferno. Talvez eu possa descobrir e voltar aqui com a resposta se um dia conseguir escapar.

— Não quis dizer o Diabo *literalmente*... Peraí, você disse que está indo para o *Inferno*? — perguntou o condutor da balsa. — Mas por quê?

— O Diabo sabe — respondeu João.

O condutor da balsa coçou a cabeça ao ouvir aquilo. Mas então afirmou:

— Bem, se você prometer voltar e me contar por que estou preso aqui, eu ficaria feliz em levá-lo até a outra margem.

E fez exatamente isso.

Finalmente, enquanto o sol desaparecia por detrás da linha do horizonte no terceiro dia, João e o velho senhor

chegaram às monumentais portas nefastas do Inferno. Os joelhos de João começaram a tremer levemente um contra o outro. As portas do Inferno levavam diretamente para o subterrâneo, e não havia nenhuma maçaneta ou batedor. Eram simplesmente planas e escuras. Como a eternidade.

— Seja corajoso — aconselhou o velho homem. — E pegue aqueles três fios de cabelo dourados.

João confirmou:

— Pegarei.

Mas sem saber se acreditava nas próprias palavras.

A mão de João tremia tanto que ele precisou de três tentativas para simplesmente bater nas portas imensas. Mas, assim que as articulações de seus dedos sequer encostaram nelas, a entrada se escancarou e dois pares de longos braços vermelhos o agarraram, puxando-o para dentro. O portão cerrou num estrondo atrás dele.

O Fiel Johannes se sentou no chão e esperou. Ele tentou calcular quanto tempo durava uma eternidade.

João ficou parado junto às portas do Inferno, investigando tudo a sua volta. Ele parecia estar numa caverna. O teto era baixo e pesado com longas espirais pontiagudas de rocha; por essas espirais pingava um líquido vermelho que se parecia, exatamente, com sangue. Mas, apesar de haver um teto, não existiam paredes. João podia ver infinitamente em todas as direções. Mil caminhos derivavam de onde ele estava, caminhos que passavam

por milhões e mais milhões de crateras de fogo líquido borbulhante e incandescente. Em cada cratera, um pecador gritava enquanto demônios de braços vermelhos o afundavam na lava pelando. Os pecadores esperneavam e lutavam enquanto eram forçados para baixo. Às vezes os demônios deixavam que subissem à superfície, e os pecadores berravam e urravam pedindo mil desculpas e implorando para que os libertassem, por todos os favores do mundo com cobertura de chantilly, então os demônios os empurravam novamente para que eles sufocassem queimados.

— Parece divertido? — perguntou um dos dois guias demônios de João.

Ele o conduziu por entre os poços de fogo, sobre um caminho que espocava em brasas. As solas dos pés de João começaram a chamear, e ele pulava de um pé para o outro, se contorcendo. No entanto, muito pior do que a dor em seus pés era o refrão de pecadores que gritavam se erguendo dos poços, apenas para serem enfiados novamente no fogo, como um boneco de uma caixa de surpresa dos infernos.

Quando eles passaram por uma cratera, uma mulher pesada emergiu do fogo borbulhante e gritou:

— Oh, por favor, pare! — João encarou a senhora. Era a confeitadeira. Ela também o reconheceu. — João! — gritou ela. — Sinto muito! Sinto muito! Peça para eles pararem! Por favor, peça para eles pararem! Por favor! Por todos os favores!

Um demônio com um tridente a empurrou novamente para debaixo da superfície de fogo incandescente.

João diminuiu a velocidade ao passar ao lado do poço. Ele odiava a confeitadeira. Ela era má. Ele estava feliz por ela estar sendo punida pelo que tinha feito — com eles e com todas as crianças que ela deve ter comido antes de se conhecerem. *Sim*, pensou ao observar enquanto ela voltava à superfície novamente, gritava e em seguida era mergulhada na tortura. *Sim, deixem que seja castigada.*

Mas, quando ela retornou à superfície mais uma vez, ele percebeu o pânico em seu rosto e o remorso e as súplicas. Ela merecia ser punida. Mas não assim. E não por toda a eternidade.

— Você poderia, por favor, parar? — pediu João.

O demônio com o tridente se virou para João.

— O quê? — debochou ele.

João engoliu em seco. Levantou a cabeça, encarando firme o demônio.

— Por favor — repetiu. — Eu a perdoei. Pode parar com a tortura agora.

Por um momento o demônio pareceu paralisado. Então olhou para os guias demoníacos de João. Os cantos de sua boca se contorceram num sorriso. Ele retrucou:

— Boa tentativa, garoto. Mas não é assim que as coisas funcionam por aqui.

Os dois demônios riram e continuaram a empurrar João. Seus olhos vasculharam os poços, procurando aquele que estaria vazio e, tinha certeza esperando por

ele. Mais adiante, ele notou uma pessoa em um dos poços que, por alguma razão, chamou sua atenção. Era um homem jovem com cabelos pretos e olhos verdes marcantes. Ele gemia e uivava cada vez que seu rosto se erguia no poço fervente. João desviou o olhar.

Finalmente, eles chegaram a um que estava vazio. João parou na beirada, olhando para as chamas escaldantes abaixo, cercadas de pedras pretas afiadas.

Vocês já pararam na beira da água sabendo que ela estaria muito, mas muito fria? E mesmo tendo de entrar, vocês realmente, realmente, realmente não queriam?

Bem, isso era mais ou menos igual.

Só que com fogo líquido no lugar da água gelada.

João apertou os lábios e juntou as mãos suadas. Fechou os olhos. Atrás dele, podia ouvir a risada dos demônios. Então, antes que eles pudessem empurrá-lo, ou chutá-lo, ou golpeá-lo com o tridente, João mergulhou.

Dor. Uma dor maior do que ele um dia poderia ter imaginado. Uma ardência tão terrível e abrasiva que cada centímetro do corpo de João gritava para sair do fogo. Ele começou a se debater freneticamente, lutando para chegar à superfície. Finalmente se ergueu sobre as

chamas e houve uma fração de segundo de alívio, como se talvez o sofrimento estivesse perto de acabar. Mas, instantaneamente, sentiu a picada dos tridentes em seu pescoço e no rosto, empurrando-o novamente para baixo. Afundou novamente e ardeu e ardeu, e a ardência era pior ainda dessa vez por ter sentido, mesmo que por um instante, o doce e refrescante alívio da superfície. Mais uma vez, João se debateu e voltou à superfície.

Ele estava prestes a soltar o grito mais destruidor que qualquer pulmão poderia produzir quando ouviu um dos demônios comentar:

— Espere um minuto desta vez. Gosto de ouvir quando eles gritam.

Bem quando o som tinha passado pela garganta de João e por cima de sua língua, ele fechou os lábios com força. Ele encarou aquela expressão estreita, estúpida e perversa do demônio. E decidiu: *Por você, não vou gritar.*

Depois de um momento do alívio mais delicioso que se podia imaginar, eles o empurraram para baixo novamente e João teve certeza de que sua pele estava se desfazendo. Ele se debateu até voltar à superfície. Os demônios observaram com grande expectativa. Mas, em vez de gritar, João se concentrou nos uivos dos outros sofredores.

— Sinto muito!

— Eu me odeio pelo que fiz!

— Se apenas eu tivesse sido uma boa pessoa!

— Por que esse não está gritando? — perguntou o demônio enquanto eles o empurravam novamente para debaixo do fogo líquido.

Enquanto estava debaixo da superfície novamente, ele percebeu que, apesar daquilo ser terrível, não era tanto quanto aquelas noites sem dormir, quando ele se sentia profundamente culpado por ter abandonado Maria. Pelo menos isso era apenas dor, e não vergonha e remorso. E não era culpa sua. Ele voltou à superfície e sorriu para os demônios.

— Este aqui está com defeito! — guinchou o demônio. Eles o empurraram para baixo mais uma vez.

Para baixo e de volta à superfície, e João sorria. Para baixo e de volta à superfície, e João sorria. Para baixo e de volta à superfície, então os demônios o tiraram do poço.

— O que há de errado com esse aqui? — perguntou um deles, espetando o menino com o tridente.

João se contorceu, mas não emitiu nenhum som.

— É melhor levá-lo até o Diabo em pessoa — respondeu o outro demônio. — Para ele decidir como proceder.

Então o conduziram por outro caminho ardente. A breve sensação de triunfo de João foi engolida como uma moeda caindo pela enorme boca sombria de um poço. O Diabo em pessoa.

Logo chegaram a um lugar onde os poços de fogo acabavam e começava o que parecia ser um bairro

residencial tranquilo. Atravessaram uma rua larga, com grama, árvores e arbustos — mas a grama era vermelha, as árvores pretas e os arbustos vermelhos — até chegarem a uma pequena casa com uma cerca de estacas pretas, paredes vermelhas e cortinas pretas. Os demônios empurraram João na direção da porta.

— Vá em frente — empurraram eles. — Vamos ver se agora você não grita.

E foram embora.

— Espero que venha um gritador da próxima vez — comentou um deles.

— Tomara — concluiu o outro. — Que coisa mais esquisita.

João parou diante da porta. Era escura, como os Portões do Inferno, mas também estranha, com um batedor que se parecia com a cabeça de um gatinho revestida em bronze. João observou o batedor com mais atenção. Os bigodes eram reais. Aquela *era* a cabeça de um gatinho revestida em bronze.

Evitando o felino, João usou a própria mão para bater de leve na porta. Ninguém respondeu. Com cuidado, encostou a cabeça na madeira para escutar através dela.

Gritos — gritos terríveis, até bem piores que aqueles dos pecadores nos poços de fogo — ecoavam lá dentro. O sangue de João tremeu em suas veias.

— É agora — desafiou a si mesmo. — É agora ou nunca.

Colocou a mão na maçaneta e a girou.

João se viu numa sala de estar — mais ou menos como uma sala de estar normal. Havia um sofá em frente a uma lareira, uma poltrona, mesas laterais, velas para leitura e um tapete grosso. Mas tinha um cheiro particularmente fedorento — suor, cecê e enxofre, tudo misturado —, tão forte que João quase vomitou, tendo de apertar o nariz e cobrir a boca para evitar. Então prestou atenção na poltrona. Não era feita de couro. Era de pele humana. Tinha dentes estufando pra fora de uma das costuras. Ele apertou mais ainda a mão sobre a boca para não vomitar.

Os gritos estavam vindo do ambiente ao lado. Cuidadosamente, João andou nas pontas dos pés até a beira do sofá. Ele era feito de cabelo. Cabelo humano. João tentou abstrair. Escondido atrás do móvel, conseguiu enxergar o que estava acontecendo. Era a cozinha. Lá dentro estava uma velha mulher-Diabo, com uma panela e uma frigideira, uma em cada mão, cozinhando e cantando. Não eram gritos. Aquele barulho era a cantoria.

Naquele exato momento, João ouviu o rangido de passos na escada que levava até a porta da frente. Procurando freneticamente a sua volta um lugar onde pudesse se esconder, encontrou um armário no canto e foi correndo até lá. Entrou com cuidado, fechando a porta silenciosamente. Nesse instante, ouviu a voz do Diabo.

— Vovó, cheguei!

A gritaria-cantoria na cozinha parou.

— O jantar está pronto, meu querido.

Agora João ouvia o barulho da mesa sendo arrumada.

O Diabo ajudou a pôr a mesa (pois até mesmo o Diabo ajuda sua avó a pôr a mesa). Ele parou e farejou o ar.

— Você está sentindo cheiro de carne humana? — perguntou ele.

João prendeu a respiração.

— É claro, bobinho — respondeu a avó. — Tem um menininho chamado João esperando por você no armário da sala.

Não, ela não disse isso. Estava apenas provocando vocês um pouquinho.

— É claro, bobinho — respondeu sua avó, na verdade. — O que você acha que tem para o jantar?

E eles se sentaram para comer.

João estava encolhido na escuridão do armário — cercado por cobertores e travesseiros sobressalentes (que ele se recusou a descobrir do que eram feitos) — e esperou. O Diabo devorou o jantar que sua avó tinha preparado para ele — dedos de pecadores refogados com lágrimas de culpa — e, então bocejou bem alto.

— Cansado de todos os seus truques maléficos? — perguntou sua avó, complacente. — Deite aqui. Coloque

a cabeça em meu colo que vou acariciar seus lindos cabelos dourados.

O Diabo tirou seu longo sobretudo, colocou seus óculos numa mesinha e se enroscou no tapete no meio da sala de estar, apoiando a cabeça no colo da avó. Ela delicadamente acariciou seu cabelo.

— Agora durma — acalentou. — Durma profundamente.

Logo ele estava roncando. Depois de um tempo, a avó também estava.

João permaneceu sentado ali no armário escuro, escutando enquanto os dois roncavam. De repente, ele percebeu que essa era sua chance. O velho não tinha dito que ele só precisaria de três cabelos dourados da cabeça do Diabo para escapar daquele lugar? Cuidadosamente, ele abriu a porta do armário e caminhou nas pontas dos pés até onde o Diabo estava dormindo. Com toda agilidade, João esticou o braço e pegou...

Um cabelo dourado da cabeça do Diabo.

Era isso o que ele precisava, certo?

Certo?

Errado! Estão loucos? O Diabo acordaria imediatamente! Então torturaria João para sempre e todo sempre e um pouco mais de sempre.

Espero que não seja isso que vocês acharam que João faria. Se acharam, boa sorte se um dia acabarem no Inferno.

João esticou o braço e pegou os óculos do Diabo na mesa lateral, voltou para o armário e fechou a porta novamente. Então continuou esperando a noite toda.

Na manhã seguinte, o Diabo acordou e se preparou para mais um dia de coleta de almas. Sua avó preparou para ele um café da manhã com unhas humanas — mexidas, é claro — e empacotou seu almoço numa sacola.

Mas, antes de sair, o Diabo anunciou que não conseguia encontrar seus óculos. Ele estava furioso, pois mal podia enxergar sem eles.

— Quase não consigo reconhecê-la, Vovó! — gritou ele. — Onde diabos eu os coloquei?

— Só o Diabo sabe! — exclamou sua avó.

— Não, ele não sabe! — gritou ele.

Depois de um tempo, ele decidiu ir embora sem os óculos, resmungando sobre não conseguir diferenciar um pecador do outro e perder um dia perfeitamente bom de danação.

Depois que ele saiu, a avó se encaminhou para o segundo andar. Com muito cuidado, João abriu a porta do armário. Ele olhou para o andar de cima pelo vão da escada. A avó estava levando coisas para o sótão. João

observou enquanto ela carregava um amontoado de coisas escada acima — incluindo uma coroa com uma cabeça ainda grudada nela e algo que se parecia com uma lula — e voltar de mãos vazias. Ela repetiu o movimento — dessa vez carregando dois pés gigantes. Quando voltou ao andar de baixo, estava suando por conta do calor e do esforço. Ela coçou os cabelos cinzentos e os arrancou fora. João fez uma careta ao ver a cabeça careca e cheia de cicatrizes que ficava por baixo dos cabelos. Ela desapareceu num quarto e voltou totalmente sem cabelo, carregando agora uma criança empalhada com um pirulito no nariz. Quando ela virou para subir até o sótão, João respirou fundo e a seguiu escada acima.

Cada um de seus passos fazia a escada ranger bem alto, fazendo com que estremecesse e prendesse a respiração. Mas a avó do Diabo estava “cantando” novamente e não conseguia ouvir nada. Quando ela desapareceu do outro lado da porta do sótão, João correu atrás. Ela estava parcialmente enterrada em caixas e objetos estranhos quando ele fechou a porta silenciosamente com ela dentro. Surpreso, aliviado e contente, ele descobriu que havia uma chave na porta do sótão. Ele trancou a fechadura e se dirigiu para o andar de baixo.

João logo escutou batidas frenéticas na porta do sótão. A avó começou a gritar por ajuda. Mas não havia ninguém por perto para ouvir. Depois de muitas batidas e

gritos, a avó pareceu resignada a passar um dia no sótão e se acalmou.

Em seguida, João seguiu para os aposentos dela. Na cômoda, encontrou um suporte para perucas diante de um espelho de obsidiana, com a peruca cinzenta da avó sobre ele. Sua maquiagem também estava espalhada por ali — um grosso batom preto que mais parecia um bastão de óleo petrificado, um blush que parecia sangue seco em pó, e cílios falsos que se pareciam com — não, eram de fato — patas de moscas. No armário, achou seus vestidos.

João fechou a porta do quarto.

Saiu uma hora depois, vestido da cabeça aos pés como a avó do Diabo. Ele estava usando um vestido preto bufante, com a maquiagem aplicada no rosto inteiro (da melhor maneira possível, que não era muito boa) e a peruca cinzenta. Os cílios ele preferiu não colocar.

Na cozinha, ele retirou o que parecia ser uma panela de dedos humanos de uma bolsa térmica, colocou a panela no fogão e acendeu o fogo.

— Sobras — proferiu para si mesmo.

Em seguida, arrumou a mesa com garfos e facas feitos de ossos e dentes humanos e esperou o Diabo chegar em casa.

Quando ouviu passos se aproximando da porta, João começou a berrar com toda força. A porta se abriu, e o Diabo entrou.

— Caramba, Vovó! Será que não dá pra parar com essa cantoria infernal por um maldito instante?

— Alguém está de mau humor hoje — respondeu João, com sua melhor voz de avó.

— Sem meus malditos óculos, não faz nenhum sentido procurar pecadores. Fiz papel de bobo — resmungou o Diabo.

— Oh, duvido muito que tenha feito mesmo, meu querido — respondeu João.

E começou a servir os dedos no prato do Diabo.

— Sua voz está estranha hoje, Vovó — comentou. — Você está se sentindo bem?

Um calafrio atravessou o corpo inteiro de João.

— Claro, querido — disfarçou ele. — Apenas com o nariz um pouco entupido.

E fungou duas vezes.

O Diabo se sentou à mesa, mas imediatamente se voltou para João:

— Vou te contar, está um fedor horrível de carne humana aqui! Que nojo!

Mas João lembrou do que a avó tinha falado no dia anterior:

— Claro que está! O que você acha que temos para o jantar?

O Diabo comeu uma garfada do seu jantar e cuspiu:

— Que coisa repugnante. O que é isso?

— Sobras — respondeu João, nervoso.

— Blergh! Eu *odeio* sobras! — O Diabo se levantou, marchou até a sala e se jogou no sofá. — Que dia horrível! — gritou ele.

João respirou fundo e caminhou lentamente para onde o Diabo estava.

— Pronto, querido — disse ele. — Deixe-me fazer carinho em seus cabelos. Tudo estará melhor pela manhã.

E João se sentou no meio do tapete da sala, exatamente como a avó do Diabo tinha feito.

O Diabo resmungou e apoiou a cabeça no colo de João.

— Vovó, por que você está tremendo? — perguntou ele.

— Para embalá-lo no sono, meu querido — respondeu João, e tentou evitar que seus dentes também batessem.

— Vovó, você pode cantar para mim? — pediu o Diabo, com as pálpebras se fechando.

— Claro, meu querido — falou João.

Ele engoliu em seco e então começou a gritar com toda a força de seus pulmões.

— Vovó, que voz linda você tem — elogiou o Diabo.

— Para cantar para você dormir, meu querido — respondeu João.

— Você pode fazer um cafuné? — pediu o Diabo.

Com mãos trêmulas, João começou a acariciar seus cabelos.

— Vovó, que dedos delicados você tem — elogiou o Diabo.

— *Shhhh* — sussurrou João. — Durma, meu querido.
E o Diabo dormiu.

Assim que a respiração do Diabo se estabilizou, João segurou um fio de cabelo do Diabo com os dedos e, tentando não acordá-lo, deu um puxão.

— Breu e piche! — gritou o Diabo, se sentando. — Por que você fez isso?

O coração de João saltou até a boca. Mas ele respondeu da forma mais calma que conseguiu:

— Sinto muito! Peguei no sono e tive um pesadelo. Devo ter agarrado seu cabelo.

O Diabo se ajeitou novamente no colo de João.

— Adoro pesadelos — comentou. — Como foi?

João engoliu em seco.

— Sonhei que havia uma cidade com uma fonte de vinho, mas que ela havia secado e todos os habitantes estavam arrasados.

— Aha! Aqueles velhos idiotas! — debochou o Diabo. — Coloquei um sapo bem debaixo da fonte. É isso o que está impedindo o vinho de circular! Tudo o que eles têm de fazer é matá-lo. Mas eles não sabem disso, claro.

Ele riu do aborrecimento que tinha causado e adormeceu novamente.

Assim que a respiração do Diabo se estabilizou de novo, João segurou outro fio dourado entre os dedos e deu um puxão.

— Enxofre e enxofre! — gritou o Diabo, se sentando. — Por que você fez isso?

— Sinto muito! — disse João. — Peguei no sono e tive outro pesadelo. Devo ter agarrado seu cabelo.

O Diabo se ajeitou novamente no colo de João.

— Bem — disse, resignado —, como foi dessa vez?

— Dessa vez sonhei que havia uma cidade com uma árvore que dava maçãs de ouro. Mas a árvore estava morrendo, não florescia mais e todos os habitantes estavam arrasados.

— Aha! Aqueles velhos idiotas! — debochou o Diabo. — Coloquei um rato debaixo do solo, na raiz. Ele está comendo as raízes e matando a árvore. Se eles simplesmente retirassem o rato e dessem um fim nele, ela voltaria a florescer novamente. Mas não sabem disso, obviamente.

Ele riu do aborrecimento que tinha causado e adormeceu novamente.

Mais uma vez, João esperou até a respiração do Diabo se estabilizar e, pela terceira vez, arrancou um cabelo dourado.

— Pai acima e eu abaixo! — berrou o Diabo, se sentando. — Não me diga! Você teve outro pesadelo!

— Sim! — respondeu João. — Sinto muito mesmo!

O Diabo se ajeitou novamente no colo de João.

— Estou ficando cansado disso — protestou. — Conte-me o sonho, mas, se você puxar meu cabelo novamente, vou te levar lá pra fora com os pecadores.

— Sonhei que havia um pobre condutor de balsa — disse João — que estava em seu barco há sete anos e não conseguia sair, por mais que se esforçasse.

— Aha! O velho tolo! — falou o Diabo. — Tudo o que ele precisa fazer é entregar seu remo para outra pessoa e estará livre, e *essa pessoa* ficará presa ali pelo resto da eternidade. Mas ele não sabe disso, obviamente. — Ele riu da agonia que tinha causado e falou. — Agora não me acorde novamente ou você se arrependerá.

Ele estava começando a se ajeitar para dormir tranquilamente enquanto João segurava os três fios de cabelo dourados balançando como uma folha, quando um grito percorreu a casa inteira. O Diabo se sentou.

— O que diabos foi isso? — gritou ele.

— Parece que alguém está no sótão! — respondeu João. — Será que algum dos pecadores escapou?

— Vou descobrir agora! — bradou o Diabo, saltando do tapete e subindo a escada correndo. Assim que o perdeu de vista, João se levantou, apressado, arrancou a peruca e o vestido e saiu em disparada pela porta da casa. Segurando firme os três fios de cabelos dourados, correu na direção da porta do Inferno.

Depois de algum tempo, ele deu uma espiadinha por cima do ombro. Para sua surpresa, ele descobriu que o fogo e os poços e os demônios com tridentes tinham desaparecido. Tudo o que ele via agora eram os pobres pecadores se contorcendo no chão de uma enorme caverna, gritando de tristeza e remorso por toda a dor

que haviam causado. De posse dos três fios dourados, ele sabia que estava enxergando a verdade — o Inferno como realmente era.

João chegou às portas pretas monumentais, que imediatamente se abriram assim que sua mão encostou nelas, a luz do sol ofuscando seus olhos enquanto ele permanecia imóvel.

O velho homem, que estava sentado no chão bem ao lado de fora todo esse tempo, se levantou num salto.

— Você saiu! — comemorou. — Aleluia! — Então estranhou. — Por que você está usando maquiagem?

Mas, bem naquele momento, um terrível grito ecoou nas profundezas do Inferno — o inconfundível berro do Diabo que congelava o sangue, arrepiava os cabelos e embrulhava o estômago.

— Corra! — gritou João.

E dispararam pelo solo empoeirado para longe das portas do Inferno. Olhando por cima do ombro, João avistava o Diabo furioso, galopando pelo gramado atrás deles. Pois, como vocês sabem, o Diabo não tem nenhum poder sobre aqueles que ainda não estão amaldiçoados fora do Inferno, então teve de persegui-los a pé.

Ainda assim, ele era mais rápido que o jovem menino e o velho senhor, e não estava muito atrás quando chegaram ao rio. Eles pularam na balsa e a empurraram para longe da margem.

— Você descobriu como me libertar? — perguntou o condutor.

— Descobri — respondeu João —, mas leve-nos até a outra margem primeiro! Veja! O Diabo está atrás de nós!

Então o condutor remou com toda a força. Quando João e o velho saíram do barco, João contou ao condutor o que fazer.

O homem voltou até a outra margem, onde o Diabo estava esperando impacientemente.

— Atrás daqueles dois! Agora! — comandou o Diabo, pulando dentro da balsa. Então o condutor partiu. Mas ele remava o mais devagar possível. — Depressa! — ordenou o Diabo. — Eles estão escapando!

Mas o condutor falou:

— Não consigo ir mais rápido. A correnteza está muito forte para mim.

— Ah, que se dane! — bradou o Diabo, arrancando o remo das mãos do condutor. Ele remou até a outra margem num piscar de olhos, mas, ao chegarem ao outro lado do rio, o homem saiu da balsa e o Diabo descobriu que estava preso ali. Ele berrou e gritou e chorou e esperneou, mas, por mais que protestasse, nada poderia libertá-lo.

O condutor então confeccionou uma pequena placa de argila e um pedaço de ardósia para explicar a situação a todos que passassem por ali, a fim de que ninguém acidentalmente soltasse o Diabo. Ele decorou o local com flores e anjos sorridentes. O Diabo estava furioso. Mas ele ficaria preso naquele barco por muitos e muitos anos.

O velho senhor deu gargalhadas e mais gargalhadas ao ver o Diabo na pequena balsa, lutando para sair, e João o acompanhou nas risadas, limpando a maquiagem de avó do rosto. Em seguida, recomeçaram a caminhada na direção das cidades de muros de pedra para contar às pessoas como quebrar as maldições do Diabo.

Mas, depois de avançarem um pouco, o velho tropeçou. João o segurou, e eles prosseguiram. Porém, logo adiante, ele tropeçou de novo, e dessa vez caiu no chão.

João tentou ajudá-lo a se levantar, mas o homem respirava com dificuldade.

— Preciso descansar um pouquinho — disse ele.

A corrida contra o Diabo tinha impactado severamente o corpo do velho senhor. Então João sentou ao seu lado e, atendendo ao pedido do homem, contou toda a história do que aconteceu no Inferno e como ele tinha conseguido escapar.

O velho riu à beça quando João contou que tinha se fantasiado de avó do Diabo, e riu ainda mais quando descreveu sua cantoria para o Diabo dormir. Mas logo a risada se transformou num acesso de tosse. Ele apoiou a cabeça na grama e tentou controlar a respiração. Depois de um tempo, segurou a mão de João.

— Não conseguirei ir em frente — balbuciou o velho. Mesmo pronunciar aquelas palavras era um esforço para

ele. — Fique ao meu lado, João. Não me abandone agora.

— Por que eu o abandonaria? — perguntou João.

— Você fugiu da casa dos seus pais por minha causa — confessou o senhor.

João não entendeu que conversa era aquela.

— Fugi porque meu pai me decapitou — explicou. — E como você sabe que eu fugi?

— Quem *disse* a ele para cortar sua cabeça?

A voz do homem quase não saía mais.

— Uma estátua... — começou João. Mas interrompeu a frase. Ele olhou para o rosto velho e enrugado do homem. Então, depois de um momento, prosseguiu. — Você disse.

— Eu disse — confirmou o Fiel Johannes. Ele tentou levantar o corpo para se sentar, mas seu rosto se contorceu de dor e ele desistiu. — Venho procurando você e sua irmã por todos esses anos. Agora consegui te encontrar e estou à beira da morte.

E permaneceram ali, o velho homem e o jovem menino, num canteiro à beira da estrada. As nuvens passavam pelo céu logo acima, o sol do fim do outono se punha no oeste, e os grilos estrilavam seu canto sereno.

Então, porque não conseguia pensar em outra coisa todas as manhãs quando acordava e toda noite ao se deitar, João pediu:

— Conta mais sobre meus pais.

Johannes sorriu melancolicamente:

— Eles nunca se perdoaram, João, pelo que fizeram com vocês dois. Foram tolos... tolos! — Ele tossiu com raiva. — Agora eles reconhecem essa tolice. E eu também reconheço. Fidelidade é importante. Atender é importante. Mas nada é tão precioso quanto nossas crianças. Nada.

O canto dos grilos os envolveu mais uma vez. Uma revoada de andorinhas atravessou o ar sobre suas cabeças, seus pequenos corpos marrons emoldurados no céu rosado. João se lembrou dos sete irmãos.

— Não quero ir para casa — admitiu. — Não me faça voltar.

De repente, sentiu como se fosse um menino bem pequeno outra vez.

— Eu entendo — falou Johannes.

— Não, não entende.

Johannes suspirou:

— João, eu entendo.

E começou a narrar uma história para o menino. Começava com um rei moribundo, um jovem príncipe e uma linda princesa que vivia do outro lado do oceano. O príncipe se tornou rei, e convenceu a linda princesa a ser sua esposa (Johannes deixou de lado toda a história do *sequestro*, pois seu corpo estava muito fraco; e, além disso, era um tanto vergonhoso). Contou depois sobre os três corvos e as três profecias. E sobre um fiel criado que arriscou a própria vida para salvar a do casal.

— Eu amava esse jovem rei e sua noiva — declarou Johannes. — E achei que, talvez, eles tivessem fé em mim. Que eles fossem me atender.

Em seguida, contou sobre o alazão, o vestido de ouro e a primeira dança, assim como a rainha carregada até o alto da torre e as coisas que aconteceram em seus aposentos. E sobre sua condenação e todo resto.

João olhava fixamente para a grama enquanto as sombras cresciam e o céu passava de azul pálido para laranja e cor-de-rosa. Gafanhotos zumbiam.

— Você conseguiu perdoá-los? — perguntou João delicadamente.

— Fiz mais que perdoá-los — respondeu Johannes. — Eu os atendi.

— Eu entendi também, mas...

— Não “entendi” — interrompeu Johannes. — Atendi. No sentido arcaico da palavra. — Ele parou para recuperar o fôlego. — Eu plantei meus pés debaixo deles e apoiei todo o peso que carregavam com meus próprios ombros... suas escolhas, seus erros e seu sofrimento. Sim, eu os entendi; mas também os *atendi*.

“No último instante, antes de me transformar em pedra, seus pais entenderam o que eu tinha feito por eles. Mas apenas naquele dia terrível, quando eles cortaram suas cabeças, eles me atenderam; apenas naquele dia estiveram dispostos a se colocar no meu lugar e suportar o peso que eu carregava. Foi isso que me trouxe de volta à vida.

“Então eu te entendo, João. E te atendo. Mas isso, infelizmente, não é suficiente. Não é por mim que você precisa ser atendido.”

De repente, um terrível acesso de tosse tomou conta do velho homem. Ele se curvou enquanto João dava apoio a seus ombros. Depois de um tempo, ele conseguiu se deitar. Havia sangue em seus lábios e em seu rosto.

— Ouça bem o que tenho a dizer agora, João. Preste bastante atenção. — A voz de Johannes estava baixa e difícil de escutar. João posicionou a cabeça bem ao lado da boca de Johannes, exatamente como o criado tinha feito com o avô de João muitos anos antes. — Existe uma coisa diabólica — falou Johannes. — Uma coisa diabólica no reino. Por conta de tanto desalento e tristeza, um dragão se instalou no Reino de Grimm.

João tentou levantar o corpo, mas o velho senhor o segurou firme pela manga da camisa.

— Preste atenção. O dragão se apoderou de uma das pessoas. Ele vive dentro dessa pessoa, como uma doença.

— Quem?

Mas Johannes fez um sinal para que o menino se calasse. Nesse momento, estava fazendo um tremendo esforço para conseguir falar:

— Vocês precisam derrotá-lo. Você e Maria.

— Por que nós?

— Porque chega um momento em que um reino precisa de seus herdeiros — disse Johannes.

João ficou sentado em silêncio sob o céu cor-de-rosa arroxeadado. Ele refletiu sobre o reino, sobre seus pais e sobre todos os anos que tinham passado. Lembrou da dor que sentiu, e do fardo pesado desse sofrimento. E pensou sobre o que Johannes tinha falado sobre atender alguém.

— Nós iremos até lá — concluiu João. — Encontrarei Maria, e nós salvaremos nossos pais e nosso reino.

O velho homem sorriu e esticou o braço para tocar a mão de João. Eles permaneceram na mesma posição enquanto a luz se esvaía, o céu passava de azul para um violeta profundo e, então, escurecia de vez. João observava as estrelas conforme apareciam — uma, duas, três, quatro...

Ele se virou novamente para Johannes. Os olhos do velho estavam apontados para o alto, mas ele não enxergava mais. João passou a mão pelo seu rosto e sentiu seu pulso. Johannes estava morto.





Era uma vez uma menininha que parou para descansar numa taberna que ficava na beira de uma estrada. Ela sacudiu o sobretudo junto à porta enquanto a neve molhada caía no chão áspero de madeira. Do lado de fora, ventos derradeiros do inverno sacudiam os galhos das árvores, e a estrada se misturava numa confusão de água e gelo.

Maria sentou ao lado da lareira, e o dono da taberna lhe trouxe leite quente numa caneca de estanho. Ela

pagou a bebida com o que havia na bolsinha que os aldeões tinham lhe dado quando partiu e ficou observando melancolicamente a lenha se desintegrar, suas cinzas se espalhando pelo ar, insistindo em apagar o fogo que queimava dentro da lareira. Ela sabia exatamente como era aquela sensação.

Meses. Meses percorrendo a estrada enquanto as folhas mudavam de vermelhas para marrons e finalmente se desprendiam das árvores. Quando a neve começou a cair do céu — a princípio delicadamente, e depois, mais pesada, se aglomerando em pequenos montes brancos que se moviam pela estrada congelada diante de Maria. Ela havia apertado mais seu sobretudo, mas o frio ainda penetrava pela pele e chegava aos ossos. De vez em quando, seus pés deslizavam enquanto caminhava, e ela acabava esparramada sobre um monte de neve fofa — ou pior, numa poça profunda de água congelante. Ela andava sem saber para onde estava indo e, quanto mais tempo se passava, se importando menos com o destino.

Havia vivido com e sem pais. Em casas de família e na natureza selvagem. Nada tinha dado certo.

Ah, sim. E João estava morto.

Ela apoiou a cabeça dourada sobre a mesa gasta da taberna, ao lado da caneca de estanho. A superfície estava grudenta por causa de restos de bebidas derramadas. Maria não se importava. Fechou os olhos.

Houve um estrondo, e a porta da estalagem se abriu. Maria levantou a cabeça. Um homem estava parado junto à porta.

— Ele voltou! — bradou ele, sua voz estalando de medo. — Ele voltou...

As pessoas que estavam na taberna se levantaram todas ao mesmo tempo.

— Kindheitburg está arrasada! — lamentou o homem.

Gritos surgiram de todos os lados. Algumas pessoas empurraram o homem para fugir correndo pela estrada enlameada e saíram em disparada.

— O que você quer dizer com “arrasada”? — perguntou alguém.

— Está tudo destruído — declarou o homem junto à porta. — As casas, a de Meister Beck, a padaria, a de Frau Hopper...

— E as pessoas?

— Não sei. Mas havia corpos no chão. — Ele sacudiu a cabeça. — Muitos corpos.

O salão pareceu se descabelar ao mesmo tempo. Algumas pessoas se sentaram, desoladas. Outras cobriram os rostos.

— Eu estava na montanha sobre a cidade — prosseguiu o homem. — Eu o vi circulando, planando sobre a aldeia. Teria voltado correndo para avisá-los, mas não deu tempo. Além do mais, tive de ficar para proteger essa aqui.

Atrás da perna do homem, surgiu uma menininha. Estava escondendo o rosto, mas dava pra ver que suas bochechas estavam manchadas de terra com linhas de lágrimas secas.

O homem continuou:

— Ele deu três ou quatro voltas pelo céu. Dava pra ouvir os gritos das pessoas. Então ele deu uma guinada e começou a descer. Varreu a casa de Frau Hopper; aquela grande, de pedra. Arrancou metade da construção. Vi alguém (talvez a própria Frau Hopper) voar pelo ar uns noventa metros à frente. E depois se espatifar no chão.

O homem estremeceu.

— E depois disso? — perguntou alguém.

O homem deu outra estremecida, mas não disse mais nada. Um senhor idoso que estava próximo o conduziu até um banco e lhe trouxe uma bebida. Ele apoiou a cabeça nas mãos. Uma mulher enorme saiu de trás do balcão, pegou a menina no colo, acalentou-a em seus braços e a levou até o andar de cima por uma escada nos fundos.

Depois que as duas se foram, a porta fechou, e a taberna sombria explodiu com vozes ansiosas. Maria tentou entender o que estava acontecendo, mas todos falavam ao mesmo tempo e alto demais. Sobre o que estavam discutindo? O que essa coisa tinha feito? Então, aos poucos, ela conseguiu distinguir uma palavra que estava sendo repetida incessantemente em meio ao burburinho: *dragão*.

Maria estava ao lado de três pessoas — dois homens, um alto e um barbado, e uma mulher, que estava de costas para ela.

— Dizem que ele é humano — afirmou o homem barbado.

— Metade humano — esclareceu o sujeito alto. — E metade dragão, claro.

— Meu padre disse que um dia foi um homem, mas agora está possuído pelo espírito de um dragão — disse a mulher.

— Teria de ser um homem-demônio para ser possuído por um dragão.

— Não — respondeu a mulher. — O padre explicou que não. Disse que era uma alma triste. Uma alma desesperada. Foi isso o que ele contou.

— Sim, foi o que ouvi falar também — concordou o sujeito barbado.

O homem alto coçou seu queixo áspero com a barba por fazer:

— Mataram aquele homem em Walden. Pensaram que ele fosse o dragão.

— Parece que não era, então.

— Parece que não. E ele tinha filhos.

— Mataram seis irmãos em Hamelstatt — disse a mulher.

— Não, isso é um boato.

— Não é. Meu primo viu tudo.

— Terrível — falou o homem com a barba.

— Terrível — disse o sujeito alto.

— Terrível — declarou a mulher.

— Com licença — interrompeu Maria. Ela estava parada ao lado da mulher, que não parecia escutá-la. Maria puxou a manga de sua camisa. — Com licença — insistiu.

A mulher se virou. Seu rosto estava pálido, o cabelo solto e desganhado e seus olhos claros emoldurados por olheiras profundas.

— O que foi? — resmungou a mulher.

— Que reino é esse? — perguntou Maria.

— Grimm — respondeu a mulher. — O Reino de Grimm.

— Ou era — lastimou o homem barbado. — Agora são as ruínas de Grimm.

— Qual reino você está procurando? — indagou o homem alto.

Maria sentiu um nó na garganta.

— O rei e a rainha têm filhos? — perguntou, com toda calma.

A mulher olhou para os homens e então de volta para ela:

— Um dia tiveram. Gêmeos. Um menino e uma menina. Mas eles se perderam, pobrezinhos. Desapareceram pela noite.

— Logo antes do dragão aparecer — acrescentou o homem com a barba.

— É verdade. Logo antes — concordou o sujeito alto.
— O que você está procurando?

Maria hesitou:

— Eu... não sei, na verdade — respondeu ela.

Ela agradeceu ao grupo e se dirigiu à porta da estalagem. Dois homens estavam junto à porta, discutindo sobre o dragão. Ela parou atrás deles, em parte esperando, em parte raciocinando. Depois de um tempo, um deles percebeu sua presença, cutucou o outro, e os dois se voltaram para ela.

— Posso ajudá-la, querida?

Ela mordeu o lábio inferior. Depois de um momento, conseguiu perguntar:

— Onde fica o castelo?

Ela disse aquilo como se não tivesse certeza de que queria saber a resposta.

Os homens apontaram com os dedos calejados de trabalhadores.

Maria agradeceu com a cabeça em silêncio e saiu pela porta da taberna rumo à estrada. Ela olhou na direção que tinham apontado.

Até mesmo o percurso parecia acidentado, doloroso.

Ela desviou o olhar.

João atravessava estradas molhadas e cheias de gelo; um garoto solitário com olhos de carvão e cabelos pretos encaracolados cobertos de flocos de neve. Atrás dele

seguiram dois bois obedientes, puxando duas carretas imensas.

A primeira carreta estava cheia de maçãs douradas — mil, no total —, redondas, firmes e frescas. Douradas no sentido de feitas de ouro, claro. Não douradas por serem deliciosas. Douradas de tão valiosas. A segunda carreta estava repleta de barris de vinho — em um pilha tão alta que eles sacudiam e rangiam a cada curva da estrada. Havia vinho suficiente para abastecer uma aldeia inteira por um ano.

As maçãs, o vinho, as carretas e os bois foram presentes das duas aldeias, obviamente. Vejam bem, depois de enterrar Johannes e construir uma pequena lápide para ele — “Fiel” era tudo que tinha escrito —, João voltou até a aldeia das maçãs douradas, onde informou aos habitantes sobre o rato roendo as raízes da árvore. Eles mataram o roedor, e os frutos voltaram imediatamente a crescer, então resolveram presentear o menino com mil maçãs douradas, a carreta e o boi silencioso, obediente e gigantesco. Em seguida ele foi até a aldeia do vinho, onde informou aos habitantes sobre o sapo que estava entupindo a fonte. Assim que eles mataram o animal, o vinho começou a fluir novamente e eles presentearam João com os barris de vinho, a carreta e outro boi silencioso, obediente e gigantesco.

Ele deu para eles os nomes Ivy e Betty — um tanto estranho, pois os animais eram meninos.

Isso não importa muito na história. Só achei que seria bacana contar a vocês.

Então João, depois de derrotar o Diabo e salvar duas aldeias, e agora carregando uma fortuna em vinho e ouro, seguiu na direção do Reino de Grimm. Não foi difícil descobrir o caminho. Todos sabiam onde ficava o reino atormentado por um dragão.

Mas o progresso de João era lento, pois ele parava em cada aldeia, cada povoado, cada casa e casebre pelo qual passava para perguntar se alguém tinha visto ou ouvido alguma coisa sobre sua irmã, Maria. Mas ninguém sabia de nada.

— Você está falando de Maria, a velha?

— Não, minha irmã.

— Maria, a bebê da minha irmã?

— Não, *minha* irmã. E ela não é um bebê.

— Tenho uma cabra chamada Maria.

— Esquece!

Mesmo possuindo uma fortuna em ouro e vinho e dois bois obedientes para segui-lo aonde quer que fosse, o coração de João estava mais entristecido e pesado que nunca, e seus pés se arrastavam pela lama e pelo gelo. Sem sua irmã, ele não queria ir para casa. Nem encarar um dragão. Nem encarar seus pais.

Maria estava parada junto à porta da taberna, contemplando a estrada. Duas enormes carretas puxadas por bois avançavam na sua direção, cada uma delas totalmente coberta de neve, como montanhas em miniatura. Caminhando na frente delas, vinha alguém de cabelos escuros — alguém pequeno e abatido cujos pés se arrastavam pelo chão enquanto andava. Alguma coisa naquele alguém fez Maria querer esperar por ele.

Quando as carretas se aproximaram, seu coração disparou. Com seus lindos olhos azuis como o oceano, Maria conseguiu distinguir o rosto daquele alguém.

Ela deu um grito e saiu disparada em sua direção.

Ao se aproximar do reino, João parecia enxergar Maria em todos os lugares. Em padarias. Nas janelas das casas. Entrando em lavabos públicos (o que resultou em alguns momentos bem embaraçosos, como vocês podem imaginar). Um pouco à frente, havia uma menina parada junto à porta de uma taberna, e, se não soubesse que estava apenas imaginando coisas, ele poderia ter jurado que essa menina era Maria também.

Então de repente a menina não estava mais parada junto à porta da taberna. Estava disparando em sua direção, os longos cabelos louros voando atrás de si. João piscou duas vezes, parou de arrastar os pés. E saiu correndo.

João e Maria se abraçaram como dois ímãs se encontrando, como meteoros que vinham cortando o espaço para se chocarem num momento único de colisão. Eles se encontraram no meio do caminho com um estrondo e, instantaneamente, escorregaram na estrada lisa e congelada, se estabacando com toda força numa poça de lama gelada.

Eles se entreolharam, sentados na poça.

Separados e agora reunidos.

Mortos e agora vivos.

Cobertos de lama.

Atolados em dez centímetros de água imunda.

E desataram a gargalhar, jogando os braços em volta um do outro e rindo até lágrimas escorrerem por seus rostos. Sentados, congelando, enlameados numa poça no meio da estrada, com o céu cinzento acima e o castelo de seus pais esperando a alguns quilômetros de distância. Eles permaneceram ali abraçados até não aguentarem mais.

— Por onde você andou? — Quis saber João enquanto se levantavam.

— Como você está vivo? — perguntou Maria, exatamente no mesmo momento.

Então eles subiram numa das carretas puxadas pelos bois e contaram um ao outro, tim-tim por tim-tim, tudo que tinha acontecido desde o dia da caçada na Lebenwald, até mesmo repetindo algumas partes.

Enquanto falavam sem parar, perdiam o fôlego e falavam um pouco mais, Ivy e Betty os conduziam para cada vez mais perto de casa.

João e Maria estão chegando à parte mais difícil agora.

É verdade que quase foram devorados por uma confeitadeira psicopata; e quase foram tostados pelo sol escaldante, comidos pela lua predadora de crianças e auxiliados por estrelas caridosas; e que percorreram toda a jornada até a Montanha de Cristal; e que Maria arrancou o próprio dedo e foi responsável por alguém ser cozinhado vivo; e que João se transformou numa fera e foi capturado, escalpelado e perdido numa aposta; e que desceu para o Inferno e se vestiu como a avó do Diabo para escapar; e depois foi perseguido pelo Diabo em pessoa e segurou a mão de um velho senhor enquanto este morria.

É verdade que tudo isso aconteceu.

Mas, às vezes, voltar para casa é a coisa mais difícil de todas.

Logo os dois irmãos perceberam que tinham chegado ao coração do Reino de Grimm, atravessando cidades que até então habitavam apenas suas primeiras lembranças.

Enquanto eles observavam tudo à volta, seus estômagos começaram a embrulhar.

Alguns lugares estavam exatamente do jeito de que se lembravam, como se as memórias da infância pudessem ser modeladas em madeira e tijolos. Mas outros povoados — outras memórias — tinham sido arrasados. Casas estavam destruídas, com os tetos e as paredes caindo aos pedaços. Lojas haviam sido queimadas, desentranhadas, esvaziadas. Animais mortos se espalhavam pelas ruas, as barrigas inchadas endurecendo enquanto moscas pousavam sobre a superfície de seus globos oculares.

— O dragão — murmurou Maria.

João balançou a cabeça e olhou fixamente.

Ao passar por uma cidade abandonada, uma porta nos destroços de uma casa se mexeu. As dobradiças fizeram um barulho infernal. João se aproximou de Maria e segurou sua mão. Então, de dentro da escuridão, saiu uma cabeça.

Era um menino. Ele era muito pequeno — do tamanho da menina que Maria tinha visto na taberna. Atrás dele vinha uma criança um pouco maior, uma menina, e depois outra ainda mais velha.

— Podem sair — chamou a maior de todas. — Vejam.

Por detrás das três crianças, saíram seus pais. A família inteira estava imunda, esquelética, com roupas maltrapilhas e olhares assustados.

Maria comentou:

— Isso não é um bom sinal.

— Não — disse João. — Não é mesmo.

De repente, Maria saltou da carreta e correu até o bagageiro.

— Vou dar uma maçã de presente a eles — gritou para João.

A família escutou aquela frase, e o pai, a mãe e as três crianças se aproximaram da carreta.

— Vocês têm maçãs? — perguntou o pai.

— Não para comer — esclareceu Maria. — Mas acho que pode ajudá-los de outro jeito.

Então ela colocou a mão debaixo da lona, tirou uma maçã e a entregou para eles.

— É de ouro! — gritaram as crianças, e os olhos dos pais se arregalaram, maravilhados.

No entanto, a mais velha das meninas, que era alguns anos mais velha que Maria, não tirava os olhos dela.

— Ela se parece com a princesa — disse a menina.

A família deixou de se maravilhar com a maçã e deu outra olhada em Maria.

— Ela se parece mesmo... — concordou o pai. Em seguida, proferiu, hesitante. — Alteza?

Maria morreu de vergonha.

A criança mais velha tinha dado a volta até a frente da carreta.

— E o príncipe! — deu um berro.

Durante todo o resto da jornada de volta para casa, a família correu na frente da carreta, anunciando em êxtase para que todos ouvissem:

— O príncipe e a princesa estão de volta! O príncipe e a princesa estão de volta!

As pessoas começaram a sair de suas casas, a princípio devagar, espiando desconfiadas pelas frestas das portas. Mas, quando avistavam as duas crianças sentadas sobre as carretas e a família caminhando à frente delas, gritando a plenos pulmões, os rostos amedrontados dos aldeões aos poucos se alegravam, e eles saíam para o sol quente a fim de acompanhar as carretas puxadas pelos bois e comemorar.

Não demorou para que João e Maria fossem acompanhados por uma verdadeira confraria de cerca de mil súditos, que não parava de crescer à medida que avançavam.

Os irmãos estavam totalmente admirados com tantas pessoas comemorando, rindo e vibrando alto por sua causa. Nunca antes tinham se sentido tão especiais, tão importantes. Afinal de contas, eram apenas duas crianças.

A notícia da chegada dos herdeiros corria mais rápido que eles. Não demorou muito para que a informação chegasse ao rei e à rainha no castelo.

A princípio, nenhum dos dois acreditou. Não era a primeira vez que corriam boatos sobre o retorno dos

filhos. Mas, à medida que as notícias eram confirmadas e reconfirmadas, o rei e a rainha, o pai e a mãe, ficaram ansiosos demais para continuar esperando. Correram até o portão principal do castelo de mãos dadas, com os corações batendo apressados.

Quando o castelo apareceu na paisagem, com suas torres imponentes e suas colunas monumentais, Maria apertou o braço do irmão com tanta força que chegou a machucá-lo. Ele percebeu que a preocupação tomava conta do rosto dela.

— Você não acha... — E se interrompeu. Depois começou novamente. — Eles não vão fazer... o que fizeram... de novo?

Lentamente, João sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu. E repetiu tudo que o Fiel Johannes tinha lhe contado. — Eles têm saudades de nós — concluiu. — E estão muito arrependidos.

Maria concordou em silêncio. João encontrou a mão da irmã e segurou firme.

Quando as carretas estavam a apenas 30 metros do portão, os dois desceram. Sua mãe e seu pai correram na direção deles de braços abertos. As crianças permaneceram estáticas, observando enquanto eles se aproximavam. Não chegaram a abrir os braços, mas,

quando se encontraram, deixaram-se levantar e receber todo o carinho.

— Estou tão arrependido! — Foi a primeira coisa que seu pai falou.

— Estou tão arrependida! — Foi a primeira coisa que sua mãe falou.

Então beijaram as bochechas dos filhos e molharam seus rostos com muitas lágrimas num abraço apertado. Eles mandaram os criados cuidarem dos bois e colocarem as carretas cobertas com lona no estábulo real, e então levaram João e Maria para dentro do castelo, onde lhes deram banho e comida.

Finalmente, a família inteira se sentou em frente a uma lareira reluzente na ala privada do castelo. As sombras das chamas dançavam sobre seus rostos.

— Contem-nos tudo — falou a rainha, o rosto radiante. — Por onde vocês andaram? O que fizeram? Como encontraram o caminho de casa?

João e Maria olharam para seus pais e em seguida um para o outro, dando de ombros. Depois encararam o grosso tapete vermelho no chão.

Isso acontecerá com vocês, caros leitores, em algum momento de suas vidas. Vocês se verão diante de um cenário bem parecido com este que João e Maria estão enfrentando agora.

Nessa hora, vocês vão olhar para seus pais e perceber que eles estão — independentemente das palavras que estejam dizendo — pedindo desculpas. Esse é um momento muito doloroso. Vejam bem, durante toda a vida, foram vocês que pediram perdão a eles. A partir da idade que se aprende a falar, os filhos começam a se desculpar por quebrar isso, se esquecer daquilo, bater no outro, trancar a irmã na garagem, e por aí vai. Então, presenciar um pedido pelo seu perdão parece uma bela ocasião.

Mas, quando esse momento chegar, vocês provavelmente vão estar sofrendo muito. E provavelmente não vão querer desculpá-los.

E, nesse caso, vocês podem estar se perguntando: como proceder?

Bem, podem gritar com eles mostrando todas as vezes em que te magoaram. Isso é uma coisa útil a ser feita uma vez, porque — acreditem em mim — eles precisam saber. Mas esse é apenas o primeiro passo na estrada para o perdão. E se vocês não estiverem prontos nem para isso?

Vocês poderiam fingir que eles estão desculpados. Mas não é recomendável. Seria como varrer o vidro quebrado para debaixo do tapete; o chão continua sujo, e, mais dia, menos dia, alguém vai acabar com uma meia manchada de sangue.

Finalmente, se vocês não quiserem perdoá-los e não quiserem fingir, podem sempre usar um bom e velho truque infalível: mudar de assunto.

Depois de um momento, João perguntou:

— Mas e o dragão?

E Maria disse:

— Sim, que história é essa?

O rei e a rainha trocaram um olhar ansioso. Suas crianças — elas ainda eram crianças, não eram? — pareciam tão diferentes daquelas que brincavam ao pé da sua cama exatamente no dia em que se perderam. Esses dois eram tão sérios, tão silenciosos, tão distantes. Mas o rei e a rainha concordaram com apenas um olhar, como os pais costumam fazer, que era melhor dar tempo ao tempo. Então contaram a João e Maria sobre o dragão.

Depois que as crianças tinham desaparecido, o rei explicou, ele tinha saído todos os dias para procurá-los. No começo, era acompanhado por verdadeiras expedições de resgate, mas logo ficou tão consternado que insistiu em ir sozinho. Ele descreveu como foi pisar nas folhas molhadas do começo da primavera, se aventurar nas chuvas de granizo de março e nas tempestades relampejantes de abril para encontrá-los. Mas nunca encontrou nem uma pista. E foi num desses dias, quando estava afastado do castelo, que o dragão tinha aparecido.

Ele começou circulando pelo céu, segundo a rainha. Os aldeões abaixo corriam desbaratados de pânico, sem saber para onde ir ou o que fazer. Quando o dragão mergulhou a primeira vez, ele soltou um guincho que, dizem, aldeias a 3 quilômetros de distância chegaram a escutar. No fim do primeiro dia, uma cidade estava totalmente destruída e centenas e centenas de pessoas estavam mortas.

João perguntou:

— Como ele é?

A rainha tremeu:

— É assustador. Tem a pele preta e lisa, como a de uma cobra. Os olhos são dourados, mas sem a parte branca ou as pupilas. As asas são tão finas que é possível ver através delas. E suas garras e seus dentes são tão afiados que parecem ser feitos de cacos de vidro vulcânico.

Quando o rei voltou para casa naquela primeira noite e descobriu o que tinha acontecido, juntou um exército e partiu em busca da fera. Mas eles não conseguiram encontrá-la. Cavalgaram à procura do dragão por uma semana inteira. Mas ele nunca dava as caras. Então, certa vez, o exército estava sob a direção do capitão da guarda, pois o rei tinha ficado doente. Naquele dia, disse o rei resignado, o dragão aparecera e dizimara todo o exército. Agora restavam menos soldados no reino, e ainda menos dispostos a enfrentar o dragão. Não havia

nada que pudesse ser feito havia algum tempo — a não ser observar enquanto o dragão destruía o reino.

Maria franziu a testa.

— Bem — declarou, finalmente —, João e eu pensaremos numa alternativa.

O rei e a rainha sorriram para ela, como se fosse uma criança muito pequena, depois sorriram um para o outro.

— É muita coragem de vocês — elogiou a rainha delicadamente. — Mas estamos bastante felizes que tenham voltado para casa. Vocês não precisam se preocupar com o dragão, querida.

Maria se levantou. Seus olhos ficavam quase na mesma altura dos olhos de seus pais sentados. Quase.

— Algum de vocês já teve de arrancar o próprio dedo? — perguntou ela.

Eles olharam para ela. Ela ergueu a mão esquerda para lhes mostrar. Eles engoliram em seco.

— Não? E quanto a matar pessoas? Quantas pessoas vocês mataram?

— Mataram? — perguntou seu pai.

— Sim. Além de mim e de João.

O rosto do rei ficou vermelho, e sua voz, mais baixa:

— Nenhuma, querida. Por quê?

— Bem, nós matamos. Duas — confessou Maria.

João se levantou ao lado dela.

— Algum de vocês já foi para o Inferno? — perguntou ele.

— O quê? — gritaram seus pais.

— Foi torturado por demônios? — acrescentou João.

Eles sacudiram as cabeças e olharam fixamente para seus filhos.

Ele lhes deu uma última chance:

— O Diabo já deitou no colo de vocês?

Nenhum dos dois ousou responder.

— Então acho melhor vocês deixarem isso por nossa conta — concluiu Maria.

E as duas crianças foram para o quarto a fim de discutir o assunto.

Uma hora depois, elas voltaram.

— Então — começou João —, dragões adoram tesouros, não é mesmo?

— Pelo menos nos livros — acrescentou Maria.

Seus pais ponderaram e deram de ombros.

— Acho que sim — respondeu o rei.

— Certo, vamos supor que eles adorem — disse João.

— Temos uma carreta cheia de maçãs de ouro no estábulo nesse momento.

Os olhos da rainha se arregalaram:

— Têm mesmo?

— Como é que conseguiram isso? — perguntou o rei.

— Essa parte fica pra depois — desconversou Maria, impaciente. — Vocês estão prestando atenção?

O rei e a rainha balançaram a cabeça obedientemente.

— Certo, então levaremos a carreta de maçãs até uma clareira na floresta — explicou João.

— E abriremos o toldo — continuou Maria — para o dragão poder ver. E vamos torcer para que ele seja atraído pelo ouro.

— Teremos de juntar um exército. Ficarão escondido nas árvores em volta da clareira — prosseguiu João. — Com arcos e flechas.

— E espadas e machados — acrescentou Maria.

— E, quando o dragão estiver distraído com as maçãs, os arqueiros começam a disparar as flechas por detrás do esconderijo. Ele ficará confuso com o ataque e, com sorte, ferido.

— E nessa hora todo mundo parte pra cima dele — concluiu Maria.

Lentamente, a rainha começou a assentir.

— Não é um plano ruim — declarou ela.

E se virou para o marido.

Bem, o rei tentou encontrar uma falha ou outra, porque pais adoram fazer isso.

— Juntar um exército — repetiu. — Isso será difícil. Nosso povo não quer mais lutar. Estão assustados.

— Temos de tentar — disse João.

— Talvez não dê certo — concordou Maria. — Mas é melhor que não fazer nada.

Depois de mais algumas objeções aleatórias, o rei finalmente precisou admitir que, na verdade, aquele parecia ser um plano muito bom.

A rainha, um pouco envergonhada, falou:

— Vocês precisam de *todas* as maçãs para o plano? Se precisarem, eu compreendo, claro... Eu apenas...

— Sua mãe gostaria de uma maçã — disse sorrindo.

— Ela sempre teve uma queda por ouro. Foi assim que nos conhecemos, como vocês sabem.

— Ouvi dizer — comentou Maria. — Você a *sequestrou*.

— Não sequestrei! — protestou o rei.

— Admita, querido. — A rainha riu. — Foi mais ou menos isso o que você fez.

— Você *sequestrou* a mamãe? — perguntou João.

— Bem, sim... Eu... eu acho... que foi mais ou menos isso que aconteceu.

O rei riu de si mesmo, e a rainha o acompanhou. João e Maria começaram a sorrir. Foi a primeira brecha em suas armaduras que os pais tinham visto até agora. O rei e a rainha, rindo e chorosos, abriram os braços para os filhos.

Mas, com isso, os sorrisos das crianças desapareceram, e o rei e a rainha abaixaram os braços antes a espera de um abraço.

Maria murmurou:

— Temos que ir dormir. Está tarde e temos muito a fazer amanhã.

João permaneceu imóvel por um instante. Então concordou:

— Sim. É verdade.

E as duas crianças deram as costas para os pais e subiram a escada para dormir.

— Sinto como se alguma coisa estivesse pressionando contra meu peito — disse Maria, deitada em sua cama naquela noite, com os olhos arregalados. — Algo pesado, afiado e doloroso. Estou sentindo isso há muito, muito tempo.

— Desde que fomos embora — completou João, balançando a cabeça no escuro.

— Desde logo antes de irmos embora — corrigiu Maria. Houve um silêncio. Então ela continuou. — Tem piorado recentemente. Nunca estive tão ruim quanto agora. Mal consigo respirar.

— Eu sei.

— Queria poder pegar esse negócio e jogar para longe de mim. Colocar esse peso em outra pessoa, para ela segurar e carregar por um tempo.

As camas rangeram e se assentaram debaixo deles. Fazia tempo que ninguém deitava nelas. Finalmente, João concluiu:

— E não uma outra pessoa qualquer.

— Não — concordou Maria. — Não outra pessoa qualquer.





Certo dia, numa manhã clara, porém sem sol, João e Maria estavam no meio da minúscula praça central da cidade de Wachsend. Na verdade, não chegava a ser nem mesmo uma praça. Era mais como um pedaço de grama entre a taberna e a padaria. João e Maria trajavam suas roupas mais elegantes e majestosas, e, para que todos pudessem vê-los, subiram numa mesa que tinha sido trazida da taberna.

O povo de Wachsend se juntou em volta do príncipe de cabelos pretos e da princesa loura como ouro e admirou os herdeiros com esperança. Ninguém se lembrava de ter acontecido algo tão inusitado na história da cidade. Não só não havia lembrança de uma visita real ao lugarejo, a não ser numa grande procissão que estivesse passando por ali (João e Maria tinham vindo sozinhos — *sozinhos*), mas o príncipe e a princesa eram o principal assunto de todo o reino desde que tinham voltado. Vê-los ao vivo? Ali? Bem, vocês podem imaginar que nenhum habitante de Wachsend que se preza perderia aquela oportunidade.

Então todos se aglomeraram no gramado, debaixo de pássaros que cantavam nos galhos desfolhados das árvores, e esperaram para ouvir o que tinha trazido os jovens herdeiros da realeza ao povoado.

João não conseguia parar quieto enquanto encarava os rostos ansiosos diante dele. A sorte tinha protegido Wachsend até aquele momento. O dragão ainda não havia passado por ali. Mas, mesmo assim, seus habitantes estavam abatidos por conta dos tempos difíceis pelos quais o reino vinha passando com a presença do monstro. Estavam visivelmente assustados, como se o medo estivesse acumulado no canto de seus lábios; alguns inclusive olhavam para o céu de vez em quando. João não precisava perguntar o que estavam procurando.

Maria também observava a movimentação. E começou seu discurso para o povo de Wachsend.

Ela afirmou saber que todos estavam com medo. E confessou que também estava. E que o medo não os protegeria do dragão. E que apenas a coragem os salvaria. Eles deveriam enfrentá-lo, ela disse. *Eles tinham de enfrentá-lo.*

Maria discursou, e todo o povo de Wachsend — homens e mulheres — escutou. Ninguém se manifestou, ninguém se mexeu. Quando ela terminou, todos permaneceram estáticos.

Até que alguém gritou:

— O quê?

— O que foi que ela disse? — berrou outra pessoa.

Maria estava confusa. Será que eles não tinham conseguido ouvi-la?

— Ela só pode estar maluca! — bradou outro.

— Enlouqueceu!

— Essa criança está se dirigindo *a nós*?

Eles tinham conseguido escutar. Maria ficou vermelha. João se intrometeu.

— Se não fizermos nada — retrucou —, o dragão destruirá todo nosso reino. E seremos todos mortos! Então é melhor lutarmos contra ele!

— Juntem-se a nós! — gritou Maria, ansiosa. — Contribuam com um gesto que vocês poderão contar aos seus filhos, e aos filhos de seus filhos! Juntem-se a nós e lutem contra o dragão!

Uma única pessoa aplaudiu.

— Precisamos de todos vocês — pediu João, aproveitando a deixa daquele único entusiasta. — Homens e mulheres, veteranos e voluntários! Qualquer um capaz de disparar uma flecha ou segurar uma arma. Precisamos de todos vocês!

— Eu sou voluntário! — bradou aquela única pessoa.

— Sim! — berrou outra. — Vamos lutar contra ele!

Um burburinho cresceu enquanto a multidão conversava. João e Maria olharam um para o outro. Vai dar certo. Vai dar certo.

— Vocês estão malucos? — surgiu uma voz mais alta que o burburinho e a multidão.

Cabeças se viraram. João e Maria tentaram avistar de onde vinha o grito.

— Vocês todos só podem ter enlouquecido!

Era um homem alto, magro, porém musculoso, com uma cabeça careca e um nariz de boxeador. Ele estava em pé na parte mais afastada do grupo.

— O que vocês acham que estão fazendo? — continuou ele. — Vocês já viram o dragão? Já lutaram contra ele antes? Ele vai matar vocês. Todos vocês!

— Cale a boca! — gritou alguém.

— Temos de fazer alguma coisa! — protestou outra pessoa.

— Morrer? É isso o que temos de fazer? — Ele fez uma pausa. Ninguém respondeu. — Eu vi esse monstro. Estava lá quando lutamos contra ele da primeira vez. É

impossível derrotá-lo. Flechas praticamente ricocheteiam ao bater em sua pele. Ele é capaz de matar quatro pessoas de uma só vez, uma com cada pata. E olhem para *esses dois*! — E apontou para João e Maria. — São crianças! Crianças! Vocês vão seguir as ordens de crianças numa batalha contra um *dragão*? Vocês piraram de vez?!

Houve uma pausa. Os súditos de Wachsend se viraram para ouvir a resposta do príncipe e da princesa. João estava desconcertado. Maria estava pálida. Eles encaravam os súditos. O silêncio era sepulcral. As crianças abriram a boca, mas nenhum dos dois tinha nada a dizer.

— Patético! — gritou o homem careca.

E deu as costas a João e Maria, entrando na taberna. A porta se fechou num estrondo.

— Esperem! — implorou João. — Esperem!

Mas agora as pessoas estavam dispersando, seguindo para a taberna ou de volta pra casa.

— Vocês preferem morrer numa taberna ou num campo de batalha? — gritou João.

— Numa taberna! — berrou alguém, e outros deram risada.

Mais habitantes de Wachsend deram as costas a João e Maria.

— Vocês preferem morrer sem ter feito nada ou tendo tentado?

— Sem ter feito nada! — retrucou alguém.

Mas aqueles que deram risada tinham ido embora. Os habitantes que tinham restado estavam em silêncio.

— Vocês vêm conosco para lutar contra o dragão? — perguntou João.

Mais silêncio.

— Se quiserem mesmo nos acompanhar — combinou Maria —, encontrem-nos no castelo em três dias. Tragam sua arma de preferência. E — acrescentou ela, com todo o ímpeto que ainda tinha — tragam sua coragem!

Enquanto João e Maria saíam de Wachsend, João se virou para a irmã.

— Bem — comentou —, que fracasso.

— Sim, foi mesmo — respondeu ela. Eles caminharam um pouco mais. Então ela perguntou. — Pronto para mais uma dose?

Ele suspirou:

— Acho que sim.

E partiram em direção à próxima cidade.

Três dias depois, João e Maria esperaram no pátio do castelo. Ao seu redor, espalhavam-se alguns grupos de voluntários. Pequenos grupos. Não mais do que meia dúzia de pessoas em cada.

— Ainda está cedo — disse Maria. — Vai aparecer mais gente.

João apertou os dedos.

— Acho que sim — concordou.

O recrutamento tinha sido brutal. Cidade após cidade:

— Vocês estão loucos?

— O que vocês pensam que estão fazendo?

— Vocês não passam de criancinhas!

— Eles são apenas crianças!

— Vão seguir as ordens de crianças numa batalha?

Alguns pareciam prontos para lutar. Poucos. Mas a maioria permaneceu silenciosa e ressabiada ao ouvir que eles deveriam seguir João e Maria — os pequenos João e Maria — para a guerra.

Mas o tempo foi passando no pátio do castelo e mais pessoas foram chegando. Recrutas inexperientes atravessaram os enormes portões, carregando lanças e até mesmo forquilhas. Mas havia também grupos que eram obviamente formados por veteranos — homens com pescoços grossos, escudos de madeira e espadas brilhantes. Havia mulheres também. Arqueiras, em sua maioria; mas também outras carregando espadas e lanças. Uma tinha um ancinho.

— É melhor oferecer praquela ali uma arma de verdade — apontou João.

Maria concordou com uma risada.

No fim da tarde, eles estavam muito mais animados. Quinhentos soldados haviam se apresentado. Não era um grupo enorme. E certamente não era um grupo bem apessoado. Mas daria pro gasto. Esse grupo dava pro gasto.

As crianças se encheram de orgulho. Eles tinham conseguido. Tinham formado um exército.

O rei e a rainha, no entanto, começaram a dar pra trás no plano de João e Maria.

— Como assim *vocês* também vão? — indignou-se a rainha quando as crianças foram se despedir mais tarde. — Não sabíamos que *vocês* estavam incluídos nesse plano.

— Eles *não* vão — disse o rei. — Não permitirei.

A rainha olhou para as duas crianças enquanto estavam paradas diante dela, com sua armadura e rostos sérios.

— Por favor — implorou —, já perdemos vocês uma vez. Não aguentaríamos perdê-los de novo. Por favor. Meus filhos.

E começou a chorar de mansinho.

Seu pai chegou mais perto e ajoelhou diante dos filhos, segurando suas mãos.

— Por favor, meus queridos — pediu. — Tentem entender. Vocês são pequenos. Por que não podem mandar outras pessoas em seu lugar?

— Pai — retrucou Maria —, talvez seja você quem deva tentar entender.

Os dois se desvencilharam das mãos do pai. A rainha desabou em prantos.

João e Maria seguiram para o estábulo para preparar a carreta com as maçãs douradas. Uma lona protegia o estoque e — tirando aquela única maçã que eles tinham dado à família pobre e a outra que eles tinham dado à própria mãe — estavam todas ali.

Enquanto Maria prendia a carreta em Betty, João espiou debaixo da cobertura da outra.

— E quanto ao vinho? — perguntou. — Talvez pudéssemos embebedar o dragão. — Maria sorriu. Mas ele insistiu. — Sério. Por que não?

— Não custa tentar — concluiu Maria.

Então eles prepararam Ivy também.

Enquanto uma imensa lua prateada começava a subir no céu escuro salpicado de estrelas, as duas crianças conduziam as carretas pela escuridão. João e Maria olharam, orgulhosos, para trás. Seu exército vinha acompanhando.

Todos seguiram por uma estrada até uma grande floresta não muito longe do castelo. Ao se aproximar do local, o exército começou a sussurrar e apontar. O solo na entrada da floresta parecia brilhar, como se a lua estivesse cintilando e faiscando refletida no chão, parecendo uma Via Láctea terrena. *Seria mágica?*, os soldados se perguntavam. *Ou um sinal do dragão?*

Mas João e Maria seguiram confiantes pela trilha de seixos brancos que tinham espalhado pelo trajeto no dia

anterior, levando o exército para o coração da floresta, numa extensa clareira de grama.

Ao se instalarem, João e Maria divulgaram seu plano à tropa pela primeira vez. Todos se esconderiam até o dragão vir atrás da isca. Quando ele chegasse perto — se chegasse —, eles esperariam até que ficasse distraído com o conteúdo das carretas. Então, no momento em que estivesse mais distraído, todos saltariam de seus esconderijos e o atacariam.

— Vocês têm todo o direito de estar com medo — disse Maria. — O dragão é gigantesco. O dragão é poderoso. O dragão destruiu nossas famílias, levou nossas crianças e roubou nossas infâncias.

“Mas isso não é motivo para se acovardar. Enquanto não o enfrentarmos, nossas vidas continuarão despedaçadas, nossos corações continuarão divididos, nossas cabeças continuarão sendo arrancadas de nossos corpos.”

A lua resplandecia atrás de Maria. João olhou fixamente para ela. Não tinha entendido muito bem o que ela quis dizer naquele discurso.

— Mas tudo isso passará — continuou. — E seremos fortes novamente. Mesmo que haja sangue derramado. Ao final, serão lágrimas de felicidade.

— Pelo nosso reino! — clamou a menina.

— E por nossas famílias! — gritou João.

— E por nossas crianças! — exclamaram todos juntos.

Os soldados repetiram seu grito. No silêncio que seguiu, a palavra *crianças* ecoou por entre as árvores frondosas, se espalhando pela floresta negra.

Maria posicionou as carretas na clareira. Sob o luar, as maçãs irradiavam um brilho dourado, como se tivessem sido enfeitiçadas. João soltou Ivy e Betty das carretas e tentou mandá-los para longe. Mas os dois bois começaram a pastar num gramado próximo. Alguém teve de puxá-los pelo cabresto para dentro da mata, o mais longe possível do campo de batalha.

Não se preocupem. Nada vai acontecer com Ivy e Betty.

(Queria que o mesmo pudesse ser dito sobre o resto das pessoas.)

Após largarem as carroças no local combinado, os dois irmãos recuaram até o esconderijo, para observar e esperar.

Barulhos cortavam o silêncio da noite. Galhos rangiam. Folhas sussurravam umas para as outras. Morcegos voavam por entre as árvores à procura de uma presa fácil. João arrancava nervosamente a grama embaixo dos pés. Maria passava o dedo por uma pequena adaga presa ao cinto. Os soldados começaram a se movimentar

ansiosamente. Ninguém se aventurava a entrar numa floresta à noite, especialmente quando havia um dragão por perto. Os punhos das espadas estavam escorregadios com o suor, cordas dos arcos eram puxadas e soltas, puxadas e soltas. Uma coruja piou. Longe dali, ouvia-se o que pareciam ser grandes asas batendo contra o ar.

Não.

Aquelas não eram as asas de uma coruja. As batidas eram espaçadas, profundas e distantes. João e Maria espiaram através das plantas, mas não conseguiram ver nada no céu sombrio e estrelado.

Então lá estava ele. Em frente à lua. A silhueta longa e esguia do dragão, as asas repousando sobre as correntes noturnas do ar.

Seu corpo era estreito, com quatro patas dobradas por baixo e uma longa cauda esticada atrás. Suas asas eram tão finas que o luar reluzia através delas. Gargantas que nunca tinham estado em sua presença engoliram em seco. Ele era repulsivo. Era enorme. De baixo, era possível ver o contorno de sua cabeça, larga e semelhante à de uma víbora. Ele não se parecia em nada com os dragões dos livros.

Nem mesmo com o dragão na capa deste livro, caros leitores.

Vamos lá, deem uma olhada.

Aquele dragão foi desenhado para alertá-los sobre a presença de um dragão nestas páginas. Mas ele não foi desenhado para embrulhar seu estômago de tanto nojo e pavor. Então a cabeça de cobra, os olhos sem pupilas, as asas translúcidas — tudo isso foi deixado de fora.

De nada.

Maria fez um sinal para o exército. Flechas despontaram. Arcos começaram a se curvar.

O dragão desapareceu de vista. Lá embaixo, todos aguardavam. Então, o monstro reapareceu sobre a clareira — voando um pouco mais baixo dessa vez. Ele tinha avistado o ouro. Começou a fazer círculos pelo ar. Maria podia ouvir a respiração quieta e acelerada de João enquanto ele escutava os batimentos cardíacos dela se misturarem aos seus.

O dragão planou sobre eles de novo, mais baixo, e foi embora. Então mais uma vez, ainda mais baixo. E mais outra.

Maria gesticulou para o céu. Os arqueiros se posicionaram enquanto o dragão passou novamente por eles, suficientemente próximo para que as escamas delicadas de sua pele cintilassem sob a luz da lua e suas enormes garras afiadas estivessem à mostra. Dessa vez, as copas das árvores balançaram com sua passagem.

As árvores pararam de balançar. Todos esperaram.

E esperaram.

Nada do dragão.

João, Maria e seus soldados encaravam o céu negro e estrelado. Vazio, a não ser pela lua.

— O que aconteceu? — murmurou Maria para o irmão.

Ele balançou a cabeça e deu de ombros.

Mais um tempo se passou. As pessoas começaram a ficar inquietas, deixando as cordas de seus arcos ficarem frouxas e limpando os cabos molhados de suor das armas, tentando conseguir mais firmeza na empunhadura. Onde, eles se perguntavam, estaria o dragão?

A escuridão parecia ficar mais pesada, mais ameaçadora. Por cima de seus ombros, não dava pra ver mais que alguns metros dentro da mata.

Então, através do silêncio, correu um sussurro pela folhagem. A tropa inteira parou de respirar de uma vez só, imóveis, na escuta. João sentiu algo estranho debaixo dos pés. Cuidadosamente, ele se abaixou para colocar a mão na terra, e sentiu novamente.

— Maria — falou em voz baixa. — O chão está tremendo.

— Eu sei — respondeu a menina. — Eu senti.

A terra tremeu de novo. E de novo. Agora todos os homens e mulheres estavam nervosos, observando o chão e a mata espessa que os cercava.

Pessoas começaram a se preocupar:

— O que foi isso?

E em seguida:

— O que está acontecendo?

— Shhh! — chiou Maria. — Silêncio.

Mas ninguém ficou quieto. Estavam apavorados.

Nesse momento o monstro apareceu, avançando por entre as árvores como uma enorme cobra com pernas. Suas asas estavam dobradas junto ao tronco; sua cabeça larga em forma de víbora sacudindo para a frente e para trás enquanto ele se movimentava, os olhos dourados brilhando na noite.

Ele tinha vindo por trás deles para dar o bote, e estava avançando depressa, tão depressa que os primeiros aldeões mal tiveram tempo de gritar antes do dragão alcançá-los.

Ah, esqueci de avisar. As crianças pequenas? Elas realmente não deveriam estar por perto durante os próximos acontecimentos.

Sua boca se abriu e agarrou uma mulher com um arco. Ela nem tinha se movido para se defender. Não deu tempo. Agora metade dela tinha desaparecido. Ao mesmo tempo, com uma garra grotesca afiada, o dragão acertou um homem carregando um machado. Ele caiu de costas a 3 metros dali, sem vísceras.

Com aquilo, a floresta despertou. Algumas pessoas tentaram lutar contra a criatura gigantesca. A maioria tentou fugir. De vez em quando, com um som maligno e perfurante, o dragão esfaqueava mais alguém. João segurou Maria num abraço apertado.

— Não chegue perto. Ele vai matar a gente. Todos nós. — E então ordenou a plenos pulmões. — Bater em retirada! Retirada! Retirada!

— Não adianta — falou Maria para ele. — Temos de ir.

— Ir aonde? — desesperou-se João.

— Até o dragão.

— O quê?

— Para espantá-lo dali. Aparecer na frente dele nos fazendo de isca para ele seguir.

— Ele vai matar nós dois — implorou João.

Maria tinha uma expressão resignada:

— Somos nós ou eles.

João respirou fundo e concordou com a cabeça. Em seguida se levantou e seguiu na direção dos barulhos assassinos.

Enquanto se aproximava, ele encontrou uma mulher e um homem escondidos atrás de uma árvore. O dragão estava do outro lado, a cabeça balançando de um lado para o outro, procurando os dois. Eles não tinham armas — estavam tremendo tanto que tinham deixado elas caírem. De repente, a fera disparou para um lado da árvore. Eles congelaram.

João deu um grito. O dragão se virou a tempo de ver João apanhar uma lança caída e, com um movimento rápido, arremessá-la na direção da fera. Ela ricocheteou sem nem mesmo arranhar as escamas pretas de cobra. João parou e encarou o monstro.

Ih, ele calculou, isso não vai dar certo.

João virou para a esquerda e entrou correndo na floresta. O dragão o seguiu.

— Fugam! — berrou Maria para as tropas restantes. — Fugam!

E eles saíram em disparada. Muitos corpos estavam estirados no chão, mas muitos porém conseguiam agora escapar pelos densos arbustos.

O dragão estava retornando. Maria conseguia escutá-lo e sentir sua proximidade pelas vibrações no solo, e correu para se esconder. O dragão passou por ela, rápido como um furacão, a cabeça de serpente balançando de um lado para outro enquanto se deslocava, o sangue dos mortos pingando pela boca. De repente, Maria pensou no que teria acontecido com João.

O dragão foi diretamente ao encontro do ouro no centro da clareira. Por dois segundos, Maria cogitou sair à procura de João. Mas, em vez disso, certificando-se de que não estava sendo perseguida, decidiu percorrer a trilha do monstro. Ela agachou atrás de um arbusto espinhento na beira do gramado. Um machado estava

jogado a pouco menos de 3 metros dela, num lugar bem visível. Maria não mexeu nele.

O dragão estava parado ao lado da carreta de maçã, girando a cabeça de um lado para o outro, então começou a andar, os olhos dourados fixos sobre a montanha dourada reluzente.

Agora o plano estava funcionando, Maria percebeu, incrédula. O dragão não conseguia descobrir como pegar todas as maçãs de uma só vez. Ele estava confuso. Frustrado. Se ao menos ela ainda tivesse um exército para atacá-lo.

Depois de alguns minutos, o dragão pareceu notar que havia outra carreta. Ele se aproximou e rasgou a lona com os dentes, descobrindo os barris e levantando um deles com sua mandíbula gigantesca. Ele o despedaçou, deixando o vinho escorrer pela boca — uma parte pra dentro de sua garganta, a maior parte no chão. Em seguida, ele cuspiu os restos do barril quebrado, se sacudiu e reposicionou as asas nas costas. Porém, hesitou por um instante, estudando a pilha de barris. Em seguida apanhou mais um com a boca e o entornou exatamente como tinha feito com o primeiro — mas dessa vez manobrando para que mais vinho escorresse para dentro de sua garganta.

Ele pareceu estar aproveitando bastante.

Então repetiu o gesto de novo. E de novo. E de novo.

Maria mal conseguia acreditar no que estava presenciando.

Depois de ter virado seis barris de vinho, ele tentou levantar voo. Mas agora seus movimentos eram vacilantes e imprecisos. *O dragão está bêbado*, Maria disse a si mesma e quase caiu na risada.

A fera voltou ao solo e entornou mais quatro barris. Logo, logo, estava cambaleando de um lado para o outro mesmo ao andar. Ele se aproximou da carreta com as maçãs douradas, colocou a cabeça debaixo dela e tentou levantá-la.

Sem hesitar um segundo, Maria deu um salto do arbusto espinhoso e disparou na direção do dragão. Ela observou sua pata preta, esticada atrás dele, lutando contra o peso do ouro. Uma veia pulsante espessa corria sobre a junta do joelho do dragão que se inclinava para trás. Maria se abaixou para alcançar o machado sem perder a velocidade.

Ela percorreu a distância entre os dois rapidamente, levantando a arma bem alto e descendo num só golpe.

Um grito asqueroso ecoou pelo ar. Foi um barulho como nenhum outro que Maria já tivesse escutado, como se uma centena de criaturas da floresta estivessem sendo mortas ao mesmo tempo — aquele era o som. E perfurou a cabeça de Maria como uma lança.

O dragão virou de costas e fixou o olhar na pequena garotinha de cabelos dourados segurando um machado, petrificada pelo som de seu grito. Ele observou, incrédulo, inebriado e estupefato enquanto ela deixava a arma cair e disparava na direção da floresta. Atrás de

onde ela estava, na terra, restava um machado coberto com sangue preto de dragão. E dois dedos do animal.

A fera se sacudiu, urrou uma única vez e partiu, mancando, atrás dela.

Maria percebia que ele estava se aproximando, mas parecia desengonçado. Pesado. *O vinho*, raciocinou. *E os dedos, claro*. Xingou a si mesma por não ter acertado a veia. Tinha sido seu primeiro golpe de machado na vida.

Maria se embrenhou na mata, tentando se manter fora de perigo. Onde estaria João a essa altura? O que teria acontecido com ele? O dragão chegava cada vez mais perto, mesmo ferido e encharcado de vinho. *Sair de perto dele*, planejou. *Me livrar dele. Para encontrar João e darmos logo o fora daqui*.

Mas como se livrar daquela criatura? Pensou em mergulhar num arbusto e deixar que passasse por ela. Mas era muito improvável. Ele a acharia e a mataria. Pensou então em tentar encontrar uma caverna estreita e rastejar para dentro dela. Boa ideia, mas onde acharia uma caverna? Então, mais à frente, ela avistou uma árvore. Era um pinheiro enorme, facilmente o mais alto daquela parte da floresta. Sem pestanejar, sem planejar absolutamente nada, Maria correu naquela direção.

Os galhos espinhentos do pinheiro começavam perto da base e seguiam densamente pelo tronco. Assim que chegou perto dos mais baixos, Maria saltou e começou a escalar. Ela deu a volta até a parte traseira do tronco, na esperança de que ficar fora de vista.

Quando, logo em seguida, o dragão, cambaleando entorpecido, chegou à base da árvore, ele estava realmente confuso. Ao mesmo tempo em que sabia que a menina havia escalado o tronco, ela já estava a quase 15 metros de altura quando ele percebeu que ela estava do lado oposto.

Ele partiu atrás dela. Tentou usar as asas, mas elas esbarravam nos galhos ao redor. Tentou escalar, mas os galhos eram muito finos e começaram a se partir com todo aquele peso. Então o dragão acabou fincando suas garras afiadas na madeira macia e começou sua ascensão aos saltos, derrubando galhos por onde passava.

As agulhas do pinheiro arranhavam o rosto de Maria enquanto ela seguia, valente, e a seiva grudenta da árvore aderida às palmas de suas mãos. Seu coração batia com força por causa do cansaço e do medo. Mas não tinha como descansar. O dragão estava se aproximando. A cada pulo, ele avançava 3 metros ou mais, apesar de raros deslizamentos — arrancando quaisquer galhos que ele não tivesse destruído na subida — que não ofereciam mais que alguns segundos de vantagem. A menina esticou a mão para alcançar o próximo galho e se reergueu com os pés posicionados firmemente, e dando impulso para o próximo. *Vamos*, encorajava a si mesma. *Vamos*. Então pensou, *aonde?* Ela olhou para cima, torcendo para que o topo da árvore fosse fino demais para que o dragão conseguisse alcançar. Parecia ser, mas

ao mesmo tempo ficava muito acima das outras árvores em volta. Lá no alto, o dragão poderia usar suas asas. *Continue apenas escalando*, ela disse a si mesma. *Apenas escale*. E esticou o braço, segurando o próximo galho.

— Ah... bem, *com licença!* — pediu uma voz.

Maria soltou o galho e quase caiu do alto da árvore.

— Vou te contar, onde já se viu! — reclamou a voz. — Tem gente que nem sei!

Maria olhou para ver de onde estava vindo. Havia uma massa espessa de gravetos e agulhas no galho acima de sua cabeça.

— Ora, ora — exclamou outra voz —, vejam só quem está aqui!

Então uma cabeça preta com olhos e bico pretos se espichou por cima do galho sobre ela.

— Não brinca! — espantou-se o primeiro corvo. — Se não é Maria!

— Mentira! Aqui? — perguntou o segundo.

— Pois pode pedir para ela ter mais consideração com esse ninho de corvos! — resmungou o terceiro. — Ela não tem modos? Foi criada por macacos?

— Acho que foi criada por um rei e uma rainha — corrigiu o segundo.

Os corvos? Exatamente *naquela* árvore? Mal dava pra acreditar. Na verdade, se não fosse por todas as coisas estranhas e incríveis que já haviam acontecido com Maria, talvez ela não tivesse acreditado mesmo. Mas,

depois de comer uma casa, conversar com estrelas e tudo mais; bem, não tinha por que duvidar.

— Por favor! — implorou ela. — Ajudem-me!

Ela olhou pra baixo, de onde vinha o som de madeira se espatifando. O monstro tinha acabado de deslizar até a metade do tronco novamente.

— Por favor! Tem um dragão atrás de mim!

— Ajudar você? — indignou-se o terceiro corvo. — Depois do que fez com nosso ninho?

— Ah, não foi tão grande o estrago — amenizou o segundo corvo.

— É você que vai reformar, por acaso? — retrucou o terceiro, irritado.

— Também tenho minhas responsabilidades. Quando está faltando comida e *meu* trabalho fica complicado, fico reclamando, por acaso? — perguntou o segundo corvo.

— Sim — responderam os outros dois ao mesmo tempo.

Logo abaixo, o dragão havia se equilibrado e estava avançando novamente.

— Por favor! — gritou Maria.

— Não podemos ajudá-la — lamentou o primeiro.

— Sim — confirmou o segundo. — Essa não é nossa função.

Maria deu uma olhada para baixo. O dragão estava se aproximando rapidamente. Ela não tinha tempo para suplicar.

— Então saiam da frente! — ordenou ela, e trepou no galho dos corvos, evitando por pouco esmagar o ninho com o pé.

— Cuidado aí! — grasnou o terceiro corvo.

Maria passou pelo galho deles, se esforçando para manter distância da fera. O primeiro corvo bateu as asas ao seu lado.

— Sinto muito pela indelicadeza de meus companheiros — desculpou-se. — Compreendemos a gravidade da situação. — Ele olhou para baixo. — Com o perdão do trocadilho, claro.

Maria não entendeu a piada.

— Vocês vão me ajudar ou não? — berrou ela.

— Receio que esteja fora de nossa alçada — explicou o corvo. — Veja bem, podemos apenas *narrar* o futuro. Não podemos tentar mudá-lo. Não adiantaria nada, entende? É o futuro.

Houve um enorme estalo abaixo, seguido de um terrível guincho. Maria apertou o passo, mas os galhos estavam ficando cada vez mais finos até quase desaparecerem. Ela estava quase ficando sem galhos para escalar. Quando isso acontecesse, o dragão conseguiria voar. Assim que Maria chegou à conclusão de que não tinha como escapar, uma batida frenética de asas de um corvo muito irritado chegou perto de sua cabeça.

— Você viu aquilo? Viu? Nosso ninho! Destruído! Esmagado! Inacreditável! O máximo da falta de

consideração!

O segundo estava flutuando ao lado do terceiro:

— *Respeito*, eu acho, é a palavra certa.

— Qualquer uma das duas serve — contemporizou o primeiro, de forma sensata.

— Não me importo com a maldita palavra! — gritou o terceiro corvo. — Eu me importo com nosso ninho!

De repente, Maria quase foi atirada para longe da árvore por uma súbita rajada de vento. Ela se virou. O dragão estava pairando ao seu lado, batendo as asas translúcidas, encarando a menina com os terríveis olhos dourados. Sua boca estava a, no máximo, 2 metros de distância.

— Ao ataque! — guinchou o terceiro corvo, e, em um dos atos de heroísmo mais cômicos que Maria já tinha visto, mergulhou na direção da cabeça de víbora. O dragão tentou mordê-lo, e o corvo deu meia-volta regressando à árvore. — Retirada! — grasnou ele. — Retirada temporária!

Agora, o terceiro corvo não tinha medo de morrer. Como os corvos já haviam insinuado, existem algumas coisas que eles fazem e algumas coisas que eles não fazem. Morrer está no segundo grupo.

Obviamente, ficar preso na barriga de um dragão é, mesmo para uma criatura imortal, uma experiência indescritivelmente desagradável.

Apesar de não tão desagradável, eu imagino, quanto sair de lá.

O dragão voou para mais perto de Maria, tentando abocanhar seus pés. Maria conseguia sentir o cheiro daquele terrível bafo quente, ver o sangue e a espuma se misturando entre os longos dentes afiados; ouvir as batidas do coração gigantesco fora de sincronia com as asas monstruosas. Ele deu uma guinada na direção dela, não apenas com a cabeça, mas com o corpo inteiro, arrancando o galho da árvore sobre o qual ela estava. Maria caiu e se segurou na única coisa que foi capaz.

O pescoço do dragão.

Ele recuou. Talvez, se estivesse dispondo de todas as suas faculdades mentais, ele tivesse conseguido tirá-la de suas costas. Mas, como estava bêbado, ele girava pelo ar e mordia os próprios ombros, mas não conseguia derrubá-la.

— Muito bem! — parabenizou o primeiro corvo.

— Eba! — comemorou o segundo.

— Atacar! — berrou o terceiro, e mergulhou na direção dos olhos do dragão. Ele virou a cabeça para se proteger do ataque e bateu as enormes asas três ou

quatro vezes para se erguer acima das árvores. Os corvos foram atrás.

E lá foram todos, subindo, subindo pela noite escura e estrelada. Maria se agarrava com força à pele escorregadia e escamosa do dragão enquanto seus músculos tremiam debaixo dela. De vez em quando, ele girava e tentava abocanhá-la, mas ela estava muito próxima à cabeça do animal. Ela pensou na possibilidade de ele usar as garras para atingi-la, como um cachorro coçando suas pulgas. Mas um dragão não é um cachorro e aquela ideia não tinha passado por sua cabeça ainda.

De tempos em tempos, os corvos reapareciam ao lado de Maria e davam rasantes em direção aos olhos do dragão.

— Pela vingança do ninho! — bradou o terceiro corvo.

— O ninho de um pássaro é seu castelo! — exclamou o segundo, finalmente se juntando aos outros dois.

— Habeas corpus! — gritou o primeiro, um tanto tangencialmente.

O dragão continuou a ascender. O ar começou a gelar em volta das mãos de Maria. Suas articulações ficaram azuis. Logo, logo, ela e o dragão alcançaram uma altura onde os corvos não conseguiam chegar. Mas o dragão não parecia se importar. Suas asas transparentes continuavam batendo, batendo e batendo, até Maria ter de respirar fundo para conseguir encher os pulmões e começar a ficar um pouco tonta. O dragão continuava a subir.

Então Maria escutou uma voz. Bem baixa. E suave. E assustadora. Ela dizia:

— Fi-fá-fô-fança, acho que sinto o cheiro de carne de criança!

Maria olhou para cima. Ali — muito, muito perto — estava a lua. Seus olhos eram duros e cintilantes, como diamantes. Os dentes afiados de marfim apareciam por entre seus lábios brancos. Ela observava Maria enquanto o dragão se erguia.

— Oh, não — murmurou Maria.

Nhac! O hálito gelado da lua congelou o suor no pescoço de Maria. O dragão sentiu a baforada e também se agitou. A lua tentou abocanhá-la novamente. O dragão se movimentou de novo. A lua não queria nada com ele. Não que a lua tenha medo de dragões. Ela não tem medo de nada a não ser do sol, e só porque ele adora despejar xingamentos pra cima dela, um hábito detestável. Ainda assim, a lua geralmente não incomoda dragões. É claro que nem sempre eles vêm com crianças penduradas nas costas. E a lua raramente deixa passar a oportunidade de experimentar a carne macia e suculenta de uma criança.

O dragão rodopiou, e a lua cerrou os dentes.

Rodopio!

Nhac!

Rodopio!

Nhac!

Rodopio!

Nhac!

Maria passou a mão pelo cinto. Ser comida pela lua era tão ruim quanto pelo dragão. Ela pegou sua pequena adaga. Enquanto o dragão rodopiava e a lua se preparava para uma nova mordida, ela cravou a lâmina no pescoço do dragão com toda força.

Não chegou a perfurar as escamas, mas chamou sua atenção. E a da lua.

Então ele guinchou alto.

Maria caiu pelo ar. Seu braço estava coberto com sangue negro de dragão. Acima dela, o dragão dava aquele terrível grito e se contorcia de um lado para o outro. Acima dele, a lua tentava cuspir a carne de dragão nojenta que estava em sua boca e se amaldiçoava por não ter acertado na pele suculenta de Maria. Ela observou os dois desaparecerem na escuridão enquanto despencava.

Maria morreria a qualquer momento. Tinha certeza absoluta. Ela estava a milhares de metros do chão, mais alto do que os corvos podiam voar. Logo ela desabaria na terra e todos os seus ossos se despedaçariam e seu cérebro seria esmagado contra seu crânio e seu coração pararia de bater imediatamente. Ou então, ela cogitou, pousaria sobre um galho afiado e seria espetada como um pedaço de filé. Sua velocidade aumentava em queda livre. O ar gelado esquentava aos poucos. No alto, as estrelas piscavam para ela.

Então ela atingiu alguma coisa macia, rolou por cima e continuou a cair. Em seguida bateu em outra coisa macia, rolou por cima e continuou a cair. E depois em outra terceira coisa macia e então rolou por cima dela em direção aos galhos de uma árvore. E seguiu despencando por entre a folhagem, se arranhando em todos os galhos abaixo até finalmente parar no chão.

Ela não estava morta.

Sentou e olhou ao seu redor. Estava coberta com penas pretas. Nesse instante, ouviu o som de alguma coisa tremendo e viu três corvos negros desorientados, com a maior parte da plumagem escalpelada, se posicionando num galho acima de sua cabeça.

— Ai — resmungou o primeiro corvo.

— Ai — resmungou o segundo corvo.

— Ai — resmungou o terceiro corvo.

— Essa doeu — resmungaram todos eles ao mesmo tempo.

— Vocês me salvaram! — exclamou Maria.

— Não intencionalmente — admitiu o terceiro corvo.

— Você simplesmente calhou de nos acertar enquanto caía — explicou o segundo.

— É claro que nós sabíamos que isso aconteceria — esclareceu o primeiro. — Apenas não sabíamos que ia doer tanto.

De repente, Maria se levantou com um salto e correu para a floresta.

— Que falta de educação! — reclamou o terceiro corvo.

— Nós salvamos sua vida, e ela simplesmente corre sem nem um obrigado? — irritou-se o segundo.

— Ela vai encontrar o irmão — lembrou o primeiro.

— Ah, sim — concordou o segundo.

— Nós já sabíamos disso — concluiu o terceiro.

Maria se embrenhou na floresta, galhos estapeando seu rosto, vinhas se prendendo aos tornozelos.

— João! — gritou ela. — João!

A lua assustadora e devoradora de crianças brilhava através dos galhos das árvores. Ela corria sob sua luz.

Adiante, na sombra de uma muda de pinheiro, um corpo estava caído, virado de barriga para o chão. Maria desacelerou e se aproximou para ver melhor, rapidamente afastando os olhos. Não era João. O torso tinha um rasgo no peito. E metade de uma cabeça. Maria levantou, engoliu uma ânsia de vômito e saiu em disparada mais uma vez.

Ela viu outro corpo, parcialmente caído dentro de um arbusto. Ela correu até ele e o puxou. Uma mulher. Dessa vez, havia um buraco no peito, e seu pescoço estava dobrado num ângulo bizarro. Maria deu meia-volta e prosseguiu.

Corpos. Mais corpos. Maria não tinha percebido que tantas vidas haviam sido perdidas. Havia dúzias deles, espalhados, sem vida, pela floresta.

Mas onde estaria João? Onde ele estava? Talvez morto como esses que ela havia encontrado pela vegetação rasteira? Será que estaria tão imóvel? Tão gelado? Onde ele estava?

Então várias pedrinhas brilhantes começaram a reluzir pelo chão da floresta, iluminando o trajeto, e ela seguiu a trilha até chegar na clareira.

Lá, de pé no centro do gramado, estava João, coberto de sangue. Ela correu até ele e jogou os braços em volta do irmão.

— Está tudo bem — disse ele, tentando acalmá-la, com a voz rouca. — O sangue não é meu. Estava ajudando os feridos.

Ela balançou a cabeça e o abraçou.

Eles seguiram a trilha de pedrinhas para fora da floresta. Por todo o percurso, a lua assustadora iluminava o solo da floresta e todos os corpos espalhados pela mata silenciosa. Alguns rostos estavam cobertos de sangue, ainda com olhos abertos, porém sem vida. Outros estavam dilacerados a ponto de não serem reconhecíveis. Uma mão decepada se aninhava na curva de um galho. Uma mulher estava deitada de barriga para baixo, o cabelo espalhado em volta da cabeça sangrenta como uma coroa de espinhos.

As crianças esconderam os rostos.

Vidas perdidas.

Corpos vazios.

João e Maria se abraçaram enquanto caminhavam pela noite silenciosa e assustadora.

Tudo bem.

Respirem fundo.

Última história.

Lá vamos nós.





Era uma vez duas crianças, um menino chamado João e uma menina chamada Maria, que seguiram por uma trilha de pedrinhas brilhantes numa floresta escura e ensanguentada até chegarem a uma pequena cidade. A estalagem local estava aberta, com vozes saindo lá de dentro. Ao abrir a porta, foram recebidas com um estrondo.

— Eles estão vivos! — gritou alguém, enquanto os irmãos eram cercados de pessoas distribuindo

cumprimentos, cafunés e abraços de gratidão.

— Vocês conseguiram! — comemoraram eles. — Vocês sobreviveram!

— E nos salvaram!

Era o homem que tinha se escondido atrás da árvore. A mulher estava ao seu lado. Ela sorriu para eles.

— A maioria de nós — retrucou alguém.

Os gritos entusiasmados começaram a perder a força.

— E o dragão? — perguntou outro.

O silêncio se abateu sobre o recinto.

João e Maria encararam as pessoas ao redor, os rostos ansiosos cheios de esperança.

— Ele não morreu — lamentou Maria, sacudindo a cabeça. — O dragão ainda está vivo.

Um profundo suspiro de desapontamento percorreu todo o salão.

— Nós sentimos muito — desculpou-se João. — Tentamos ao nosso máximo.

— Maravilha! — Havia um jovem homem sentado no canto. Um corte ainda fresco em seu rosto estava amarelo por causa do bálsamo curativo. — As crianças deram tudo de si! Isso resolve tudo!

João e Maria repararam no homem e em sua cicatriz desfigurada.

— Eles tiveram uma ideia engraçadinha — continuou ele — e resolveram ver no que ia dar! Que ótimo pra vocês dois! — Seu tom repentinamente mudou. — Vocês

sabiam que eu quase morri lá? Que nós todos quase morremos?!

— Mas não morremos — respondeu um homem grande e barbado.

— *Nós* não morremos. Quantos morreram? Quantos mortos temos lá fora?

Houve um silêncio. João e Maria lembraram nitidamente dos corpos espalhados pela floresta. Maria pensou na mulher com o cabelo parecendo uma coroa de espinhos.

— São apenas crianças! — gritou o homem da cicatriz. — Fedelhos! Seguimos o conselho de duas crianças para tentar derrotar um dragão? Como achamos que isso poderia dar certo? Alguém achou que isso poderia acontecer?

Ele apoiou a cabeça nos braços, sobre a mesa.

Uma mulher que estava perto colocou a mão em seu ombro, olhando com raiva para João e Maria.

O homem barbudo se aproximou dos irmãos

— Não deem ouvidos a eles — falou, apoiando os dois. — Vocês foram muito bem. A maioria de nós sobreviveu. Ninguém nunca sobreviveu a uma luta contra o dragão antes.

— Que sujeira é essa em vocês? — perguntou uma mulher, apontando para Maria.

Ela estava coberta com o sangue escuro do dragão.

— Nós conseguimos feri-lo — disse Maria. — Arrancamos dois de seus dedos e talhamos a lateral de

seu rosto.

Ela deixou de fora a parte que a lua tinha abocanhado metade da bochecha do dragão. Achou difícil que acreditassem.

Sua notícia foi recebida com um rugido mais alto que aquele que os tinha recebido quando eles entraram:

— Eles o feriram!

— Arrancaram dois dedos!

— Fizeram um corte em seu rosto!

O homem barbado apertou os ombros das duas crianças com a mão carnuda.

— Viram? Essa foi apenas a primeira batalha. Vamos pegá-lo na próxima vez. E agora que sabemos que podemos derrotá-lo, vocês terão mil recrutas a mais. Dez mil a mais!

— E ele estará mil vezes mais esperto! — retrucou o homem do canto. — E dez mil vezes mais furioso! Quantas pessoas mais morrerão por essa... essa criancice? Agora será pior que antes. Ele se vingará de todos nós. De todo mundo.

Surgiram murmúrios de concordância por toda a taberna.

— O que será de nós? — resmungou ele.

O rosto de Maria queimava de angústia. João pressionava os lábios com tanta força que tinham ficado brancos.

— Há muitos corpos na floresta — concluiu João.

— Sim — respondeu o veterano. — Nós cuidaremos disso. Está na hora de vocês irem pra casa.

As crianças se viraram e saíram da taberna. Enquanto a porta se fechava atrás delas, algo bateu na madeira e caiu com estrondo no chão.

Eles caminharam de volta até o castelo enquanto o horizonte ao leste começava a mudar do preto para um azul muito, muito profundo. A lua tinha desaparecido. O ar estava gelado e úmido. Depois de algum tempo, Maria comentou:

— Alguma coisa no nosso plano deu errado.

— E daí? — respondeu João melancolicamente. — Essas coisas são assim mesmo.

— Mas como? — rebateu Maria, sacudindo a cabeça. — Ele deve ter descoberto de alguma forma.

— Descoberto o quê? Quem descobriu?

— O dragão.

— Do que você está falando?

— Ele sabia do plano. Ele viu as maçãs e avançou pela floresta para nos pegar por trás.

— Ele não tinha como saber — zombou João.

O menino esfregava os braços, tentando aplacar o frio que aparecia.

— Sabia, sim. Sobre tudo, menos a parte do vinho. — Maria deu um chute no chão. — Quem sabia do nosso plano?

— Ele não sabia — repetiu João. — Talvez tenha percebido que as maçãs eram uma armadilha. — Seu estômago, revirou. — Era um plano estúpido e infantil.

— Não — retrucou Maria. — De jeito nenhum. Ele sabia, sim.

No palácio, a rainha correu até eles e os segurou em seus braços:

— Oh, meus queridos! Vocês estão a salvo! Oh, graças a Deus vocês estão a salvo!

Ao ouvir a história inteira, a expressão da rainha ficou solene e séria.

— Não deu tudo errado. Vocês conseguiram feri-lo. Ninguém havia conseguido isso antes.

As crianças concordaram com a cabeça.

— Vocês fizeram uma coisa muito corajosa. Muito corajosa.

E abraçou os dois com força. Quando soltou, João perguntou:

— Cadê papai?

— Ele se trancou no quarto quando vocês saíram — respondeu a rainha. — Estava com tanto medo por vocês que não parava de tremer. Disse que tentou fazer a barba, mas se cortou. Um corte bem sério, parece.

— Mas ele está melhor? — perguntou Maria.

— Estou melhorando. — A voz do pai ecoou do outro lado do saguão. Ele veio mancando na direção das crianças, com uma atadura enrolada na cabeça, e

enlaçou os dois. — Foi tolice minha tentar fazer a barba num momento como esse. Isso me acalma quando é feito pelo barbeiro... Mas esqueçam seu pai ingênuo. Vocês estão bem? — E olhou para o sangue de dragão que cobria Maria. — O que aconteceu com você? Que negócio é esse?

Então todos foram se sentar em frente à lareira, e João e Maria repetiram toda a história que haviam contado para a rainha

— Vocês foram muito valentes — elogiou ele quando as crianças terminaram. — E quase fizeram uma coisa maravilhosa. Quase salvaram o reino do dragão.

— Quase.

A palavra saiu ao mesmo tempo da boca de João e da de Maria e entalou em suas gargantas como um caroço. Cada um lembrou silenciosamente daqueles que haviam morrido no meio da batalha.

Finalmente o rei e a rainha levaram as crianças para seus aposentos, com João ajudando o pai a subir a escada mancando. Depois de um beijo de boa-noite de cada um, o casal se retirou, deixando as crianças sozinhas.

Quando os passos deles silenciaram no corredor, Maria se sentou e abriu as cortinas da janela, deixando a brisa fresca da manhã entrar. O sol estava começando a nascer. Ela sacudiu a cabeça para tentar apagar aquelas

imagens terríveis da noite anterior de sua cabeça. E aquele peso, o velho peso, tinha voltado.

— Ele sabia — disse ela. — Ele sabia do nosso plano.

João se sentou. Ele sentia o peso também. Mais opressivo que nunca. Como se cada membro de sua família estivesse de pé em cima do seu peito. E cada habitante do Reino de Grimm no topo de tudo.

— Nada disso — retrucou ele, irritado. — Ele conseguiu nos avistar, ou ouviu uma conversa nossa, algo assim. Ninguém sabia do plano até estarmos no meio da floresta. E nenhum dos soldados fugiu.

— Mamãe e papai sabiam.

— Ah, por favor — ironizou João. — Então mamãe e papai contaram ao dragão?

Maria admitiu que aquilo soava ridículo.

Ela estava sentada, olhando pela janela. O reino se estendia diante dela sob o sol nascente. Talvez o dragão tivesse visto as maçãs douradas e descoberto tudo. Aquela armadilha tinha sido óbvia demais. Uma armadilha estúpida. Uma armadilha infantil.

Mas então...

— Por que papai tinha uma atadura em volta da cabeça? — conspirou Maria, de repente.

— Você ouviu ele falar. Papai se cortou fazendo a barba.

Maria balançou a cabeça. Depois de um momento, perguntou:

— Por que ele estava mancando?

— Porque... — começou João, mas hesitou.
— Ele estava barbeando os dedos do pé?
— Espere... não estou entendendo aonde você quer chegar — disse João.

Maria se levantou.

— Papai — repetiu ela.

— O que tem ele? — indagou João.

— Papai é o dragão.

— Como assim?!

— Quando foi que o dragão apareceu pela primeira vez? — raciocinou Maria. — Quando papai estava longe daqui, procurando por nós. Quando ele matou o exército do reino? Quando papai tinha ficado pra trás. Quem sabia do plano? Mamãe e papai.

— Mas o vinho... Você disse que o dragão não sabia o que estava naqueles barris.

Maria fez uma pausa, mas então retomou o raciocínio:

— Quando decidimos levar o vinho?

— Depois que contamos o plano pra eles...

— Depois que contamos o plano pra eles. E agora ele tem uma atadura na cabeça e está mancando.

— Não pode ser.

— É ele.

— Ele é nosso *pai*.

— Isso não importa — afirmou Maria. Dito isso, levantou e foi até onde estavam as roupas que tinha usado na batalha, jogadas numa pilha ensanguentada no chão, e tirou do cinto a pequena adaga. Ela caminhou até

a porta que dava para o corredor e a abriu, anunciando antes de sair: — Vou matar o dragão.

Maria desceu a escada lentamente e seguiu pelo corredor que levava ao quarto de seus pais. Abriu a porta. O rei estava parado, vestido com seu pijama, ao lado da cama. O pé estava enrolado com uma atadura grossa, e o sangue manchava o tecido.

— Onde está mamãe? — perguntou Maria.

O rei se virou, surpreso.

— Achei que você estaria dormindo — disse ele. — Ela está na capela. Por quê? — E então: — Maria, por que você está segurando essa adaga? O que está acontecendo?

— Você é o dragão — respondeu a menina.

— Como é que é?

— Você é o dragão! — gritou.

E deu um passo na direção dele. Ele deu um passo para trás. Ela se aproximou mais um pouco, então partiu pro ataque.

— Maria! — berrou ele enquanto a menina tentava enfiar a adaga em seu peito. Ele conseguiu se esquivar, imobilizando os braços da filha. — Maria! Pare! Pare! O que você está fazendo?

Bem naquele momento, João entrou no quarto. Viu o pai segurar os pulsos finos de sua irmã com mãos fortes. Ela estava gritando com ele:

— Você é o dragão! Você é o dragão!

E ela tentava atingi-lo com a ponta da adaga. Ele a sacudiu — violentamente —, e a adaga se soltou das mãos dela, caindo no chão com um estrondo. O rei chutou a arma para debaixo da cama.

Ele segurava os pulsos da menina com força:

— Maria, o que você está fazendo?

O rosto da filha estava vermelho e contorcido de fúria.

— Você fez isso conosco! — gritou ela. — Você arrancou nossas cabeças! Você é o dragão! Você matou aquelas pessoas! É culpa sua! Sua!

Ela levantou seu pequenino pé e pisou com toda a força em seus dedos enfaixados.

Ele jogou a cabeça para trás, urrando de dor.

Ela pisou no curativo várias vezes. A atadura começou a sair. Ela continuou a pisar.

— Maria! — implorou João. — Pare com isso! Você está machucando ele!

Mas Maria caiu no chão.

— Estão faltando dois dedos no pé dele! — exclamou ela. — Estão faltando dois dedos!

Seu pai olhou para ela. Os olhos não pareciam mais os mesmos. Eles eram dourados, sem as partes brancas ou as pupilas.

— João! — gritou Maria.

João tinha visto. Começou a procurar uma arma. Avistou uma espada pendurada na parede, que ele imediatamente apanhou, e foi na direção do pai — o dragão. O pai o encarou com seus olhos dourados.

— Sinto muito, pai — sussurrou João.

— Não é sua culpa — disse Maria.

E então, João cortou o ar com a lança na direção da cabeça da fera em ebulição, e, naquele momento, os dois irmãos se recordaram exatamente da sensação de ser decapitado, quando tinha acontecido com eles e não com o pai. E, logo em seguida, a espada de João arrancou a cabeça do rei de seu pescoço, e esta foi rolando pelo chão até um canto do quarto. O corpo sem cabeça caiu em cima de Maria.

E, de repente, tudo parou.

Maria aninhou o corpo do pai. A ponta da espada ensanguentada de João tocou o chão de pedra. A luz no quarto estava amarela como a manhã. Os pássaros do lado de fora não cantavam.

Então, do mesmo lugar onde momentos antes a cabeça tinha estado presa ao corpo, saíram duas pequenas garras. Elas foram rapidamente seguidas por pernas pretas finas, os olhos dourados e a cabeça de um dragão em miniatura que se parecia com uma minhoca. Seu corpo longo, fino, preto e coberto de sangue saiu pelo pescoço do rei, descendo pelo ombro e, antes que ela pudesse se mexer, passou pelo colo de Maria e chegou ao chão. Ele saiu freneticamente na direção da grade do esgoto, as garras arranhando e raspando as lajes do quarto.

Maria berrou, e João se lançou sobre a criatura, atingindo o corpo esquelético com a espada. Um golpe

furioso quebrou sua coluna. O golpe seguinte o decapitou completamente. Mas João não parou. Ele cravou a espada repetidamente na pequena criatura diabólica até que não restasse nada além de pedaços pretos gosmentos no chão. João, respirando com dificuldade, seus olhos em chamas, pegou a pá de cinzas da lareira. Ele juntou os restos mutilados da fera minúscula e os tacou no fogo. As chamas subiram absurdamente enquanto um longo, agudo e terrível grito perfurou o ar — exatamente como aqueles que João e Maria tinham ouvido na floresta.

No instante seguinte, tudo ficou quieto novamente, a fumaça dourada flutuando preguiçosamente do fogo ardente até a chaminé e então saindo pelo ar da manhã.

O dragão estava morto.

João olhou para Maria. Ela se sentou inclinada sobre o corpo sem vida do pai, soluçando profundamente. O menino veio até seu lado e a abraçou. E João e Maria, irmão e irmã, ficaram sentados no chão do quarto de seus pais e pensaram em tudo que tinham visto e tudo que tinham feito. E choraram muito.

O Fim

Por pouco.

— Rápido — pediu Maria entre lágrimas. — Traga a cabeça dele para mim.

João olhou para o canto onde a cabeça tinha ido parar. Ele caminhou até ela e — rapidamente, tentando não olhar — segurou-a em suas mãos, levando-a para a irmã.

De seu bolso, Maria tirou o barbante do feiticeiro. Já não era quase nada. Apenas um fiapo maltrapilho, tão fino quanto um cabelo.

— Coloque a cabeça no lugar — disse ela.

Então João colocou a cabeça do pai sobre o pescoço. Depois disso Maria enrolou o barbante nela e, com muita dificuldade, conseguiu amarrar. Quando ela desamarrou, o barbante se partiu, caindo no chão.

Eles observaram enquanto a pele no pescoço de seu pai se juntava, sarando diante de seus olhos. Mas ele não se movia.

Maria começou a chorar mais ainda. João chorou também.

— Nós o perdoamos — confessou Maria.

— Perdoamos — concordou João.

As lágrimas das crianças caíram sobre ele.

E ele se moveu. Maria quase o jogou para longe, de tão surpresa. O rei grunhiu.

— Pai? Pai! — gritou Maria.

Ele grunhiu novamente. Os olhos se abriram lentamente.

— Olá — cumprimentou ele.

João e Maria caíram sobre seu corpo:

— Oh, pai, você está bem! Você está bem!

Maria lamentou:

— Nós gostaríamos de não ter precisado fazer nada daquilo.

João argumentou:

— Mas realmente tivemos de fazer.

Ele abraçou os dois.

— Eu entendo — disse ele. E, então, piscando para eles como se tivesse acabado de sair na luz do sol depois de um longo tempo na escuridão, falou. — Eu atendo, minhas crianças.

Exatamente naquele momento, ouviram passos no corredor. Os passos da rainha. João olhou para o pai, coberto de sangue.

— Pai — perguntou ele —, mamãe sabia que você era o dragão?

— Não — respondeu o rei. — Nem eu mesmo sabia até esse exato momento. Simplesmente acordava em algum lugar estranho. Realmente achei que estava me barbeando...

— Certo. Entre no guarda-roupa.

Então seu pai entrou no guarda-roupa. Exatamente naquele momento, a mãe deles entrou no quarto.

— Como foram suas preces, mãe? — indagou João.

Ela segurou as crianças em seus braços:

— Oh, eu mal consigo rezar. Só penso no dragão e em nosso pobre reino.

Maria falou:

— E se nós lhe contássemos, mãe, que sabíamos quem era o dragão e que a única forma de acabar com ele fosse matar aquela pessoa?

A rainha olhou, confusa, para as duas crianças:

— Vocês sabem quem é? Então devemos fazer isso! Imediatamente!

— Independentemente de quem seja? — perguntou João.

— Independentemente de quem seja.

— É papai — revelaram as crianças, ao mesmo tempo.

A rainha se engasgou. Ela caiu no chão e chorou amargamente.

Depois de um longo tempo, ela falou:

— Se vocês têm certeza de que é ele, se vocês puderem provar... então sim. Eu não seria capaz de fazer isso. Mas eu entenderia.

As crianças se olharam e em seguida disseram, ao mesmo tempo:

— Como estamos felizes por você ter dito isso!

Então caminharam até o guarda-roupa e deixaram o rei sair, todo coberto de sangue.

A rainha deu um berro. João e Maria explicaram tudo. A rainha caiu em prantos e bateu no peito do rei com suas mãos. Mas, logo em seguida, soltou uma risada

junto às lágrimas e jogou os braços em volta de todos. E chorou mais um pouco.

— Vocês estão bem? — perguntou ela, enquanto lágrimas escorriam pelo rosto.

— Estamos todos bem — responderam eles juntos.

E todos se abraçaram — uma grande família feliz, triste e complicada — tão apertado quanto sempre deveriam ter se abraçado.

O Fim

Quase.

Desculpe. Antes de partir para o muitíssimo verdadeiro absoluto fim, tenho de fazer uma última intervenção.

Por pura diversão.

Ou talvez para ajudá-los, se eu conseguir. (Apesar de não estar contando muito com essa possibilidade.)

Por que essa decapitação parricida precisava acontecer? Por que algo tão terrível? Tão assustador? Tão desconcertante? Por que o pai deles era o dragão? E será que eles tinham mesmo, de verdade, de arrancar a cabeça dele fora?

E tudo que aconteceu antes? Todo aquele sangue e sofrimento. Qual o sentido daquilo tudo? Será que existe algum?

Não sei.

Quero dizer, o que atender tem a ver com voltar pra nossa casa? Ou arrancar o próprio dedo tem a ver com se transformar numa fera selvagem? O que uma velha megera acorrentada tem a ver com o Fiel Johannes? Ou três corvos pretos com gaiolas cheias de pombos brancos? Por que a lua é cruel e gelada, quando as estrelas são brilhantes e simpáticas? Por que a viúva era uma boa mãe e mesmo assim tão incapaz de proteger Maria

quanto seus pais? Qual o significado dessas histórias todas — esses contos estranhos, horripilantes, sombrios, soturnos?

Como disse antes: não sei.

Além disso, mesmo se soubesse, não contaria pra vocês.

Afinal de contas, para encontrar a sabedoria mais iluminada é preciso passar pelas zonas mais escuras. E, nessa escuridão, não há nenhuma guia.

Nenhuma guia, na verdade, a não ser a coragem.

Enquanto João e Maria e a rainha e o rei se abraçavam, o resto da fumaça dourada do dragão subia da chaminé e saía pelo ar da alvorada. O dourado se misturava ao nascer do sol e lentamente se espalhava por todo reino. Era uma cena admirada por cada habitante que despertava naquela manhã. Eles eram atraídos para fora de casa pela linda fumaça dourada flutuando logo abaixo das nuvens. E acompanhavam seu trajeto. Sem perguntar o motivo, sem dizer uma palavra, eles se locomoviam na direção daquela nuvem brilhante, como se soubessem que alguma coisa tinha acontecido. Alguma coisa importante. E que, para descobrir o que era, tudo que tinham de fazer era seguir a fumaça dourada.

Pelas estradas, os súditos de Grimm caminhavam lentamente na direção de onde emanava aquele brilho tão intenso. Na direção do castelo.

— Vocês acabaram não contando — comentou a rainha com as crianças enquanto eles estavam sentados no chão do quarto, o sangue serpenteando pelas fendas das pedras e se juntando em pequenas poças. — Vocês acabaram não contando nada sobre onde vocês estiveram e o que fizeram no tempo em que estiveram ausentes.

João e Maria se entreolharam.

— Não precisam contar — disse o pai delicadamente. — Não agora. Nem nunca, se não quiserem.

João olhou fixamente para a irmã. Os olhos, azuis como o oceano e iluminados como o sol, estavam mais felizes e mais claros do que ele tinha reparado em muito, muito tempo. Maria retribuiu o olhar do irmão. Ele parecia aliviado. Mais leve. E mais velho que nunca. Não velho de preocupação. Velho de sabedoria.

— Podemos contar — assentiu Maria.

Então deram início à narrativa. João começou com o que Johannes havia lhe dito, sobre o velho rei deitado em seu leito de morte. Maria planejava assumir as rédeas assim que ela e João entrassem na história.

Mas, naquele exato momento, eles ouviram uma batida à porta dos aposentos do rei e da rainha.

— Sim? — respondeu o rei.

Um criado passou a cabeça pela porta.

— Com licença, Majestade — disse ele. Então viu sangue no rei. — Majestade! Vossa Alteza está bem?

— Estou bem — respondeu o rei. — O que houve?

— Eu... hmm... — O criado, chamado Wilhelm, sacudiu a cabeça e tentou não olhar para o sangue. — Seu povo — prosseguiu ele. — Eles estão parados do lado de fora do castelo.

— Como assim? Que povo?

— Os súditos.

— Que súditos? — perguntou a rainha.

— Todos eles, Majestades.

O rei e a rainha se levantaram com um salto.

— Mas por quê? — exclamou a rainha.

— Eu... eu não sei bem dizer — desculpou-se o criado.

— Acho que deve ter algo a ver com a fumaça dourada.

— Que fumaça? — indagou a rainha.

— O dragão — sussurrou Maria para ela.

— Como assim? — surpreendeu-se o rei. João deu uma olhada expressiva para o pai. — Ah — compreendeu ele. — Claro. — Ele se virou para a esposa. — Devemos descer?

Ele parecia preocupado.

A rainha olhou para as crianças.

— Não tem problema — disse João.

Maria concordou com a cabeça.

Mas a rainha falou:

— Não. Deixe eles esperando.

— Mas Majestade! — argumentou o criado. — Eles estão clamando por Vossas Altezas!

— Deixe que clamem — respondeu a rainha.

O rei acrescentou:

— Tente mantê-los entretidos.

O criado estava pronto para protestar novamente, mas assim que percebeu a expressão no rosto do rei e da rainha, acabou desistindo e fechando a porta. João e Maria sorriram para os pais, e João recomeçou a história.

No corredor, os outros criados se juntaram em volta de Wilhelm.

— O que devemos fazer? — perguntou um deles.

— Mantenham todos entretidos — respondeu Wilhelm.

— De alguma forma.

— O que estão falando lá dentro? — Quis saber outro.

— Dá pra ouvir as vozes das crianças.

Os criados encostaram suas cabeças à porta. João estava contando sobre o retrato da princesa dourada.

— Rápido! — falou Wilhelm. — Chame quantos criados você conseguir. Todos do castelo!

Então um deles saiu para cumprir a missão, enquanto os outros continuaram com as orelhas coladas na porta.

Quando todos estavam nas devidas posições, Wilhelm combinou:

— Jacob e eu... — Ele apontou para o criado à direita — ...vamos escutar através da porta e retransmitir tudo que eles estão dizendo. A próxima pessoa, então, passará essa história adiante para quem estiver mais próximo, da melhor maneira que conseguir, e assim por diante por todo o caminho até a sacada. Nessa hora, o pregoeiro real estará a postos para retransmitir finalmente para todos os súditos. — Ele se virou para a equipe da cozinha. — Podem ir preparar um banquete. Para todo mudo.

— Para todo mundo?! — exclamou o cozinheiro-chefe.

— Todo mundo!

E deram início ao plano. João e Maria contaram toda a história, desde o leito de morte do velho rei até a decapitação de seu pai. E os criados repassaram tudo, da melhor maneira que conseguiram, pelos corredores do castelo até chegar no pregoeiro real que, por sua vez, retransmitiu para o povo do Reino de Grimm.

A narrativa durou o dia inteiro e o começo da noite. Então, enquanto as estrelas começavam a despontar, mas antes que a lua assustadora aparecesse ao sul do céu, João e Maria terminaram a história. Novamente, a família se abraçou, bem apertado, e se levantou. Eles alongaram os braços e as pernas e se encaminharam para a porta. Os criados tinham recuado até a parede do outro lado do corredor. Quando o rei saiu, perguntou o que estavam fazendo ali parados. Wilhelm explicou que

eles estavam prontos para levá-los até a enorme sacada, onde os súditos ainda estavam esperando. Todos tinham sido devidamente alimentados.

— Você deu comida a eles? — perguntou a rainha. — Que ótima ideia!

Wilhelm se curvou.

— O que vocês disseram a eles? — perguntou o rei.

Wilhelm passou as mãos pelos cabelos, num gesto nervoso, e deu uma olhada para Jacob e os outros criados. Todos voltavam os olhos para o chão. Então confessou:

— Nós narramos para eles tudo que João e Maria contaram a Vossas Majestades. Sobre suas aventuras. — A rainha levantou as sobrancelhas. — Permita-me ser o primeiro a parabenizar as crianças — acrescentou ele rapidamente — por terem derrotado o dragão com tanto sucesso. Palavras não seriam suficientes para descrever nossa gratidão.

Aquela declaração soou genuinamente sincera.

A rainha olhou para o rei, mas este apenas sorriu:

— Excelente — concluiu ele. — Bom trabalho. Ótimo.

E também soou bastante sincero. Com isso, a família real seguiu a fila de criados até a sacada.

Os milhares de súditos do Reino de Grimm estavam sentados diante da sacada, desfrutando o jantar que a cozinha tinha providenciado para eles e escutando o final da história com muita atenção.

— Eu entendo — dizia o pregoeiro quando o rei, a rainha, João e Maria apareceram atrás dele. — Eu atendo vocês, minhas crianças.

Um rugido se ergueu na mesma hora. O pregoeiro, achando que estavam rugindo para seu relato da história, agradeceu em reverência. Mas então ele percebeu que a família real tinha chegado, e recuou bem rápido.

Os aplausos dos súditos eram ensurdecedores. João e Maria estavam parados diante deles e observavam tudo aquilo. Ambos sorriram.

Nesse momento, o rei ergueu as mãos. Os súditos rapidamente se silenciaram.

— Tenho algo que devo dizer — anunciou ele. — Essas duas crianças mataram o dragão. Derrotaram aquele monstro, mesmo quando todos os outros tentaram e não conseguiram.

Os súditos aplaudiram freneticamente. O rei ergueu as mãos novamente para exigir silêncio.

— O dragão teria destruído esse reino inteiro — continuou. — Teria transformado tudo numa ruína depredada. — Ele fez uma pausa. Tentou engolir o nó que tinha se formado em sua garganta. — *Eu* o teria transformado numa ruína depredada. Eu não sabia que isto estava acontecendo, obviamente. Não sabia que eu era o dragão. Mas o dragão, eu, teria destruído nosso reino se João e Maria não tivessem me impedido.

O povo de Grimm olhou atentamente.

— Não posso mais ser rei. Como poderia? Depois de tudo que fiz?

Estavam todos em um silêncio sepulcral.

— Estou passando minha coroa adiante. E peço que minha esposa faça o mesmo. Passaremos nossas coroas aos nossos filhos.

Um murmúrio varreu a multidão:

— A João e Maria? A crianças?

— Sim! — declarou o rei. — Eles são crianças. Mas são as crianças mais sábias e corajosas que já conheci. Minha esposa e eu os ajudaremos em tudo que precisarem. Mas... — E nesse momento ele ergueu a mão e o burburinho parou. — Existe uma sabedoria nas crianças, uma espécie de consciência, uma espécie de crença, que nós, enquanto adultos, não temos. Existe um momento em que um reino precisa de suas crianças. Destas crianças. Rei João e Rainha Maria.

Silêncio total.

— Eles obviamente se casarão com outras pessoas — acrescentou a rainha.

Ainda um silêncio total.

E então, na multidão, o homem alto de Wachsend, aquele careca com o nariz de boxeador, gritou:

— Mas eles são apenas crianças pequen...

Mas antes que ele pudesse terminar, outra pessoa gritou. Era um rapaz de cabelos compridos e uma cicatriz recente e brutal no rosto. Aquele da taberna. Ele tinha

subido nos ombros de um amigo. João e Maria o avistaram. Seu rosto estava brilhando.

— Eles nos salvaram do dragão! — gritou ele. — Longa vida ao Rei João! Longa vida à Rainha Maria!

O povo de Grimm olhou para os irmãos. As palavras do rei evidenciaram o valor dessas crianças. Das suas crianças.

— Longa vida ao Rei João! — bradou o jovem homem novamente.

Outra pessoa acompanhou o grito:

— Longa vida à Rainha Maria!

E depois outro. E mais outro. Mais e mais, mais e mais, formando um tumulto em volta dos dois:

— Longa vida ao Rei João! Longa vida à Rainha Maria!

Enquanto eles saudavam o povo de Grimm, seu pai se aproximou e declarou:

— Esses súditos são seus filhos agora.

E sua mãe disse:

— Vocês devem cuidar deles.

— Melhor — acrescentou o pai — do que cuidamos de vocês.

João se virou para ele e, sorrindo, acenando para a multidão, concluiu:

— Parece que vocês fizeram um bom trabalho.

Maria esticou o braço e segurou a mão do pai e a da mãe.

Os súditos continuaram a festejar, até suas gargantas começarem a arranhar e o céu parecer rodopiar em volta

deles.

— Longa vida ao Rei João! — clamavam eles. — Longa vida à Rainha Maria! Longa vida a João e Maria!

E vocês sabem o que mais?

Eles tiveram uma vida longa.

Q Fim

Sério.



Agradecimentos

Era uma vez uma mulher extremamente inteligente chamada Gabrielle Howard, que não era muito alta, possuía um adorável sotaque britânico e era a diretora da escola primária Saint Ann's, no Brooklyn, em Nova York. Um belo dia, Gabe, como ela é chamada, entrou na minha sala do segundo ano fundamental e leu *Os sete corvos*, dos Irmãos Grimm, para meus alunos (você sabem, caros leitores, que os Irmãos Grimm deveriam tê-lo chamado de *As sete andorinhas* — apenas mais um de seus muitos, muitos erros). Como vocês também sabem, a pequena menina em *As sete andorinhas* arranca seu próprio dedo. Então, depois que Gabe tinha terminado de ler a história, e depois que eu fui ressuscitado com um desfibrilador, e depois de Gabe ter me assegurado de que eu não estava demitido, porque, afinal de contas, *ela* havia lido a história para os alunos, e não eu, decidi que havia algo de especial nesses contos dos Irmãos Grimm e que eu realmente deveria estudá-los. Então foi Gabe Howard que me apresentou aos Irmãos Grimm, e foi

Gabe Howard que me ensinou, e ainda me ensina, a confiar que crianças podem aguentar o tranco. Independentemente de o que o “tranco” seja. (Certa vez, ela propôs que eu encenasse *Rei Lear* com uma turma de alunos do segundo ano do fundamental. Nós, liderados pela brilhante Sarah Phipps, acabamos encenando *Noite de reis*.)

Os alunos de Saint Ann’s são minhas musas. Foi, na verdade, uma turma de alunos do primeiro ano do fundamental que insistiu para que eu lhes contasse história atrás de história atrás de história, e dessa forma sugeriram que havia em mim histórias que crianças queriam ouvir. É a sede de conhecimento dos meus alunos, seus questionamentos, seus pensamentos, sua arte, seus questionamentos ainda mais profundos, sua escrita, sua capacidade de continuar questionando ainda mais, mesmo quando eu estou na frente deles, implorando para que parem, e, acima de tudo, seu crescimento que me inspira.

Eu gostaria de agradecer a meus professores da escola The Park de Baltimore. Lembro deles todos os dias. Realmente lembro. Um deles, Laura Amy Schlitz, leu a versão em inglês de *Um sorriso tão vermelho quanto sangue* para mim quando eu era muito jovem, entortando minha mente para sempre. Ela ainda me ensina e me inspira e me ajudou a manter o ânimo enquanto eu viajava por esses contos sombrios.

Não há nada que eu tenha feito no âmbito de escrever e tentar publicar meus textos sem consultar Sarah Burnes, que estava certa em exatamente todos os conselhos que já me ofereceu. Ela me identificou como um escritor antes mesmo que eu chegasse a essa conclusão, e então me explicou o que era bom e o que era ruim na minha escrita até chegarmos onde estamos. Entre seus palpites mais astutos está o gesto de ter me apresentado a Julie Strauss-Gabel. Antes de me conhecer, Julie achava que conhecia a verdadeira história de João e Maria. Porém, juntos, nós descobrimos qual era a verdadeira história. Ela tem sido tanto uma parceira quanto uma editora, e não resta dúvida de que eu teria reproduzido a história errada, falsa e imprecisa de João e Maria se não fosse por ela.

Alguns prezados amigos e familiares leram esse livro e me ofereceram ideias e críticas inestimáveis. John, Patricia e Zachary Gidwitz; Adele Gidwitz (minha primeira leitora);

Erica Hickey; e Lauren Mancia.

Na verdade, Lauren Mancia esteve ao meu lado em cada ideia boa e ruim que tive sobre qualquer coisa nos últimos sete anos. E espero que pelos próximos setenta.

Finalmente, devo agradecer aos Irmãos Grimm. Foram eles que escreveram esses contos sombrios e soturnos, e foram suas visões e suas vozes que inspiraram este livro. Se vocês não leram suas versões dos contos, devem ler.

O impacto delas em mim, e em todos nós, foi incomensurável.

Além disso, suas histórias são incríveis.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Um conto sombrio dos Grimm

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/livro/440778ED499448>

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/13506-adam-gidwitz>

Wikipédia do autor

https://en.wikipedia.org/wiki/Adam_Gidwitz

Site do autor

<http://www.adamgidwitz.com/>

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/3407883.Adam_Gidwitz

Twitter do autor

<https://twitter.com/adamgidwitz>